

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA  
AÇÃO POLÍTICA: O CASO DO MOVIMENTO  
HIP-HOP NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE**

**THAYRONI ARAÚJO ARRUDA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2013**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA AÇÃO POLÍTICA: O CASO DO  
MOVIMENTO HIP-HOP NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.**

**Thayroni Araújo Arruda**

**Desenvolvimento, ruralidades e políticas públicas**

**CAMPINA GRANDE**

**20**

**THAYRONI ARAÚJO ARRUDA**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA AÇÃO POLÍTICA: O CASO DO  
MOVIMENTO HIP-HOP NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.**



Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Linha de pesquisa: Desenvolvimento, ruralidades e políticas públicas.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

CAMPINA GRANDE  
2012

**DIGITALIZAÇÃO:**  
**SISTEMOTECA - UFCG**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A778c Arruda, Thayroni Araújo.

A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos : o caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande / Thayroni Araújo Arruda. – Campina Grande, 2013.

111 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior”.

Referências.

1. Sociabilidade Juvenil. 2. Análise de Discurso.  
3. Institucionalização. 4. Identidade. 5. Movimento hip-hop. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Título.

CDU 316.346.32-053.6(043)



FOTO 01 - Integrantes do Núcleo Campina com o B-boy Nelson Triunfo durante a sua estadia na cidade de Campina Grande para o evento Rap e Repente

**THAYRONI ARAÚJO ARRUDA**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA AÇÃO POLÍTICA: O CASO DO  
MOVIMENTO HIP-HOP NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Linha de pesquisa: Desenvolvimento, ruralidades e políticas públicas.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior**  
**Universidade Federal de Campina Grande / UFCG - Orientador**

---

**Dr. Vanderlan Silva**  
**Universidade Federal de Campina Grande / UFCG - Examinador interno**

---

**Dr. Marco Aurelio Paz Tella**  
**Universidade Federal da Paraíba / UFPB - Examinador externo**

Dedico esta dissertação aos meus pais, Juvêncio Arruda Jorge e a Maria José Araújo Arruda, aos meus irmãos Andréa, Timmers (à memória) Anthares e Timmers Jr. À Larissa C Nunes pela paciência e compreensão que teve durante os momentos que precisei me ausentar. Aos meus filhos Arthur e Natália Nunes por justificarem o motivo de minha existência.

É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão que sentar-se, fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias frios em casa me esconder. Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver.

*Martin Luther King*

## AGRADECIMENTOS

Dou início aos meus agradecimentos citando um mestre da dramaturgia, um homem que fez da arte de atuar uma importante ferramenta de denúncia dos problemas de natureza sociais. Um ator que soube representar de forma silenciosa o barulho ensurdecedor que as relações sociais deixam na alma dos que se permitem tocar. Dos que reconhecem que a responsabilidade de “atuar” no palco da vida é única e exclusivamente sua, e que hoje se vive as escolhas feitas no passado e por isso entregar a direção da vida ao “acaso” é uma forma covarde de encará-la.

Para Charles Chaplin, cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.

Inúmeras foram às pessoas que passaram por minha vida durante o processo de concepção, execução e finalização do projeto dissertativo, e cada uma delas deram contribuições significantes no decorrer dessa longa caminhada. Muitos foram os obstáculos que tentou me parar, mas as palavras e os gestos de incentivos, bem como a paciência e compreensão daqueles que conviveram diariamente comigo; em especial a minha esposa Larissa Nunes e aos meus filhos, foram fundamentais para transformar as dificuldades que encontrei no caminho em desafios. Desta forma, quero agradecer à:

Primeiramente aos meus pais, **Juvêncio Arruda Jorge e Maria José**, por todo esforço desempenhado para me proporcionar uma boa educação, pelos incentivos e apoios dados a cada nova tarefa que a vida vem me proporcionando.

A minha esposa **Larissa Nunes** pelos momentos de tristezas e alegrias que compartilhamos durante os anos de convivência.

Aos meus filhos **Arthur e Natália Nunes** por terem me proporcionado momentos de extrema alegria – embora em algum desses momentos a alegria viesse acompanhada de uma boa dose de stress.

Ao casal **Maria Luiza e Francisco de Assis (seu Chó)** por ter me recebido de braços abertos em sua família, pelas palavras ditas e as não ditas, pelo exemplo de pais, filhos e pessoas que são. Agradeço profundamente por tudo que fizeram por mim e fazem por minha filha.

A uma pessoa que me cativou com sua irreverência ingênua e me ensinou que é possível ser sensato, sério e responsável sem perder a suavidade de lidar com as diversidades da vida. Muito obrigado pelos inúmeros ensinamentos e pelas oportunidades de estágios que tive. Muito obrigado **Gerarda Xavier**.

A **Madalena Nunes Crispim**; pela sua generosidade e paciência com a qual me recebeu em sua casa, durante várias noites que antecederam a prova de português do vestibular da UFCG. O amor pela vida e pela profissão é traduzido através da simplicidade de gestos bondosos que esse ser iluminado distribui sem “economizar” esforços aos que com ela convivem. Muito obrigado pelas aulas de Português dona Madalena, a senhora é peça fundamental nessa minha trajetória

acadêmica.

**Maria José Crispim Clemente**; Pelas belas palavras de incentivos e apóio que saiam pela sua boca em forma de energias positivas.

Aos professores **Dr. Luis Henrique** e **Dra. Ramonildes**, pelo incentivo e apoio dado durante todo meu percurso acadêmico, por despertarem em mim o gosto pela sociologia, por não se negarem a me ouvir nas horas que precisei. Muito obrigado pelo profissionalismo e amizade.

Sou grato também ao professor, orientador e amigo **Dr. Ronaldo Sales** pela atenção pela responsabilidade e profissionalismo que desempenhou durante todo o processo de orientação.

Ao professor **Dr Vanderlan Silva** pelas contribuições dadas durante a qualificação do projeto.

A amiga **Dr Angelina Duarte** pelas conversas que tivemos sobre o *Movimento* , pelas indicações e empréstimos de materiais.

Sou grato a **Fábio Costa, Giancarlo, Roberto Miranda, Aldo** entre outros amigos que transformaram momentos difíceis da minha vida em ocasiões prazerosas, regadas a cervejas e boas conversas.

## RESUMO

A modernidade e o processo de globalização criam um ambiente favorável onde os integrantes do *Movimento* aparecem compartilhando das mesmas conjunturas históricas, sociais e econômicas. A verdade é que não podemos considerar os sujeitos deste movimento como uma unidade globalmente homogênea. As condições estruturais de existência, os quadros de interação em que se movem, assim, como os contextos sociais de produção de sentido, são variáveis que se relacionam com a formação de padrões de valores, representações, comportamentos e práticas. O próprio *Movimento* se constrói sobre bases diversificadas de elementos socio-culturais distintos. À luz da sociologia do discurso, o presente estudo busca entender como se dá o processo de institucionalização do *Movimento* através da ação política dos sujeitos. Entendemos que o discurso é uma prática social significativa de natureza material e que todo o espaço social deve ser considerado como um espaço discursivo se ampliarmos a noção de discurso para aquilo que articula “todo o tipo de ligação entre palavras e ações, formando assim, totalidades significativas” (LACLAU, 2000; p. 10). Durante esse nosso percurso analítico, a temática da identidade não surge como foco principal – embora perpassasse toda a discussão da nossa dissertação – a mesma aparece como um produto de ordem discursiva que disputa sentido no que Laclau e Mourffe (1985) denominam de campo da discursividade, que é o espaço onde ocorrem as disputas discursivas. Desta forma, a questão identitária é abordada a partir da ótica da hegemonia do discurso, o que não nos impede de dialogarmos com outros autores que trabalham indiretamente com a questão identitária. Assim, em um sentido mais específico, fazemos uso do conceito Weberiano de “comunidade étnica” Apesar do conceito weberiano ser aplicado a grandes grupos e nações, o sentido que damos a ele em nosso trabalho se traduz no entendimento do surgimento de grupos minoritários através da ação política de seus sujeitos. Para tanto, nos restringimos ao estudo de caso do Núcleo Campina – NH2C – que está localizado na Cidade de Campina Grande / PB, que como outros centros urbanos, apresenta graves problemas sociais e elevados índices de pobreza. Espaço onde várias expressões da cultura exercitam sua expressividade, dialogando umas com as outras e gerando assim ambiente propício para a consolidação do *Movimento*.

**Palavras-chave:** Análise de discurso, Sociabilidade juvenil, Institucionalização, Identidade, Movimento.

## ABSTRACT

Modernity and globalization create an environment where members of the movement appear sharing the same historical conjunctures, social and economic. The truth is that we can not consider the subject of this move as a unit globally homogeneous. The structural conditions of existence, interaction frames that move as well, as the social contexts of meaning production, are variables that relate to the formation of patterns of values, representations, behaviors and practices. The movement itself is built on foundations diversified different sociocultural elements. In light of the sociology of discourse, this study seeks to understand how is the process of institutionalization of the movement through political action of the subject. We understand that discourse is a social practice significant material nature and all social space should be considered as a discursive space if we expand the notion of discourse to that which articulates "every kind of connection between words and actions, thus forming wholes significant" (Laclau, 2000, p. 10). During that our analytical course, the theme of identity does not emerge as main focus - although perpassa whole discussion of our dissertation - it will appear as a product of discursive order to dispute the sense that Laclau and Mourffe (1985) called the field of discourse, which is the space where disputes occur discursive. Thus, the identity issue is addressed from the perspective of hegemonic discourse, which does not prevent us to dialogue with other authors who work indirectly with the question of identity. Thus, in a more specific sense, we make use of the Weberian concept of "ethnic community" Despite the Weberian concept be applied to large groups and nations, the meaning we give it in our work is reflected in the understanding of the emergence of minority groups through political action of their subjects. Therefore, we restrict ourselves to the case study of the Core Campina - NH2 C - which is located in the city of Campina Grande / PB, which like other urban centers, has serious social problems and high poverty rates. Space where various expressions of culture exercise their expressiveness, dialoguing with each other thus creating conducive environment for the consolidation of the movement.

**Keywords:** Discourse analysis, youth sociability, institutionalization, identity, movement, .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
O início da caminhada.....	14
A temática.....	18
A teoria.....	19
Organizações institucionais.....	21
A hegemonia do discurso como análise institucional.....	22
A metodologia.....	24
<b>CAPÍTULO I. Globalização, urbanização e novas formas de sociabilidade juvenil.....</b>	<b>28</b>
Abordaremos neste primeiro capítulo três das principais categorias que entendemos ser fundamentais no processo para institucionalização de um movimento sociocultural. No percurso linear de organização dos sujeitos através da ação política; a globalização passa a exercer um papel fundamental nas relações sociais. O tempo e o espaço se modificam, vê-se surgir no espaço urbano, novas formas de sociabilidades.	
Globalizando possibilidades.....	29
A espacialização do social no espaço urbano.....	31
A juventude da qual falamos.....	34
Sociabilidade juvenil.....	36
<b>CAPÍTULO II. Que eu desorganizando posso me organizar.....</b>	<b>40</b>
Abordaremos neste II capítulo os conceitos teóricos que embasaram o desenvolvimento da dissertação. Discutiremos como a noção de institucionalização é tratada pelas vertentes do institucionalismo no campo da sociologia organizacional bem como abordaremos uma discussão teórica sobre movimento social.	
Organizando as ideias.....	41
Organizações institucionais.....	43
A hegemonia do discurso como análise institucional.....	46
Organização e Movimento Social.....	48
Lógica da ação coletiva.....	48
<b>CAPÍTULO III. Um movimento global / Brasil / Campina Grande.....</b>	<b>53</b>
Tomaremos como fio analítico condutor da nossa discursão neste III capítulo, o conceito Laclauiano de “cadeia equivalencial” para compreendermos como se deu o processo de surgimento do Movimento . Refletiremos sobre os elementos objetivos e subjetivos que transformaram o em um movimento global que pode ser encontrado na maior das metrópoles urbanas como também em cidades interioranas onde a tradição opera com maestria.	
Origens e características do Movimento Hip-hop.....	54
Diverso por natureza.....	60
O Movimento no Brasil.....	64
O Movimento na cidade de Campina Grande / PB.....	67

**CAPÍTULO IV. O Núcleo Hip-hop Campina.....73**

Abordaremos neste IV capítulo o processo de institucionalização do Movimento na cidade de Campina Grande a partir das formas de sociabilidade urbana que dão sentido as interações entre os membros das diferentes expressões artísticas do movimento.

Primeiros passos.....74

A ação política como geradora de uma identidade.....76

**CONSIDERAÇÕES FINAIS .....97**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....100**

**APÊNDICES.....106**

Apêndice A.....107

**ANEXOS.....108**

Anexo A.....109

## INTRODUÇÃO

---

## INTRODUÇÃO

---

### O INICIO DA CAMINHADA

Sou paraibano, natural da cidade de Campina Grande, filho mais novo de uma família de quatro irmãos. No início da década de 1980, ainda pequeno, nossa família mudou-se para a cidade do Recife no Estado de Pernambuco, onde, em terras mauricianas, eu pude ter o primeiro contato com a cultura dita “urbana”.

Fomos morar no bairro de Piedade, município de Jaboatão dos Guararapes, litoral sul do Grande Recife, na época um bairro com muitas residências para veraneio o que dava um ar de pacato e tranqüilo nos períodos de baixa estação. Mas com o passar dos anos, o bairro foi ficando cada vez mais populoso. Dou início aos meus estudos primários em uma escola particular, chamada Zuleide Constantino, situada em um bairro vizinho ao que morávamos na época. Após ter concluído o ensino fundamental, migrei para uma escola mais próxima de minha casa, onde pude fazer a quinta e sexta série do ensino médio. Foi a partir da minha repetição da sexta série no Colégio Souza Leão, que o “urbano” começa de fato a se desenhar na minha vida de uma maneira tão intensa que já era quase inevitável se esquivar do que estava posto.

Com mais uma transferência escolar, fui estudar dessa vez no Colégio Estadual Saturnino de Brito, que fica localizado no bairro de Porta larga, um bairro distante de onde morávamos. Durante o período que passei nesta escola, comecei a andar de *skate* mediante influência de amigos, conheci integrantes de grupos de *Rap* – como foi o caso da banda Faces do Subúrbio – que estudavam lá, e faziam festas esporadicamente na escola. Com 14 anos de idade, comecei a sair com turmas de amigos para pixar muros da cidade. O contato com o *spray* foi uma porta aberta pra o meu ingresso no *Movimento* através das artes plásticas. Fui convidado por um amigo para ir à casa de um grafiteiro muito conhecido na época, um dos pioneiros do grafite em Pernambuco. “Olho”, como se automeava, ministrava oficinas de grafites em grandes eventos de Pernambuco, tendo seu trabalho estampado em vários muros da cidade e sendo bastante requisitado para fazer performances em eventos como o “Abril Pro Rock”, “PE no Rock”, entre outros. A partir deste dia, passei a acompanhar os passos de Olho. Quando eu sabia que ele estava pintando em algum evento, eu corria pra vê-lo pintar. Pesquisei sobre a arte do grafite em livros e revistas, vi filmes sobre o tema que me fizeram refletir sobre o uso da tinta *spray* para fins artísticos e não mais como uma ferramenta de depredação dos espaços públicos.

Em meados da década de 1990 acontecia tudo muito rápido e intenso na cidade do Recife, vários são os movimentos culturais que nascem como alternativas reais para a produção das interações juvenis. O movimento Manguebeat<sup>1</sup> surge nesse período e passa a levantar, entre as suas bandeiras a do ecoando o som que vem das ruas. A geografia sócio espacial da cidade começa a tomar contornos antes não vistos, áreas mais centrais passam a ser visitadas por tri-

---

1. É um movimento cultural que surge na cidade do Recife e tem como sua principal característica a mistura de ritmos regionais, como o maracatu, com o Rock, o Funk, a música eletrônica e o . O movimento tem como principais críticas o abandono econômico-social do mangue e da desigualdade social existente na cidade do Recife.

bos urbanas que compartilham dos mesmos signos e símbolos. Nesse período, eu já estou bem envolvido com o *Movimento*, começo a frequentar os espaços de congruências dessas culturas e uno o lazer ao trabalho de vender blusas grafitadas. A “Soparia<sup>2</sup>”, por estar situada geograficamente mais próxima da minha casa, passa a ser frequentada com mais assiduidade por mim.

Foto 02 – Chico Science. Um dos fundadores e principal representante do movimento Mangubeat.



Foto extraída do site <http://www.mangubeat.com.br/>

No início do meu envolvimento com o a consciência dos princípios filosóficos do movimento ainda estava um pouco distante. Apesar de não ter noção do que era de fato o , práticas como pintar blusas, grafitar paredes (e simultâneo ao grafite ainda continuava com a prática da pixação) e ir a shows de Rap, legitimavam de alguma forma a minha isenção no movimento. A minha interação com os sujeitos e os espaços urbanos com os quais dialogava, me deu uma credencial que atestava essa minha nova identidade.

No final do ano de 1997, o meu irmão mais velho que na época tinha 22 anos de idade, foi assassinado brutalmente por nosso vizinho e amigo de infância. Tal fato trouxe para perto de

---

2. Um bar localizado no pólo pina. Local bastante frequentado na época pelo público alternativo da cidade do Recife.

nossa família os números da violência que até então se encontravam submersos numa certeza de que sempre acontece com o outro e nunca com a gente.

Os indicadores mostram que homens entre 15 e 24 anos, negros e pobres são as maiores vítimas da violência no Brasil, e esta violência se dá em espaços onde o contraste entre a riqueza e a pobreza se apresenta de forma mais gritante. Segundo Júlio Jacobo Waiselfisz, esta contradição marca, por um lado, elevados índices de violência e por outro, afeta diretamente a juventude. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Mauricio de Nassau traça o perfil das pessoas assassinadas no Recife, a pesquisa mostra que dos 64,3% dos entrevistados que afirmaram ter conhecido algum amigo, parente ou conhecido morto; 30,2% disseram que as vítimas conheciam o assassino e os motivos dos crimes são: em 21,7%, cometidos pelo envolvimento das vítimas com drogas, 17,7% são mortos em assaltos e 13% com envolvimento em brigas.

O meu irmão Timmers Araújo Arruda – mais velho do que eu cinco anos – nasceu no ano de 1975 na cidade de Campina Grande. Com um temperamento muito forte, nos tempos de criança vivia se metendo em brigas e confusões que sempre lhes rendiam alguns dias de castigo. A sua educação foi semelhante a dos demais irmãos e a trajetória escolar, foi basicamente similar a minha, passamos quase sempre pelos mesmos colégios estaduais e particulares, mas na sua juventude optou por não querer estudar mais. Deixando a aquisição formal do conhecimento para se dedicar ao aprendizado prático da vida.

Na fase da adolescência, período em que a hiperatividade e a curiosidade se faz presente com maior avidez, meu irmão se viu frente a uma série de situações que o fizeram canalizar essa energia para a prática de esportes radicais. Porém, a rotina semanal da prática do surf, bem como o envolvimento com outros surfistas que faziam uso de substâncias alucinógenas foram traçando um caminho que mais tarde culminaria em sua morte. Aos 14 anos de idade o álcool e a cola de sapateiro aparecem em sua vida como um ritual de iniciação a outras drogas pesadas. Para a sustentação do vício das drogas, começa a praticar roubos e a traficar maconha.

No mundo do tráfico de drogas, a geografia espacial determina o tipo e o número de clientes que comprarão tal produto, conseqüentemente o lucro está intrinsecamente ligado a essa dinâmica espacial. Os negócios de meu irmão começaram a se expandir e invadir espaços ocupados por outros comerciantes de drogas, tomando assim, a clientela da concorrência. Com raiva do meu irmão – por conta das vendas estarem ruins – os outros traficantes resolveram armar uma cilada para matá-lo. No sábado pela manhã do dia 06 de Dezembro de 1997, meu irmão sai de casa com a namorada dele para irem à praia que fica próxima a casa de onde morávamos. Na época, o caminho que se ia para a praia a pé era inabitado e esquisito, passava-se pelo meio de terrenos baldios e por um matagal. No caminho a praia meu irmão encontrou uma turma de conhecidos bebendo e fumando maconha embaixo de uma cabana formada pelos galhos da vegetação. Fizeram o convite para que o meu irmão ficasse, mas ele respondeu que não, que ia para a praia com a namorada e na volta passava por lá (relatos da namorada dele que estava na hora). Por volta de 13h00min da tarde, o meu irmão retorna da praia ainda encontra os seus conhecidos bebendo e resolve ficar. Tarde a dentro ele tem uma discussão com um dos traficantes que ali estavam – que por sinal era vizinho de porta do nosso apartamento e amigo de infância do meu irmã e o grupo aproveita a deixa e assassinam meu irmão com um tiro na perna e outro na cabeça, ocultando o corpo em uma cova rasa no mesmo lugar onde estavam bebendo.

A ausência do meu irmão durante o dia não despertou preocupação alguma a família – já

estávamos acostumados com saídas que ele dava e passava um tempo sem aparecer – só à noite quando a namorada dele chegou na casa de meus pais a procura do meu irmão é que começamos a nos dar conta de que algo de ruim poderia ter acontecido. Meu pai foi às delegacias de entorpecentes, foi a hospitais ver se tinha dado entrada algum corpo com as mesmas aparências físicas do meu irmão, perguntamos a vizinhos e colegas que estiveram com ele naquele sábado e ninguém respondia nada. Sem saber o que havia acontecido de fato, chegamos até a perguntar ao próprio assassino se ele tinha visto o meu irmão. O curioso é que perguntamos várias vezes ao rapaz que havia assassinado o meu irmão se ele sabia de alguma coisa e o mesmo falava que não sabia de nada e quando tivéssemos notícias dele – do meu irmão – informássemos, pois ele fala que também estava preocupado com o desaparecimento. Depois de alguns dias de angústia sem saber o que de fato tinha acontecido, chega um rapaz na casa de minha mãe e abre o jogo, fala que Timmers está morto e fala o nome de possíveis acusados.

A polícia consegue prender o principal responsável pela morte do meu irmão, mas por ter confessado o crime, ser réu primário e ter residência fixa, o mesmo não ficou mais de oito dias na prisão. Com a morte repentina de Timmers e o assassino dele solto, minha mãe ficou muito abalada e preocupada com o que poderia acontecer comigo, então a família decide fugir da violência voltando para a cidade de Campina Grande no final do ano de 1998. Chegando à cidade, a cena urbana que encontro que está mais próxima da cultura é a dos *skatistas* que embora não conhecesse de fato o *Movimento* alguns deles ouviam Rap durante a prática do esporte.

Com 20 anos de idade, deixei os estudos de lado para me envolver de vez com os elementos culturais do *Movimento*. Montei uma loja para vender peças e artigos<sup>3</sup> relacionados à prática do *skate* e da cultura o que também ajudou a difundir o movimento na cidade. Paralelo as atividades da loja, ministrava aulas de grafite em diversos estabelecimentos da cidade, onde pude passar a filosofia do movimento e formar alunos que se destacaram a tal ponto que atualmente estão entre os principais nomes do grafite na cidade de Campina Grande. Apesar de todo esse meu trabalho de disseminar o pela cidade, a legitimidade do movimento – por parte da sociedade – parecia só ser possível através da sua institucionalização.

No ano de 2002, tento vestibular para a UFCG, na primeira opção, coloco o curso de Arte e Mídia, na segunda o curso de Ciências Sociais, ambas as escolhas refletem a minha vivência com o urbano. Em 2003, ingresso no curso de Ciências Sociais, onde começo a refletir sobre a minha condição de sujeito produtor e produto do meio em que estou inserido. No curso, tive a oportunidade de ter três projetos aprovados pelo Programa PIBIAC o primeiro projeto intitulado “Da violência à arte urbana: grafite e qualidade de vida em áreas precarizadas de Campina Grande”, com a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Ramonildes Alves Gomes. Pudemos discutir, em nove bairros da cidade de Campina Grande, o tema da violência para em seguida, junto com os moradores envolvidos, exteriorizarmos tais sentimentos através da arte do grafite. O segundo projeto também abordou a temática da violência e teve como título “Violência e resistência: usos e formas contemporâneas da arte do grafite”, onde foi feito um estudo sobre os diversos suportes e formas que a arte do grafite vem adquirindo nos dias de hoje. Com o projeto

---

3. Eram vendidos camisas, peças de skate, vídeos de campeonatos de B-boys, de Djs, vídeos sobre grafite entre outros produtos.

“Usos e abusos da indústria cultural: o *Movimento* e a criação de novas identidades” pudemos estudar um pouco sobre a apropriação da indústria cultural sobre a imagem do *Movimento*.

Ao pesquisar sobre o que estava sendo escrito a respeito do *Movimento*, pude observar que pouco se falava sobre o ingresso e a interação dos sujeitos dentro do grupo. Percebi também que a maioria dos pesquisadores abordava separadamente os elementos culturais – o Rap, a dança, o grafite – como se estes por si só bastassem para representar e legitimar um movimento. A minha inquietação surgiu dessa lógica da aparência não representar de fato a essência. As práticas dos elementos culturais do *Movimento* existiam na cidade, porém muitos de seus praticantes não se sentiam pertencentes ao movimento e nem a sociedade reconhecia que havia um *Movimento* na cidade. Antes do surgimento do “NH2C”, havia na cidade de Campina Grande manifestações isoladas dos elementos artísticos que compõem o *Movimento*.

No início do meu envolvimento com o , o sentimento de pertencimento ao grupo era mais acentuado, contudo, com o passar dos anos, fui me envolvendo com outras atividades e comecei a deixar a militância de lado, o que fez com que o sentimento fosse se esvaindo. Acho que isso fez com que eu lançasse um olhar crítico sobre a problemática da identidade e do sentimento de pertencimento.

O espaço urbano e suas problemáticas estão intrinsecamente envolvidos em minha trajetória de vida. As questões que culminaram na escolha do meu objeto de pesquisa se construíram “espontaneamente”. Eu já estava iniciado e envolvido com uma rede de amigos que se tornariam meus informantes. Por outro lado, este envolvimento trouxe problemas na hora da coleta dos dados. Em alguns momentos, eu me vi como um informante em potencial e acabava esquecendo de fazer certas perguntas por achar que já sabia das respostas. Apesar de ter tentando estranhar o familiar, a minha experiência de ator no *Movimento*, bem como a falta de bibliografia abordando sobre o *Movimento* na cidade de Campina Grande/PB, exigiam que lançássemos um olhar mais criterioso sobre o movimento. Porém, o fator principal que nos despertou a sensibilidade de adotar o “NH2C” como objeto de nossa pesquisa foi analisar a sua capacidade de operar como elemento divisor de águas entre um período “pré-movimento” e “pós-movimento”.

## A TEMÁTICA

Vários estudiosos abordaram o *Movimento* como tema de suas pesquisas para tentar entender como indivíduos pertencentes a esse movimento interagem socialmente no espaço, modificando-o fisicamente e estruturalmente através de seus elementos simbólicos e suas práticas espaciais (SOUZA, 2002; DUARTE, 2005). Surgiram também, trabalhos que problematizam a legitimidade do grafite enquanto arte. Todas essas contribuições foram importantes para entender a dinâmica desses grupos que interagem com a sociedade à sua volta, oferecendo diferentes interpretações a respeito dela. Todos os trabalhos pesquisados falam do *Movimento* como um todo – um corpo que interage com outros corpos sociais. A produção de bens sejam eles culturais ou não, e as práticas políticas dos sujeitos como força fundante do *Movimento*, ficam em segundo plano.

A modernidade e o processo de globalização criam um ambiente favorável onde os integrantes do *Movimento* aparecem compartilhando das mesmas conjunturas históricas, sociais

e econômicas. A verdade é que não podemos considerar os sujeitos deste movimento como uma unidade globalmente homogênea. As condições estruturais de existência, os quadros de interação em que se movem, assim como os contextos sociais de produção de sentido, são variáveis que se relacionam com a formação de padrões de valores, representações, comportamentos e práticas. O próprio *Movimento* se constrói sobre bases diversificadas de elementos socioculturais distintos.

A luz da sociologia do discurso, o presente estudo busca entender como se dá o processo de institucionalização do *Movimento* através da ação política dos sujeitos. Entendemos que o discurso é uma prática social significativa de natureza material e que todo o espaço social deve ser considerado como um espaço discursivo se ampliarmos a noção de discurso para aquilo que articula “todo o tipo de ligação entre palavras e ações, formando assim, totalidades significativas” (LACLAU, 2000; p. 10). Em termos analíticos mais precisos, um discurso ou uma totalidade estruturada relacional, é o resultado de uma prática articulatória que constitui e organiza relações sociais. Dessa forma, buscamos analisar as interações entre sujeitos que se diferenciam em vários aspectos – cultural, religioso, socioeconômico, gênero, faixa etária, escolaridade, raça – para tentarmos dar sentido ao discurso que unifica essa heterogeneidade.

Durante esse nosso percurso analítico a temática da identidade não surge como foco principal – embora perpassasse toda a discussão da nossa dissertação – a mesma aparece como um produto de ordem discursiva que disputa sentido no que Laclau e Mourffê (1985) denominam de campo da discursividade, que é o espaço onde ocorrem as disputas discursivas. Desta forma, a questão identitária é abordada a partir da ótica da hegemonia do discurso, o que não nos impede de dialogarmos com outros autores que trabalham indiretamente com a questão identitária. Assim, em um sentido mais específico, fazemos uso do conceito Weberiano de “comunidade étnica” apesar do conceito weberiano ser aplicado a grandes grupos e nações, o sentido que damos a ele em nosso trabalho se traduz no entendimento do surgimento de grupos minoritários através da ação política de seus sujeitos. Para tanto, nos restringimos ao estudo de caso do Núcleo Campina – NH2C – localizado na Cidade de Campina Grande / PB, que como outros centros urbanos, apresenta graves problemas sociais e elevados índices de pobreza. Espaço onde várias expressões da cultura exercitam sua expressividade, dialogando umas com as outras e gerando assim ambiente propício para a consolidação do *Movimento*.

## A TEORIA

Vários estudos abordam o *Movimento* como tema central de suas análises. Estudos que tentaram entender como indivíduos pertencentes a esse grupo interagem socialmente no espaço, modificando-o fisicamente e estruturalmente através de seus elementos simbólicos e suas práticas espaciais. Souza (2002) trabalha com o consumo e estilo cultural no *Movimento* como sendo práticas necessárias para uma auto-afirmação dos indivíduos diante da cultura externa. Esse consumo não se apresenta apenas na compra desenfreada e irracional de bens, e sim, como integrante de um processo que redimensiona a posição dos sujeitos na sociedade, cuja identidade se afirma mais claramente em torno do consumo de bens simbólicos do que mediante o exercício da cidadania. Surgiram, também, trabalhos que problematizam a legitimidade do grafite enquanto arte (DUARTE, 2005). Mendonça (2002), em seu trabalho intitulado “Adolescentes

como autores de si próprios: cotidiano, educação e o ” analisa a diversidade de culturas juvenis ressaltando o *Movimento* como uma cultura capaz de transformar os seus participantes em protagonistas de seu próprio processo educacional. Gomes (2007). Em “As cidades da juventude em Fortaleza” fez uma análise de como os jovens pertencentes a movimentos juvenis – entre eles o , vai atribuindo significado e delineando espaços na cidade de Fortaleza, apropriando-a de forma itinerante, não fixa, em deslocamentos pelos bares e clubes da cidade. Perosa (2006) discute a relação entre educação e estratificação social, mostrando de que forma movimentos sociais podem estar na base da aprendizagem de diferenças de classe.

Os autores mencionados acima compreendem o *Movimento* como sendo formado por uma unidade homogeneia – um corpo que dialoga com outros corpos sociais – que interage com outras unidades à sua volta. Desta forma, compreendemos que os mesmos contribuíram de forma eficaz para o entendimento da dinâmica de interação do *Movimento* com as sociedades que os cercam, proporcionando assim, múltiplas interpretações ao seu respeito. Porém, o que foi percebido durante a pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento deste nosso trabalho dissertativo foi que a produção de bens, seja eles culturais ou não, e as práticas políticas dos sujeitos como força matriz do *Movimento* ficam em segundo plano. Esta ausência de bibliografia também foi constatada quando lançamos o nosso olhar sobre a cidade de Campina Grande.

Apesar de elementos da cultura (DJs, B-Boys, Grafite e Mc) serem vistos na cidade de Campina Grande / PB desde meados da década de 90, só com o surgimento do “Núcleo Campina” no início de 2007, que tem como o seu maior objetivo realizar ações de cunho artístico-cultural em comunidades marginalizadas da cidade, que as ações realizadas por esses elementos estruturais do movimento, começam a ganhar visibilidade e despertar olhares para uma cultura até então invisível na cidade de Campina Grande.

Podemos então observar que nesse primeiro momento da historia do *Movimento* na cidade de Campina Grande – período anterior ao surgimento do NH2C – as fronteiras que demarcam o lugar de pertencimento do meu grupo em contraposição ao grupo do outro, ainda estava por se consolidar. Os laços comunitários que o compartilhamento, pelos indivíduos, dos mesmos símbolos de origem exerce são fracos e a diferença – religiosa, socioeconômica, de gênero, faixa etária, escolaridade, de raça – entre os integrantes do grupo é muito grande. Porém, não importa onde e como se dá a origem da diferença que implica diretamente sobre a apatia ou simpatia que um grupo possa ter com o outro. O nascimento de uma comunidade de intercâmbio social está ligado diretamente a aspectos exteriores das diferenças no modo de viver habitual, ocasionadas por alguma causalidade histórica, como por exemplo, o fator econômico que coage a grande maioria<sup>4</sup> dos sujeitos que fazem parte do *Movimento* a viverem em ambientes onde a pobreza e a criminalidade operam. A falta de investimentos na saúde, educação e segurança, bem como o alto índice de desemprego, despertam nos sujeitos que convivem diretamente com este descaso, um alto índice de insatisfação. As demandas oriundas de tais problemas passam a exercer um papel articulatório e unificador dos agentes contra um inimigo comum. Neste caso, o Estado.

Diferenças no penteado, na barba, nas roupas, na alimentação, no estilo de música, en-

---

4. Nem todos vivem na pobreza. Sabemos que há uma heterogeneidade social entre os sujeitos do movimento .

·fim, todas as diferenças que saltam à vista e causa uma aversão aquelas pessoas que não comun- gam com tais estilos de vida, mas ao mesmo tempo definem uma consciência de comunidade homogênia entre os diferentes que, segundo Weber, pode torna-se portadora de uma relação comunitária com a mesma facilidade que, por outro lado, toda espécie de comunidade desde a doméstica e de vizinhos até a política e religiosa é geralmente portadora de costumes comuns. Todas as diferenças de costumes podem alimentar, em seus portadores, um sentimento específico de honra e dignidade (WEBER, 1991:269). A auto-afirmação do sujeito enquanto pertencente a um grupo se dá de forma circunstancial, ou seja, ora o sujeito identifica-se com determinados grupos majoritários, ora, assume-se como participante de um grupo minoritário. A identidade depende da interlocução. A consciência étnica<sup>5</sup> tem diferentes variáveis, inclusive a influência na ação dos indivíduos que procuram canalizar o sentimento étnico<sup>6</sup> *para obtenção de seus objetivos* – que normalmente são de caráter material. A questão da consciência de identidade também é política, econômica e sobretudo, material (BANTON, 1979).

A identidade sendo relacional e situacional, tem um dos pressupostos para sua fermentação um espaço, ou melhor, um campo social favorável ao desenvolvimento de um poder legitimador onde o processo histórico é parte fundamental de sua constituição. Podemos então compreender que a identidade a qual está ancorado o *Movimento* da cidade de Campina Grande, faz parte desse processo incessante de se firmar enquanto um corpo identitário. O problema da diferença entre os sujeitos, que é em grande medida uma barreira para a construção de um sentimento comunitário, está por hora, resolvido pelo sentimento de honra e dignidade que as diferenças de costumes alimentam em seus portadores. Mas para que a identidade do *Movimento* campinense efetive-se de fato, é preciso que as relações comunitárias se constituam em comunidade política, ou seja, os sujeitos passem a relacionar-se politicamente através de ações *concretas e sistematizadas*.

## ORGANIZAÇÕES INSTITUCIONAIS

Vários autores da sociologia abordam o conceito de instituição em suas obras, o que torna o assunto cada vez mais central na sociologia moderna. Porém, esta multiplicidade de olhares acaba difundindo várias posições sobre o mesmo tema. Há autores que aplicam o conceito de “instituição” para se referirem a grandes associações individuais, considerando o meio ambiente como pano de fundo, e outros autores que compreende estas associações como sendo produto do meio onde as mesmas surgem. Mas uma coisa é certa, todos os teóricos expressam na concepção de instituição, a noção de ordem e mudança social.

*“o termo denota a idéia de valores e normas sociais estáveis que impõem restrições a alternativas de ação e estabelecem ‘scripts’ e rotinas comportamentais adequadas a contextos específicos de interação social” (SKACKAUSKAS apud JEPPELSON; 2007: 17).*

---

5. A certeza que o sujeito tem de pertencer a um determinado grupo.

6. Sentimento de pertencimento a um grupo, a uma identidade.

Na citação acima fica claro que a lógica da institucionalização de um grupo se dá pelo procedimento estável e organizado que legitima o mesmo no contexto da interação social com a sociedade a sua volta. Diga-se de passagem, que esta necessidade de legitimar-se foi o que moveu os primeiros estudos organizacionais que adotaram o conceito de instituição de um modo prescritivo, preocupados com as formas como uma organização pode torna-se uma instituição, ou seja, ganhar legitimidade perante a sociedade e tornar-se viva e permanente. O novo institucionalismo surge com uma proposta diferente, suas bases, pairam sobre a influência do construtivismo social. Seus principais proponentes afirmam compartilhar uma visão da realidade como socialmente construída e concentram seus esforços, principalmente, na análise de organizações inseridas num setor, campo ou sociedade (PECI, 2005). Porém, a organização e a legitimidade, passa a atuar como um consenso entre o velho e o novo institucionalismo.

A sociologia da estrutura e do funcionamento exerce um papel fundamental no surgimento dos estudos organizacionais. O velho institucionalismo, segundo Skackauskas (2007), apresenta dois processos fundamentais para a teoria institucional. O primeiro refere-se a *institucionalização organizacional* que se dá a partir da interação informal no interior das organizações formais, constituindo uma fonte potencial de institucionalização do sistema organizacional na medida em que possibilita o surgimento de focos de identidade mediados por lideranças sensíveis e responsáveis. Já a *organização institucionalizada* ocorre quando o ator organizacional passa a ter um caráter distinto e uma identidade própria, capazes de desenvolverem ações estratégicas no seu ambiente.

Na teoria administrativa a uma incidência muito grande por parte dos agentes institucionais em dar ênfase aos meios e deixar os fins em segundo plano. Esta ênfase nos meios se configura em um problema, pois para alguns autores, é só com a união entre os meios e os fins que a organização pode chegar a ser um veículo de integração do grupo, com um fim em si mesmo. Para Peci (2005), a integridade de uma organização não se limita a eficiência, as formas de procedimentos e nem mesmo a coesão do grupo. A integridade, segundo o autor, é a combinação da organização e da política; que surge quando uma orientação específica se consolida firmemente como parte da vida do grupo que influencia e dirige as atitudes, decisões e formas de organização, assim procedendo em vários níveis de experiência.

Peci *apud* Selznick (2005) define como sendo elementos distintos os conceitos de organizações e instituições; onde cabem ao primeiro, características de instrumentos técnicos, planejados racionalmente como meios para finalidades definidas, mas que tem, no entanto, um prazo de vida útil. O segundo conceito é definido como produto de interação e adaptação que se torna receptor de ideais de um grupo, o que os habilitam a ter uma vida mais longa. Compreendemos desta forma, que as instituições são constituídas por um conjunto de elementos que correspondem a pressões internas e externas através de modos visíveis que se repetem. A partir do momento em que estas respostas tornam-se padrões definidos, surge uma estrutura social.

## A HEGEMONIA DO DISCURSO COMO ANÁLISE INSTITUCIONAL

Como vimos na seção anterior, o tema da institucionalização é trabalhado por diversos teóricos que se debruçam nas subáreas da velha e nova escola institucional. A falta de consenso que esta multiplicidade de abordagens traz, só é quebrada pela certeza da organização e legi-

timidade que o novo empreendimento – institucional – promove aos agentes de tal ação. Essa lógica organizacional que legitima os fins atua em nosso trabalho como ferramenta teórica na aplicação da teoria hegemônica do discurso para análise da institucionalização do NH2C.

Compreendemos que, ao optarmos por essa linha teórica, estamos entrando em um universo de extrema complexidade social, onde a compreensão das formas identitárias se faz a partir da relação com o outro. E neste jogo relacional, observamos que identidades disputam entre si, a hegemonia para universalizar os seus princípios, mas acabam frustrando-se por não conseguirem alcançar plenamente os seus objetivos. Desta forma, ao partir da teoria do discurso para analisar a institucionalização de um movimento, não há como se constituir previamente sentidos sociais e identidades totalmente acabadas, uma vez que as instituições são formadas por relações sociais entre sujeitos heterogêneos – visíveis diferenças socioeconômicas – onde os laços estão sempre em renovação.

*“Estabelecer uma relação hegemônica significa a tentativa da constituição de uma relação de ordem. Um discurso hegemônico é essencialmente um discurso sistematizador, aglutinador. É, enfim, um discurso de unidade: unidade de diferenças”* (MENDONÇA apud LACLAU & MOUFFE; 2007).

A lógica da hegemonia na teoria de Laclau se estabelece em contraposição a idéia de que as identidades não são homogêneas. As identidades, segundo Laclau, se constituem sempre de forma incompleta e a busca pela completude, se dá de forma frustrada, pois o objetivo nunca é alcançado. As identidades só passam a ter uma sensação de estar completa, a partir do momento em que a hegemonia passa a preencher a ausência de plenitude. Segundo Laclau, a hegemonia se configura como sendo uma relação em que um conteúdo particular assume, num certo contexto, a função de encarnar uma plenitude ausente (LACLAU, 2002; p. 122). Ou seja, uma identidade passa a representar várias outras a partir de uma relação equivalencial de suas demandas. O processo de formação de uma ordem hegemônica parte sempre de um discurso particular que consegue representar identidades dispersas.

*“A organização das demandas ocorre a partir desse discurso centralizador, de um ponto nodal que consegue fixar sua significação e, a partir dela, articular elementos que previamente não estavam articulados entre si”* (MENDONÇA, 2007, p3).

Para que o discurso se constitua como hegemônico, o mesmo deve deslocar-se do estado inicial de demanda particularizada, para um local onde o seu significado passe a ter um significante universal. Porém, este movimento não impede que o discurso negue suas características primeiras. Pelo contrário, a representação só existe se houver resquícios do representado no representante, da mesma forma que nenhuma demanda em particular pode existir enquanto instituição sem que a mesma esvazie-se de seu significado.

Para Laclau, o conceito de grupo está fundamentado em uma unidade que tem como elementos básicos uma pluralidade de sujeitos que estabelecem entre si certa solidariedade. Solidariedade esta que por sua vez é fruto de uma relação equivalencial, ou seja, quando as demandas de mais de um sujeito tem em comum o mesmo alvo e este por sua vez não supre essas necessidades. Com o aumento significativo da cadeia de equivalência é necessário que uma

demanda tenha a função de representar a totalidade, que tenha a força de associar elementos que para muitos seriam impossível de associá-los. Desta forma, a hegemonia está intrinsecamente envolvida com a heterogeneidade dos sujeitos e vice-versa.

As interlocuções que acontecem dentro do grupo se dão por sujeitos que são, por natureza, diferentes entre si, e que trazem consigo demandas que também carregam esta característica de diferença. Para Laclau, (2006: 25), o que une as demandas não é uma característica positiva, pois elas são radicalmente heterogenias do ponto de vista de sua particularidade, mas se unem na medida em que todas elas se opõem a uma força antagônica, nesse caso pode haver a positividade de um elemento puramente conceitual que estabeleça a unidade de todas elas. É por isso que existe um significante vazio; e é por isso que existe um nome.

As ações dos indivíduos que atualmente congregam o *Movimento* de Campina Grande só passam a serem vistas, reconhecidas e associadas ao movimento quando os seus integrantes decidem formar o “Núcleo Campina”. A instituição foi formada em meados de 2007 e os cargos que compõem a sua estrutura são criados mediante uma assembléia que define quais as posições que os indivíduos irão ocupar dentro do “Núcleo Campina”. Após a sua formação, as ações dos indivíduos continuam a serem realizadas, shows de Djs continuam acontecendo, muros continuam sendo grafitados, porém, agora não são só os símbolos e o sentimento de pertencimento ao movimento que irá dar visibilidade a cultura na cidade de Campina Grande, mas, uma instituição concreta e objetiva formada por uma série de práticas políticas.

## A METODOLOGIA

Para fundamentar o processo de construção da metodologia utilizada em nosso trabalho, partimos da lógica de que os objetivos específicos nos são apresentados como degraus a serem vencidos para alcançarmos o nosso fim. Desta forma, *mapeamos os espaços de socialização e apreendemos as formas de sociabilidades urbanas* que dão sentido as interações entre os membros do *Movimento*. Identificamos também as diferentes expressões artísticas que compõem o quadro do movimento na cidade de Campina Grande. Em seguida, **analisamos o processo de institucionalização do Movimento na cidade de Campina Grande / PB**. A intensa busca de respostas para questões referentes à subjetividade dos atores sociais, bem como a distribuição e os lugares que os mesmos ocupam na cidade faz parte do processo que tem como principal objetivo **analisar a institucionalização do Movimento na cidade de Campina Grande**.

Para análise da **tensão** existente entre fatores de **diferenciação sociocultural** e os elementos que proporcionam **identificação coletiva** – as interlocuções e interações desenvolvidas no âmbito de um tipo de sociabilidade que tem como princípio fundante a equivalência de demandas – utilizamos a **observação participante, bem como, entrevistas semi-estruturadas<sup>7</sup> e levantamento de documentos**. Esse processo resultou em um diagnóstico acerca da formação da estrutura e do funcionamento das interações e interlocuções desenvolvidas dentro do NH2C.

Utilizamos o levantamento de documentos para recorrer a atas, fichas cadastrais, matérias de jornais e outros dados impressos que nos auxiliaram para o entendimento do **processo de institucionalização** do movimento. Também recorreremos a **entrevistas semi-estruturadas**

das com os membros que contribuíram com essa trajetória de institucionalização do *Movimento*, buscando descrever e analisar seus efeitos sobre a articulação do movimento. Com as entrevistas seguindo um roteiro pré-estabelecido – como já foi dito acima – tivemos a facilidade de adaptar o roteiro da mesma para fichas de apoio. Assim, quando o entrevistado negava-se a contribuir de forma direta com o projeto – através da entrevista oral – os questionários eram enviados para os e-mails dos entrevistados.

Minayo enfatiza que “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (2001). Segundo os autores Manuela & Sérgio (2002:02):

*“O mundo da vida cotidiana não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que caracteriza suas vidas, mas é também um mundo que se origina do ato de os indivíduos se comunicarem por meio da linguagem, demonstrando seus pensamentos e afirmando-os em suas ações como reais. Logo, o fundamento de apreensão de conhecimento na vida cotidiana designa objetivações de processos e significações subjetivas, graças às quais constrói a realidade social”.*

Considerando o universo simbólico como produto social e cultural, que têm sua história influenciando diretamente o comportamento dos atores sociais, foi que pensamos na análise do discurso como metodologia principal para o nosso trabalho. A análise do discurso considera a linguagem como forma de prática social e têm como uma de suas características a competência de desvendar os fundamentos ideológicos dos discursos. Estes se caracterizam como sendo uma construção social que só podem ser analisados considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção. O discurso determina uma visão de mundo totalmente dependente da visão do sujeito que a produz e do tempo histórico onde o mesmo se passa.

A análise do discurso busca descobrir e compreender o que está sendo omitido, ou até mesmo, dito nas entrelinhas pelos sujeitos que fazem parte do processo investigatório. Desta forma, a vivência com os sujeitos produtores dos sentidos se faz necessário para a melhor compreensão destas nuances. Por isso, fazemos uso também da observação participante que nos auxilia de forma precisa na captação sensível das mensagens implícitas, como também nos dá aporte para a compreensão de como se deu o processo de institucionalização do *Movimento* na cidade de Campina Grande. O que nos possibilita cruzar o nosso percurso analítico pelas teorias sociológicas as quais tomamos como eixo norteador de nosso trabalho.

Temos então a possibilidade de verificar na prática a aplicabilidade do conceito weberiano de fronteiras étnicas que tem como princípio básico a ação política dos sujeitos. Pois para o mesmo, só com a prática política dos sujeitos é que um grupo pode ser constituído e ter uma identidade. Desta forma, **analisamos como as ações políticas dos integrantes do Movimento de Campina Grande se configuram de fato como parte do processo de institucionalização e conseqüentemente surgimento do Núcleo Campina.**

Ao nos depararmos com uma diversidade de demandas oriundas dos mais diversos tipos

---

7. Ver apêndice.

de sujeitos, pudemos cruzar os resultados obtidos – através da metodologia utilizada – com a teoria utilizada.

Durante esse caminho metodológico de recolha de dados, não podemos nos esquecer de que o familiar e o exótico, no que se refere ao conhecimento do outro, devem levar em considerações que o outro surpreende, não podemos ser onipotentes achando que sabemos tudo sobre o outro, assim é preciso vê-lo primeiro e não esquecer que conhecer depende da interação. Gilberto Velho nos lembra que Geertz (2005) dá ênfase à análise do discurso, para ele o conhecimento da vida social depende da subjetividade, e esta tem caráter aproximado e não definitivo. A realidade – familiar ou exótica – é filtrada sempre pelo ponto de vista do observador e percebida de maneira diferente, de modo que a objetividade é relativa, ideológica e interpretativa.

O campo de pesquisa do nosso projeto se insere no espaço físico da cidade de Campina Grande que está localizada no interior do Estado da Paraíba. Tal feito pode parecer pretensioso demais se analisarmos o tempo que temos para finalizar o nosso projeto. Por outro lado, o espaço físico e social coopera de forma veemente com o desenvolvimento da pesquisa. Através de uma **observação participante** nos espaços que servem de palco para a socialização dos jovens, mapeamos de forma precisa os ambientes onde estas interações acontecem para apreendermos as formas de sociabilidade urbana que dão sentido às interações entre os membros do *Movimento*, e a partir das quais se articulam as práticas e expressões que compõem o *Movimento* na cidade de Campina Grande (PB). Embora sabendo que as práticas sociais dos sujeitos são transitórias e não estáticas, nos preocupamos em lançar o nosso olhar apenas em pontos específicos onde estas práticas acontecem com maior frequência.

No mapa localizado na página ao lado, identificamos o bairro das Malvinas que está localizado na Zona Oeste, e os bairros do Catolé e Centro que estão em uma área mais central da cidade. A sociabilidade juvenil desenvolvida no primeiro bairro é caracterizada pela grande densidade demográfica de sujeitos que ali habitam, pela localização periférica e o baixo poder aquisitivo dos moradores daquela área. A Malvinas abrange zonas populacionais como as do Novo Cruzeiro, Dinamérica, Conjunto Raimundo Asfóra, Conjunto Santa Bárbara, Cinza, Conjunto Rocha Cavalcante, Conjunto Grande Campina e Conjunto Alto da Malvinas que juntas somam mais de 80 mil moradores, uma população semelhante à de cidades como Guarabira, Souza, e Cajazeiras. (IBGE, 20/07/2011).

O Catolé é um bairro de classe média alta que está localizado na Zona Sul da cidade. Sua população é bem menor do que a do bairro das Malvinas, mas é um bairro importante para a nossa pesquisa porque é nele que está localizado o Centro Universitário de Cultura e Arte. O CUCA, como é conhecido, é um prédio da Universidade Federal que está situado as margens do açude velho. Seu espaço físico desenvolve um papel fundamental na promoção das dinâmicas socioculturais, que encontram no CUCA um ambiente propício para interação entre os diversos sujeitos.

O centro da cidade é um ambiente onde todas as culturas se encontram. É no centro – como o próprio nome já diz – que os caminhos se cruzam e dão lugar a uma exaltação da diversidade. É lá, na Praça da Bandeira, no centro da cidade de Campina Grande que acontece o encontro entre sujeitos desconhecidos, onde a troca de experiências entre os diferentes se faz mais presente diante do olhar e a cumplicidade dos que se reconhecem como semelhantes. Tendo realizado um corte espacial, onde definimos os bairros das Malvinas, do catolé e a área central da cidade como sendo os lugares onde as práticas dos sujeitos acontecem com maior

frequência. Surge então a necessidade de fazermos um recorte temporal para análise de nosso objeto de pesquisa, desta forma, entendemos que para analisar o papel desempenhado pela institucionalização da identidade do *Movimento* na cidade de Campina Grande / PB, é preciso partir de um ponto anterior a essa institucionalização, ou seja, voltamos um pouco no tempo, e nos reportamos ao final da década de 1990 para pegar o início daquilo que Weber chama de sentimento comum de pertencimento.

Foto 3 – Mapa dos bairros da cidade de Campina Grande.

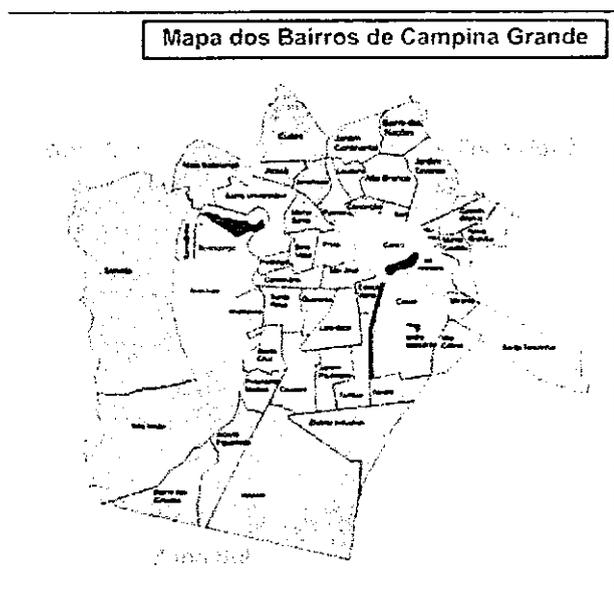


Foto extraída do site <http://pt.wikipedia.org> e adaptada por: Thayroni Arruda.

Foto 4 – Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA



Foto extraída do site <http://campinagranderainhadaborborema.blogspot.com>

## **CAPÍTULO I**

---

## CAPÍTULO I. GLOBALIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO E NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE JUVENIL

---

Abordaremos neste primeiro capítulo três das principais categorias que entendemos serem fundamentais no processo para institucionalização de um movimento sociocultural. Desta forma vemos na organização dos sujeitos, através da ação política, a **globalização** exercer um papel fundamental nas relações sociais, o tempo e o espaço se modificam, vê-se surgir no ambiente **urbano** novas formas de **sociabilidades**.

### GLOBALIZANDO POSSIBILIDADES

A modernidade surge como um processo contínuo de rompimentos e fragmentações internas com toda e qualquer condição anterior. Ernesto Laclau (1990) usa o conceito de “deslocamento” para definir este rompimento abrupto que, segundo ele, descentraliza as sociedades modernas deixando-as sem um princípio organizador único, o que faz com que elas tenham múltiplas possibilidades de desdobramentos e desenvolvimentos. Contudo, as identidades; sejam elas nacionais ou de grupos, não estão acima das formas de diferenças que a compõem, nem muito menos livres da imposição do jogo de poder e contradições internas. Assim, a discussão sobre identidades deve perpassar o debate sobre deslocamento e concentrar-se nas formas pelas quais as culturas – a diversidade cultural – dialogam para harmonizar as diferenças em uma identidade.

Esse complexo de forças e processos que deslocam abruptamente as identidades culturais na modernidade é conhecido como globalização. Segundo Anthony McGrew apud Hall (1992) a “globalização” se refere aqueles processos, atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência mais interconectado. Este novo formato de espaço e tempo o qual a modernidade está submetida é uma das características principais da globalização que age diretamente sobre as identidades.

Dentre os vários fatores que contribuíram para o surgimento do processo de globalização, podemos citar três mais importantes e situá-los nas últimas três décadas do século XX. Primeiro nós temos o fim da Guerra Fria, depois temos o desenvolvimento das multinacionais que criam redes de produção e de consumo no mundo inteiro e que são detentoras de um poder econômico e político. Mas a rápida expansão da globalização é assimétrica e manifesta-se de forma diferente, em diversas regiões do mundo, criando um fosso cada vez maior entre os países mais ricos e os países mais pobres. A riqueza, o rendimento, os recursos e o consumo concentram-se nas sociedades desenvolvidas, enquanto grande parte do mundo em vias de desenvolvimento debate-se com a pobreza, a fome, as doenças e a dívida externa. E por último vamos ter um grande desenvolvimento tecnológico ao nível das tecnologias da informação com o advento das telecomunicações e da Internet que permitem um maior fluxo de informação e uma maior acessibilidade a esta à escala global.

Com a multiplicação dos significados e representações culturais, somos bombardeados por uma multiplicidade de identidades possíveis de serem utilizadas para fins e em ocasiões das mais diversas possíveis. Esta volatilidade identitária a qual estamos sujeitos nos faz pensar que

a idéia de uma identidade plena e unificada se torne uma fantasia. Tentativas de unificar a identidade através da Etnia, ou seja, através de elementos culturais como a língua, dança, religião, costumes, o lugar de origem, entre outros elementos, acaba por limitar a identidade a elementos culturais e atribuir a Etnia o poder fundante da união identitária.

Na visão de Jameson (1985), essa multiplicação dos significados e representações culturais contribui para o desaparecimento do sujeito, ou seja, a perda do sentimento do “eu”, do sujeito singular. Maffesoli (1996, p.304), fala que “o eu só, é uma frágil construção, ele não tem substância própria, mas se produz através das situações e experiências que o moldam num perpétuo jogo de esconde-esconde”. Desta forma, o “eu” moderno não é constituído de um só elemento nem muito menos inflexível, mas fragmentado e adaptável ao mundo incerto que o envolve, e a ausência de uma referência estável na realidade, constantemente em movimento, inviabiliza a formação de uma identidade sólida. Nesse uso e abandono constante de máscaras, sobressaem-se aqueles que conseguem interpretar seus múltiplos personagens de acordo com as relações espaciais e sociais que estabelecem.

Tomando a incerteza como principio da modernidade, Bauman (1998) afirma a impossibilidade de se construir a identidade como uma estrutura estática e rígida. Para ele, essa construção dever ser feita como um agrupamento de novos começos, tão facilmente agrupados quanto demolidos. Com isso, Bauman não propõem uma dissolução da identidade do sujeito, mas sim uma flexibilidade da mesma. O autor ainda afirma que a incapacidade de construir uma identidade fixa faz parte do sentimento de insegurança presente na modernidade. Sendo assim, a procura desenfreada pela identificação, por um nós que acolha os diversos eus, torna-se uma busca constante. Para Maffesoli (1996, p.303), a identificação do sujeito se dar a partir do momento em que o mesmo se insere em uma cultura, e que o essencial não é o objeto da identificação ao redor do qual se forma o corpo social, mas sim o estar junto, experimentar em comum o integrar-se.

A flexibilidade da identidade na modernidade que pluraliza os indivíduos e multiplica as máscaras que o coabitam e o impedem de constituir um “eu” único na sociedade, fica claro na metáfora que Maffesoli usa para compreender a mesma. Segundo o autor, “a modernidade é vista como uma estrutura de cascas de cebola que dá essa impressão ao mesmo tempo de intensidade e de superficialidade que caracteriza a pós-modernidade”. Esta superficialidade pode ser encontrada também nas relações afetivas, onde o outro é transformado em um objeto de identificação que pode ser descartado a qualquer momento. Dentro dessa lógica de superficialidade dos significados podemos compreender a arte moderna como um esvaziamento do sujeito uma vez que ela é efêmera, destituída de afetividade, não representando nada além de uma estética.

A identidade na modernidade é formada por fragmentos que derivam da multiplicidade de referências e pela ruptura na linearidade temporal na qual a experiência do presente se acentua como afirma Bauman (1998, p. 113): “cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma seqüência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo”. Desta forma, a construção da identidade não se configura neutra, intacta, ao ponto do sujeito ao procurar resposta sobre quem ele é não buscar referências no passado que o constituiu individual e coletivamente.

A busca por elementos discursivos que representem a diferença como unidade tem que vir como principal linha de raciocínio para aqueles que tendem a compreender a identida-

de como sendo algo unificado. Segundo Hall (2006:62), as identidades são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como nas fantasias do eu “inteiro” de que fala a psicanálise lacaniana – as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.

A globalização é um dos fenômenos que marca profundamente as relações dos sujeitos nas sociedades contemporâneas. De forma sutil e até delicada, a globalização entra em nossas vidas e passa a exercer influência na política, economia e até mesmo nos comportamentos mais íntimos que desempenhamos em nosso dia-a-dia. As relações da vida social estão cada vez mais sendo mediada pelo mercado global de consumo que impõem no estilo de vida dos sujeitos, um apego, uma dependência na moda, nas imagens transmitidas globalmente pela mídia, no efêmero. Como consequência disto, as identidades estão sendo desvinculadas de seus tempos, lugares e histórias. Para Haal (2006:75), foi a difusão do consumismo, ora seja como realidade ora seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural. Com isso, entende-se que a globalização não se resume ao campo da política e economia, mas abrange sua participação a quase todas as esferas da vida social.

*“Nem os cépticos nem os radicais compreenderam inteiramente o que é a globalização ou quais são as suas implicações em relação às nossas vidas. Para ambos os grupos, trata-se, antes de tudo, de um fenômeno de natureza econômica. O que é um erro. A globalização é política, tecnológica e cultural, além de econômica”* (GIDDENS,2002:18).

A globalização, vista por uma perspectiva econômica, pode ser compreendida como responsável pelo fenômeno de urbanização em grande parte dos países subdesenvolvidos que tiveram uma industrialização tardia. A promessa de bons salários que os pólos industriais prometiam à massa de trabalhadores oriundas do campo provocou, a partir da década de 60, o estouro dos grandes centros urbanos nos países subdesenvolvidos que não receberam uma infraestrutura adequada que garantisse qualidade de vida às suas populações. É desta forma, que a globalização cria possibilidades para o surgimento de um ambiente favorável ao desenvolvimento de práticas juvenis.

## A ESPACIALIZAÇÃO DO SOCIAL NO ESPAÇO URBANO

*Na cidade espaço não é só matéria nem tampouco é energia. A cidade não é feita da concretude de sua configuração física. Ela é feita também de vida e de inter-relações. Por isso, ao se falar de cidade qualquer análise pragmática do espaço é vã uma vez que sensível e tangível contribuem igualmente em sua conformação. Falar de cidade, portanto, é falar sobre materialidade e imaterialidade que encontram-se entrelaçadas na constituição de um espaço vivente* (JORGE ÉRIKA, 2008:25).

Nos últimos anos, muito se tem escrito sobre o urbano, geógrafos, economistas e, sobretudo sociólogos tentam definir melhor um conceito que permita compreender a realidade

tratada, a qual se estende e se torna mais complexa a cada dia, na medida da complexidade crescente das relações sociais e econômicas.

O conceito tradicional de urbano refere-se à concentração num ponto do espaço de edificações e de pessoas que não exerçam atividades rurais ou o façam em proporção não significativa em relação às atividades ditas urbanas, desempenhadas no interior do núcleo resultante dessa concentração. As várias conceituações de urbano esbarram na possibilidade de encerrar no conceito a complexidade do fenômeno que geralmente abandonam variáveis igualmente pertinentes na sua explicação. Tal caso se atribui ao fato de que as diferenças entre o urbano e o rural, tão facilmente identificáveis na aparência e ao nível do senso comum, a rigor, são muito difíceis de serem identificáveis tanto em termos acadêmicos como operacionais. Assim como não há definições oficiais de urbano rigorosamente idêntica, no plano acadêmico os conceitos de cidade e de urbanização também variam. Aliás, tanto quanto a própria realidade urbana, os conceitos de cidade não são estáticos e estão sendo constantemente reformados pelos autores dos vários campos profissionais que se dedicam ao estudo da urbanização. Esta é sem dúvida o processo de tornar urbanos o espaço e os homens que aí habitam e pode ser vista, no plano físico, que interessa diretamente ao presente estudo, como a expressão espacial de um processo econômico e social.

A urbanização que implica na passagem do rural para o urbano tem sido focalizada a partir de conceitos que se classificariam como comportamental, estrutural e demográfico que privilegiam na caracterização do urbano variáveis que se enquadram nesses três grandes grupos. Para o grupo comportamental o processo de urbanização é descrito através da mudança de comportamento dos grupos sociais. Ao se agregarem, os grupos sociais perdem sentimentos e atitudes de solidariedade e a mudança de seu relacionamento leva a segregação. A competição e os mecanismos de controle formal substituem os laços de solidariedade que uniam a sociedade rural. Perde-se o sentido de estar integrado levando os indivíduos ao que se conceituou como “anomia”.

Segundo a conceituação estrutural, a urbanização se explicaria por condições econômicas e sociais. A cidade nasceria como um mercado servindo a áreas circundantes e seu papel de lugar central, portanto seu nível de “urbano”, seria medido não apenas pelo número de pessoas nela aglomerado, mas pelas funções por ela exercidas para a sua área tributária. Onde houvesse complexidade de funções, de trocas e de serviços e, também de produção, se caracterizaria uma cidade. Vale lembrar que a industrialização pode criar aglomerados de população que não possuam as funções centrais características das cidades-mercados e que, no entanto, por representarem uma concentração expressiva exigem uma re-interpretação de conceituação estrutural mais genérica de cidade mercado.

A interpretação demográfica do processo de urbanização postula que a urbanização é um processo de concentração populacional. Os estágios e processos de desenvolvimento dos aglomerados se explicariam pelos movimentos da explosão populacional e correções posteriores, introduzidas por uma busca “inata” do equilíbrio. As diferentes explicações e conceituações de urbano e as tentativas de sua medida esbarram no limite do arbítrio de que se originam. A respeito do critério de precisar o urbano pela quantidade da população aglomerada, alerta Carter apud Castells (2009), não existe um ponto contínuo das grandes aglomerações aos pequenos agrupamentos ou habitações dispersas onde o urbano desapareça e começa o rural: a divisão entre populações urbanas e rurais é necessariamente arbitrária daí decorre que o mais e aparen-

temente atraente método de definir uma cidade por um mínimo fixo de população é irreal e que apesar da noção de tamanho estar envolvida é difícil traduzi-la em termos mais específicos.

É notória a diversidade dos sujeitos que habitam os espaços das cidades, e refletir sobre elas é um desafio que se impõe à prática sociológica. Segundo CASTELLS (2009:146), “É a densidade, o calor do agrupamento que, aumentando a intenção e a comunicação, favorecem o livre desabrochar, o imprevisto, a fruição, a sociabilidade e o desejo ao mesmo tempo... as relações sociais se revelam na negação da distancia. E é finalmente isto, a essência do urbano porque a cidade não cria nada, mas, centralizando as criações, ela permite que elas brotem”.

Os sujeitos, bem como as organizações e grupos sociais, são entendidos a partir do produto das interações com os demais grupos – externos e internos – realizadas em um espaço social. A forma da cidade centraliza as criações e posicionam os sujeitos em um ambiente social, o que resulta em trajetórias biográficas particularizadas decorrentes de sua posição, na estrutura social e das experiências por eles vivenciadas. Assim, é importante destacar o local onde as ações dos indivíduos são centralizadas, ou melhor, onde as ações são equivalentes e direcionadas para um novo desabrochar. Pois, tais locais, nos permitem explicar as posições dos sujeitos em diversos contextos e formas de sociabilidades. Uma vez que a sociedade urbana em seu sentido mais amplo vai *além do que a simples forma espacial*, ela agrega um sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e transformação. Lançando-se como suporte para o diálogo entre estas dinâmicas, o espaço geográfico<sup>8</sup> passa a ser responsável direto pelo surgimento de culturas urbanas.

Podemos falar que a concentração de um grande número de pessoas em espaços geográficos relativamente pequenos – uma das características da globalização – exerce influência direta no surgimento de tais culturas. Sendo assim, diante do surgimento das questões que a dinâmica interacional sucinta; as cidades passam a serem alvos de olhares atentos de pesquisadores que buscam respostas para tais problemas. Autores como Wirth, vão propor uma teoria sociológica da cidade, que ultrapasse o simples critério geográfico sem a reduzi-la a um processo econômico, como por exemplo, a industrialização ou o capitalismo. A problemática da teoria proposta pelo autor se resume na definição de cidade, que segundo o autor corresponde a uma localização permanente, relativamente densa e grande de indivíduos socialmente heterogêneos.

Wirth toma como fator principal e determinante dos tipos sociais as relações entre características e formas culturais. A densidade, a heterogeneidade e a dimensão física do espaço onde os aglomerados de pessoas e grupos se encontram, passa a ser os elementos centrais para definir a relação social existente em cada espaço físico. O tamanho da cidade vai determinar o grau de diferença entre os sujeitos e os grupos sociais, bem como a intensidade do laço comunitário que, por sua vez, em uma cidade grande, tende a afrouxar e dar lugar a mecanismos de controle formal e a competição social. Segundo Castells (2009;130), os traços distintivos de um sistema de comportamento são: o anonimato, a superficialidade, o caráter transitório das relações sociais urbanas, a anomia, e a falta de participação, que juntos atuam diretamente no processo econômico e político através da segmentação das relações urbanas e levam ao surgimento de demandas heterogêneas que ao se constituírem em cadeias equivalenciais, *os interesses dos indivíduos passam a serem defendidos por instituições representativas*.

---

8. No sentido de uma área física, e com fronteiras. Exemplo; um bairro.

Dentro da teoria proposta por Wirth, a densidade demográfica, passa a exercer uma ação paradoxal, ou seja, quanto maior a aproximação física dos sujeitos – isto pode ser visto nas grandes e pequenas cidades – mais distantes são as relações sociais que se limitam ao comprometimento parcial nos relacionamentos. Os relacionamentos dos meios sociais<sup>9</sup> passam a se dar através do contato superficial das partes envolvidas, desta forma, não há uma mistura aparente, mas sim, uma sobreposição das partes envolvidas. Com isso, presenciamos um relativismo da sociedade urbana, bem como, uma crescente indiferença a tudo que não esteja ligado diretamente aos objetivos pessoais de cada indivíduo.

Dentro desta lógica conceitual que Wirth utiliza para definir o que seria o “urbano”, essa convivência – entre grupos ou sujeitos – que o espaço urbano oferece proporciona aos seus participantes um exercício pleno da convivência com a diferença. Onde as demandas individuais convergem em uma cadeia equivalencial para obter um propósito comum. Segundo Frúgoli, para Simmel, os problemas mais graves da vida moderna decorrem da busca que o sujeito faz para preservar a sua autonomia e individualidade que se vêem constantemente ameaçadas pelo peso das forças sociais. (FRÚGOLI, 2007:15).

Desta forma, viver na cidade sugere um novo tipo de convívio com o espaço urbano, um convívio em que os sujeitos expostos à razão da vida prática se vêem obrigados a aderirem a uma multiplicidade de papéis determinados por ocasiões adversas. Respectivamente, estes espaços urbanos são áreas importantes para o desenvolvimento de formas diversas de sociabilidade. As relações entre os cidadãos passam a serem permeáveis pela indiferença e pela insensibilidade, as coisas adquirem um caráter comercial, os sentimentos transformados em mercadorias manifestam-se entre os sujeitos como desinteresse por aquilo que os cerca, cria-se uma impessoalidade entre os sujeitos que habitam as cidades. (FREITAG, 2006:22). O anonimato que é tido como regra nas estruturas sociais das cidades bate de frente com a necessidade que os novos movimentos sociais têm de se firmarem identitariamente.

A diferença existente entre os sujeitos que habitam o espaço urbano deixa o sistema de classes mais fluido e móvel, explicando desta forma o porquê a afiliação a grupos não é estável, mas ligada a posição transitória de cada indivíduo. Há, portanto, o predomínio da associação fundamentada na afinidade racional dos interesses de cada um sobre a comunidade, definida pela filiação a uma classe ou status. Esta diferença social coincide também com a diversificação da economia de mercado e com uma vida política fundamentada nos movimentos sociais, grupos e subgrupos urbanos. A cidade – o espaço urbano – recebe elementos culturais próprios e passa a ser compreendida como sua variável explicativa. A cultura urbana lança de vez a sua base no campo e se instaura como modo de vida abrindo lugar para o surgimento do tipo urbano. Tipo este que para Castells (2009:132) está centrado na desorganização social, na individualização e na secularização. Compreendemos desta forma que o aumento populacional progressivo de uma sociedade, bem como, toda a complexidade de elementos que esta densidade traz, moldam e definem as formas de ocupação do espaço urbano.

## A JUVENTUDE DA QUAL FALAMOS

*“Todo o avanço científico se deu no sentido de separar para melhor compreender. Daí a separação entre homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, raças, credos*

e nações”. Paulo Roney Ávila Fagúndez.

O que é juventude? É possível definir este conceito? Quem são os jovens? Será que podemos aplicar o conceito para definir sujeitos com idade entre 15 a 25 anos que carregam desde cedo todo peso da obrigação de sustentar a família através de um trabalho, muitas vezes indigno e mal remunerado? Ou será que podemos aplicar o conceito a sujeitos com idade entre 15 a 35 anos que não estão incluídos no mercado de trabalho, nem ao menos tem uma renda para o seu sustento e vivem sobre a dependência dos pais? O que é afinal a juventude? São tantas as definições para o conceito e tão diversas as discussões sobre a noção de juventude, especialmente nas ciências sociais que é importante delimitar as bases sobre as quais se sustentam as reflexões que este trabalho propõe.

A Organização das Nações Unidas entende que o conceito de juventude é aplicado a sujeitos entre 15 a 24 anos de idade, para a SNJ (Secretaria Nacional de Juventude), a faixa etária que define a população jovem é de 15 a 29 anos. De acordo com a SNJ, no Brasil há cerca de 48 milhões de jovens, o que nos mostra que a juventude está longe de ser a minoria. Tal fato pode ser visto no crescente aumento do interesse acadêmico e do mercado que a cada dia que se passa investem milhões em pesquisas sociais para tentar descobrir o que está por trás dos hormônios, da rebeldia, das transgressões e dos movimentos culturais e sociais que envolvem o universo juvenil. Nos Estados Unidos, empresas como a RI – Instituto de pesquisa de mercado, semelhante ao IBOP – disponibiliza anualmente para empresas de diversos ramos de bens e serviços estudos qualitativos e quantitativos realizados com jovens entre 12 a 19 anos. Podemos citar também a MTV – Music Television – como uma das várias emissoras de televisão que desenvolve pesquisa sobre consumo, meio-ambiente, sexualidade entre outros assuntos junto a adolescentes e jovens.

Com o despertar para o tema “juventude”, o conceito vem se transformando aos olhos da ciência que começa a superar o sentido reducionista que normalmente associa a categoria a movimentos ativistas e a uma parcela minoritária da sociedade. Desta forma, não cabe mais considerar a juventude como apenas uma faixa de idade do percurso vital do sujeito, mas sim como um conceito possuidor de múltiplos sentidos. A medicina passa a compreender a juventude como uma fase crucial na formação da individualidade do sujeito. Ou seja, um período em que a identidade do sujeito está tomando forma. Teóricos das Ciências Sociais também dão sua contribuição para a compreensão do conceito.

Para Maria de Assunção, a análise do positivismo francês e do romantismo-histórico feita pelo filósofo Karl Mannheim em seu livro *O Problema das Gerações*, ficou marcada como sendo o pontapé inicial nas discussões sobre a temática da juventude dentro da sociologia. Ao analisar a corrente positivista, segundo Assunção, Mannheim deixa claro que o conceito de juventude representa um período onde os sujeitos se submetem a uma dependência dos mais velhos. Esta dependência, também trás consigo uma áurea de improdutividade que só desaparecerá na maior idade. No que diz respeito a corrente dos romântico-históricos a crítica recai sobre a idéia objetivista de tempo linear que os sujeitos atravessam para chegar na idade adulta. Para esta corrente, segundo a autora, os sujeitos contemporâneos constituem uma geração por estarem sujeitos a influencias comuns (PAULO, 2010:49).

Bourdieu (1983) em seu artigo “A juventude é apenas uma palavra” afirma que a juventude é uma construção dos adultos e tem como finalidade exercer o controle social através da

imposição de uma divisão de poder. O autor também cita a velhice como uma categoria inventada pelos adultos para sobre ela exercer um controle social. Desta forma, fica claro para Bourdieu que a separação entre jovens e velhos é uma forma de assegurar uma ordem que coloca cada um em seu lugar, respeitando limites sociais invisíveis. Aos adolescentes, é imposta uma irresponsabilidade provisória, ou seja, de acordo com a situação o sujeito pode ser compreendido como criança ou adulto. Para Bourdieu (1983, p:114), um dos efeitos mais poderosos da situação juvenil surge desta existência separada que os coloca socialmente fora do jogo. Ora, é uma coisa, ora é outra.

Fica claro que a juventude, bem como a sua definição, surge como uma construção ideológica onde muito das suas representações são forjadas, criadas e recriadas de acordo com as necessidades históricas de cada área da ciência. Os cientistas sociais compreendem a juventude como uma das fases do ciclo da vida humana onde as mudanças psicológicas e dos papéis sociais ficam claras neste período. Os geógrafos que trabalham com a área humana e populacional predeterminam uma faixa etária para “enquadrar” os jovens. Com toda esta variedade de sentidos que o conceito carrega pode-se ampliar mais ainda o seu significado se considerarmos fatores como classe, gênero e etnia entre outros, como critérios de subdivisão. Por isso alguns autores falam que não podemos compreender o conceito no singular, mas sim no plural, ou seja, “juventudes” e não juventude.

A antropóloga Maria de Assunção Lima de Paulo defende em sua tese *“As construções das identidades de jovens rurais na relação como o meio urbano em um pequeno município”* que a categoria juventude foi criada na modernidade para demarcar uma série de valores e uma idade da vida caracterizada pela transição para a vida adulta. Desta forma, segundo a autora, o conceito de juventude que conhecemos hoje faz parte da estratégia de uma sociedade universalista que busca diminuir as tensões entre os indivíduos e a própria sociedade através da convivência de sujeitos da mesma idade em instituições formais ou informais (PAULO, 2010:45).

Vimos que várias são as definições para o conceito de juventude, e apesar das diferenças existentes entre o sentido, todos os teóricos acabam por concordar que a juventude é uma fase da vida caracterizada pela passagem entre a idade da infância para a idade adulta. Processo que é culturalmente determinado, através de ritos e ações sociais que divergem de grupo para grupo. Desta forma, este trabalho compreende a noção de juventude como um fenômeno social que é reflexo e produto de um imaginário coletivo que se constitui a partir de um conjunto de valores como; felicidade, sociabilidade, amizade e liberdade. Fica claro então, que trabalharemos com uma idéia flexível do conceito de juventude que se traduz nas influências comuns que os sujeitos sofrem durante o processo vital. Porém um dos parâmetros institucionais que mais se assemelha com a nossa proposta de trabalho é a definição de juventude estabelecida pela SNJ, que compreende o jovem como sendo aquele sujeito que tem entre 15 a 29 anos de idade.

## SOCIABILIDADE JUVENIL

A partir da década de 1950, as práticas de agrupamentos juvenis tomaram forma e passaram a ser identificadas como um seguimento social específico. O ápice para a consolidação da cultura jovem, e respectivamente a idéia de juventude, acontece como resposta a uma série de práticas, maneiras e costumes adquiridos pela sociedade – chegando a algumas sociedades

primeiro do que em outras – a partir da expansão do consumo mediante a prosperidade econômica. Desta forma, a formação de agrupamentos juvenis passa a despertar o interesse de pesquisadores que viam em tais formações um desvio de conduta, e acabavam orientando as suas pesquisas para área que tinha como enfoque central questões relativas à marginalidade e a delinquência. A teoria do desvio comportamental ficou sendo o principal aporte teórico para análise de tais grupos, que mais tarde, por volta da década de 60, ganha um grande avanço através do sociólogo Howard Becker. Segundo o sociólogo, o que é ou não desviante, resulta de uma relação de poder, ou seja, a criação do desvio está relacionada a um ato coletivo, referente a criação de regras e da rotulação de pessoas estranhas aos grupos, que negam as regras impostas pelos mesmos. Sendo assim:

*Os grupos sociais criam o desvio ao criar as regras cujas infrações constituem desvio comportamental, e ao aplicá-las a um grupo específico e rotulando-as como outsiders. A partir desse ponto de vista, desvio não é uma qualidade do ato cometido por uma pessoa, mas sim a consequência de sua aplicação por outros de regras e sanções a um “transgressor”. O desviante é aquele a quem tal rótulo foi aplicado com sucesso. Comportamento desviante é comportamento que as pessoas assim rotulam (Feitosa apud BECKER,2003:9).*

A habilidade de criar regras e aplicá-las a outras pessoas e grupos está intrinsecamente ligada ao exercício de poder, seja ele legal ou não. Diferenças que a princípio são tomadas como naturais – classe, sexo, idade entre outras – estão diretamente ligadas as diferentes formas de aplicação do poder. A análise do poder a partir da distinção de grupos sociais dominantes e grupos sociais subalternos, lança as bases para os estudos culturais da década de 70, e marca segundo Feitosa (2003), o estabelecimento de uma teoria *subcultural* e dos estudos de *subculturas*. A princípio, tais estudos que foram realizados sobre as manifestações culturais que emergiram no período posterior a segunda guerra mundial, foram associados a corrente dos estudos culturais que em linhas gerais compreendiam o conjunto de práticas – práticas estas, ligadas diretamente ao consumo de gêneros musicais, atividades de lazer e de estilos de roupas que usam – realizadas pelos jovens como sendo expressões culturais diferenciadas que se configuram essencialmente pela questão de classe social. A classe média contrapõe-se a classe menos favorecida, que por sua vez compreende uma série de grupos que convivem diariamente com a diferença de seus opostos.

Diferenças estas que tornam-se visíveis no espaço urbano, local onde nos deparamos com o estranho que está ao nosso lado nos provocando o tempo todo a entender esta diversidade humana que nos rodeia. Simmel foi um dos primeiros teóricos das ciências sociais a alertar para a diversidade e a heterogeneidade presente nos espaços urbanos, apontando para o tipo metropolitano de individualidade. Segundo Simmel:

*“[...] os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida” (1979:11).*

Os espaços onde as interlocuções dos sujeitos acontecem são responsáveis pelas mais variadas formas de interação. A sociedade urbana exerce o papel de organizar todas as experiências humanas em uma rede empírica de ações que se efetivam em um espaço e tempo determinado. Caracterizando-se, desta forma, como sendo uma modalidade de interação entre indivíduos que além de manter o vínculo interacional desenvolve uma consciência de unidade entre as partes. Segundo Simmel, esta reciprocidade consciente entre os sujeitos, se configura como sendo uma característica marcante do social. Pois, para o mesmo, “não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos” (SIMMEL *apud* FRÚGOLI, 2007:11). Nesse sentido, o conceito de sociabilidade passa a exercer um papel fundamental para a compreensão do modo como a sociedade se organiza através das interações entre os sujeitos. Sua capacidade abrangente lhe confere a aplicabilidade em esferas familiares ou cotidianas.

A sociabilidade a qual nos propomos trabalhar desenvolve-se em espaços urbanos ocupados pela presença de um número grande de grupos juvenis que se estruturam a partir de galeiras, gangues, grupos de orientação racista, musical, religiosa entre outras formas de expressões. Jovens que a cada dia que se passa ocupam mais e mais, um lugar central nessas formas de sociabilidade urbana. Tribos que através da socialidade<sup>11</sup> de seus sujeitos, desenvolvem diferentes formas de sociabilidade<sup>12</sup>. No conceito de tribalismo empregado por Maffesoli, essa sociabilidade é construída a partir da união dos sujeitos e do compartilhamento dos sentimentos, símbolos e signos por eles vivenciados. Segundo Maffesoli:

*É para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, como metáfora, os termos de “tribo” ou de “tribalismo”. Sem adorná-los, cada vez, de aspás, pretendendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais (MAFFESOLI, 1998:28).*

O conceito de tribos urbanas que Maffesoli utiliza para definir o conjunto complexo de relações existente entre os jovens – as várias formas de sociabilidade juvenil – pode ser perfeitamente aplicado para a compreensão do nosso objeto de estudo. Desta forma, entendemos que o *Movimento* é uma das múltiplas possibilidades de interação juvenil que nasce entre os moradores de bairros pobres das periferias das cidades. Surge principalmente da socialização no mundo da rua, nas esquinas e pontos de encontro onde desenvolvem relações de amizade e lazer, surge em um ambiente onde os sujeitos enfrentam os mecanismos da violência urbana e lutam diariamente contra os aparelhos repressivos. É neste espaço de conflito e tensão, que os jovens buscam construir identidades coletivas e desenvolver modalidades diferentes de sociabilidade.

As identidades culturais resultantes desse processo híbrido de interação – decorrente dos fenômenos da globalização – faz emergir no meio acadêmico a necessidade de se discutir a

---

11. Segundo Maffesoli, o conceito remete à “multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não-lógicas”.

12. Para Maffesoli a sociabilidade caracterizaria as relações sociais típicas da modernidade.

questão da identidade. Alguns autores como Stuart Hall, vão explorar questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existe de fato uma crise de identidade. Para Hall:

*“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”* (2002:13).

As identificações não têm mais o limite imposto pelo geográfico, ou seja, a proximidade não se consolida mais como parâmetro definidor de homogeneidade cultural. Podemos nos identificar com milhares de outras pessoas com preferências, hábitos, desejos e tantas outras questões possíveis de serem postas ao contato de todos pela globalização. Desta forma, vamos vendo a formação de identidades a partir das múltiplas possibilidades de se pensar o mundo, de refletir, ou seja, pela forma como os indivíduos criam os seus estilos de vida e, a partir destes, suas identidades. Para GIDDENS (1991:45), a construção da identidade consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. Sendo assim, a construção da identidade passa, necessariamente, pela forma como os indivíduos criam os seus estilos de vida e, a partir destes, suas identidades. Para Giddens:

*“estilo de vida é um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem suas demandas, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”* (GIDDENS, 2002:79).

A identidade reside no estilo de vida adotado pelos jovens, ou seja, nos processos de interação microsociológicos através dos quais se constituem as diversas formas de sociabilidade. Entre elas, a juvenil. Que através da narrativa deles mesmos e dos outros que estão a sua volta constroem suas identidades. A identidade torna-se assim, inseparável de uma narrativa. O conceito de identidade fundamenta-se assim, em uma unidade que tem como elementos básicos a diversidade de sujeitos que comungam dos mesmos sentimentos de origens, frutos de uma relação equivalencial de demandas. Dentro desta lógica compreendemos o *Movimento* como uma identidade resultante do processo de globalização das culturas que gera uma pluralidade de sujeitos que estabelecem entre si uma certa solidariedade. O mesmo pode ser considerado também como sendo um dos novos movimentos sociais que compõem o quadro da estrutura social da modernidade. Assim como os demais movimentos, o tem como base uma formação híbrida. Isto é, uma natureza heterogênea, que, mesma, chega a ser até conflitante. O próprio movimento é constituído por cinco formas distintas de linguagem artística que, por si só, já mostram o caráter diverso do movimento.

## **CAPÍTULO II**

---

## CAPÍTULO II. QUE EU DESORGANIZANDO POSSO ME ORGANIZAR

---

Abordaremos neste II capítulo os conceitos teóricos que embasaram o desenvolvimento da dissertação. Discutiremos como a noção de institucionalização é tratada pelas vertentes do institucionalismo no campo da sociologia organizacional bem como abordaremos uma discussão teórica sobre movimento social.

### ORGANIZANDO AS IDEIAS

Em “Ensaio de Sociologia” Max Weber faz uma discussão muito pertinente sobre organizações sociais. O autor diferencia de forma clara e objetiva os elementos que definem e legitimam os conceitos de *Classe*, *Status* e *Partido*. No primeiro momento o autor nos mostra que a distribuição de poder é fator determinante na constituição de classes, grupos de status e partidos de uma comunidade. Para ele a existência da lei é decorrente da necessidade de se manter a ordem, que tem grande influência na distribuição dos poderes, dentre os quais o econômico. Sendo que poder é a condição que o homem ou grupo de homens tem de conseguir seus objetivos, mesmo em meio às resistências. O poder econômico não é similar aos outros poderes, podendo inclusive ser uma consequência de um poder que não tenha o poder econômico. Porém deve-se observar que o homem não luta com o objetivo único de enriquecer economicamente, podendo haver outro objetivo na luta pelo poder, como por exemplo, a honra social. Sendo que a honra social é constituída pelo poder econômico e político. O poder e a honra podem ser garantidos pela ordem social, mas não são freqüentemente obtidos por ela. A ordem social é a forma pela qual a honra social se distribui numa comunidade, não sendo igual à ordem econômica, porém em alto grau condicionada por ela e reagindo a mesma.

A determinação da situação de classe será regida pela situação de mercado, desta forma segundo Weber, só podemos falar de classe quando determinadas pessoas possuem em comum um componente causal específico de suas oportunidades de vida e esses componentes forem representados exclusivamente por interesses econômicos na posse de bens e oportunidades de rendimentos e representando sobre as condições do mercado de produtos ou do mercado de trabalho. Esses pontos se referem à situação de classe, observando-se ainda que as oportunidades exteriores a vida são determinadas pelo volume e tipo de poder, ou por sua ausência de adquirir bens e rendimentos de ordem econômica. Sendo que de acordo com a utilidade, os não-proprietários são excluídos da disputa pelos bens de maior valor, e os proprietários obtêm dessa maneira o monopólio da obtenção de bens. Portanto, propriedade e ausência de propriedade são as categorias clássicas de todas as situações de classe.

Os interesses econômicos ligados a existência do mercado são responsáveis pela formação das classes. Porém o conceito de interesse de uma classe é flexível, se tomarmos interesse como escolhas, ou seja, a direção que um trabalhador deverá buscar seus interesses profissionais pode variar muito, vai depender de sua qualificação para o cargo o qual almeja entre outros fatores. A questão é a direção de interesses que pode variar dependendo de se estar ou não pertencendo a uma classe. O surgimento de uma ação societária ou mesmo comunal a partir de uma situação comum de classe não é um fenômeno universal. Uma ação societária está ligada a condições culturais gerais, especialmente às do tipo intelectual. Está ligada também à ampli-

tude dos contrastes que já se tem desenvolvido entre as causas e conseqüências da situação de classe. A ação societária é orientada no sentido de um ajustamento de interesses racionalmente motivado. Como exemplo Weber cita a desaprovação moral da conduta do feitor que é cada vez mais típico nos dias atuais.

Por outro lado a ação comunal que resulta na constituição de uma classe, não se configura como uma ação realizada por membros da mesma classe e sim por membros de classes diferentes. Estas ações são determinadas diretamente pelo mercado de trabalho de produto e pelo empreendimento capitalista. Na antiguidade as lutas eram travadas entre camponeses endividados e credores urbanos e hoje em dia a questão central é a determinação do preço do trabalho. A má vontade do trabalhador é devido quase exclusivamente ao fabricante e ao administrador, os quais são os oponentes diretos dos trabalhadores na guerra de preços.

*Esse simples estado de coisas tem sido, com muita freqüência, decisivo para o papel que a situação de classe tem desempenhado na formação de partidos políticos. Por exemplo, torna-se possível as variedades de socialismo patriarcal e as freqüentes tentativas de grupos de status ameaçados formarem alianças com o proletariado contra a burguesia (WEBER, 1976:70).*

Ao contrario das classes que nem sempre formam comunidades, os grupos de status ou partidos, normalmente constituem comunidades. Conseqüentemente a situação de status também é diferente da situação de classe. Enquanto a primeira é determinada economicamente a segunda pode ser definida como “todo componente típico do destino dos homens determinados por uma estimativa social específica, positiva ou negativa de honra” (WEBER, 1976:70). Esta honra pode estar ligada a qualquer característica compartilhada por um grupo de indivíduos e por isso pode estar ligada a uma situação de classe. As distinções de classe e de status estão ligadas entre si das formas mais variadas. Porém a honra de status não precisa estar ligada a uma situação de classe. A propriedade não é sempre reconhecida como qualificação de status, pelo contrario, ela se opõe as pretensões de mera posse. Tanto pessoas com propriedade como pessoas sem propriedade podem se enquadrar dentro do mesmo grupo de status.

O sentimento de honra dado através do status expressa-se através da comunhão de símbolos e signos por parte dos sujeitos membros de um grupo. Nesse modelo o relacionamento não se prende a objetivos econômicos e funcionais do trabalho. As restrições que são impostas podem levar a um fechamento do grupo em relação ao resto da sociedade. Um exemplo que Weber coloca é o de moradores de uma rua que só aceita os membros do seu grupo de status, e há, portanto, uma dificuldade de penetração por parte de quem chega depois. Este é um exemplo simples, mas há porém grupos muito mais fechados, como seitas que são quase inacessíveis, que às vezes limitam até os casamentos ao seu próprio círculo, levando a um completo fechamento endogâmico.

Os partidos vivem sob o signo do “poder” e tem em oposição às classes e ao estamento que suas ações significam sempre uma socialização e a meta dessa ação pode ser uma causa ou ser pessoal; sua reação é orientada para a aquisição de poder e pretendem influenciar o domínio existente. Os partidos podem representar situações classistas ou estamentais.

Assim, os partidos ou organizações políticas não são a mera expressão ou reflexo de uma identidade de classe previamente estabelecida, mas parte de um processo de constituição

de uma ação política a partir de uma ação societária que, por seu turno, tem como pressuposto, uma ação comunal baseada num sentimento comum de uma situação de classe compartilhada. Porém, esse processo é contingente, precário e não linear. Irredutível a um mero interesse de classe.

Apesar de uma situação social variável, mas comum, de exclusão socioeconômica, os antagonismos sociais manifestam-se de maneira diversa e, sobretudo, as experiências de vida dos atores sociais têm trajetória extremamente díspares, apontando para impasses e saídas para as quais as condições estruturais objetivas constituem, na melhor das hipóteses, apenas um grande pano de fundo (KOWARICK, 2000).

A partir e para além das condições estruturais socioeconômicas, operam produções simbólicas realizadas por atores que confeccionam discursos (narrativas e argumentos) sobre uma situação concreta a partir da qual estruturam as orientações de suas ações sociais. É preciso que se faça uma análise por dentro dos grupos sociais, para que se entenda seus fluxos e refluxos, seu percurso cheio de desvios, caracterizado pela constante recomposição de divisões e alianças que cabe reconstituir nas interações cotidianas.

Dessa forma, podemos diferenciar, acompanhar e compreender os processos sociais de mobilização (ação comunal), organização social (ação societária) e institucionalização (ação partidária) do *Movimento*.

## ORGANIZAÇÕES INSTITUCIONAIS

Quando falamos em instituições pensamos em um padrão de controle ou em uma programação de conduta individual imposta pela sociedade. Provavelmente estas duas definições não despertam qualquer oposição visto que, embora se diferencie da acepção comum do termo, não entra em choque direto com o mesmo. No sentido usual, o termo designa uma organização que abranja pessoas, como por exemplo, uma delegacia, um hospital ou uma escola. O conceito de instituição também é ligado às grandes entidades sociais que o povo enxerga quase como um ente metafísico a pairar sobre a vida do indivíduo, como “o Estado”, “o mercado” ou o “sistema educacional” – para citar alguns exemplos. Se pedissemos para alguém indicar uma instituição, certamente recorreriam a um dos exemplos acima. E não estariam errados. Acontece que o significado comum do conceito deriva de uma visão unilateral que estabelece ligação por demais estreita entre o termo e as instituições sociais reconhecidas e reguladas por lei.

Vários autores da sociologia abordam o conceito de instituição em suas obras, o que torna o assunto cada vez mais central na sociologia moderna. Porém, esta multiplicidade de olhares acaba difundindo várias posições sobre o mesmo tema. Há autores que aplicam o conceito de “instituição” para se referirem a grandes associações individuais, considerando o meio ambiente como pano de fundo, e outros autores que compreende estas associações como sendo produto do meio onde as mesmas surgem. Mas uma coisa é certa, todos os teóricos expressam na concepção de instituição, a noção de ordem e mudança social.

*O termo denota a idéia de valores e normas sociais estáveis que impõem restrições a alternativas de ação e estabelecem 'scripts' e rotinas comportamentais adequadas a contextos específicos de interação social (SKACKAUSKAS apud JEPPE-*

SON; 2007: 17).

Na citação acima, fica claro que a lógica da institucionalização de um grupo, se dar pelo procedimento estável e organizado que legitima o mesmo no contexto da interação social com a sociedade a sua volta. Diga-se de passagem, que esta necessidade de legitimar-se, foi o que moveu os primeiros estudos organizacionais que adotaram o conceito de instituição de um modo prescritivo, preocupados com as formas como uma organização pode torna-se uma instituição, ou seja, ganhar legitimidade perante a sociedade e tornar-se viva e permanente. O novo institucionalismo surge com uma proposta diferente, suas bases, pairam sobre a influência do construtivismo social. Seus principais proponentes, afirmam compartilhar uma visão da realidade como socialmente construída e concentram seus esforços, principalmente, na análise de organizações inseridas num setor, campo ou sociedade (PECI, 2005). Porém, a organização e a legitimidade, passa a atuar como um consenso entre o velho e o novo institucionalismo.

A sociologia da estrutura e do funcionamento exerce um papel fundamental no surgimento dos estudos organizacionais. O velho institucionalismo, segundo Andréia (2006), apresenta dois processos fundamentais para a teoria institucional. O primeiro refere-se à *institucionalização organizacional* que se dá a partir da interação informal no interior das organizações formais, constituindo uma fonte potencial de institucionalização do sistema organizacional na medida em que possibilita o surgimento de focos de identidade mediados por lideranças sensíveis e responsáveis. Já a *organização institucionalizada* ocorre quando o ator organizacional passa a ter um caráter distinto e uma identidade própria, capazes de desenvolverem ações estratégicas no seu ambiente.

Na teoria administrativa, a uma incidência muito grande por parte dos agentes institucionais em dar ênfase aos meios e deixar os fins em segundo plano. Esta ênfase nos meios se configura em um problema, pois para alguns autores, é só com a união entre os meios e os fins que a organização pode chegar a ser um veículo de integração do grupo, com um fim em si mesmo. Para Peci a integridade de uma organização não se limita a eficiência, as formas de procedimentos e nem mesmo a coesão do grupo. A integridade, segundo o autor, é a combinação da organização e da política; que surge quando uma orientação específica se consolida firmemente como parte da vida do grupo que influencia e dirige as atitudes, decisões e formas de organização, assim procedendo em vários níveis de experiência.

O novo institucionalismo apresenta novidades quanto ao velho institucionalismo, que não admite novas dimensões e sim novas análises sobre as mesmas dimensões. Quando se pensa em uma instituição, deve-se levar em consideração a legitimidade, a estabilidade e a ordem assumidas por uma organização, que, em graus diversos, são representados pela burocracia e racionalidade. Ou seja, essas dimensões estão presentes em todas as abordagens institucionais, mas recebem focos distintos de análise. A burocracia no velho institucionalismo, que necessariamente não implica eficiência, refere-se à formalização de procedimentos rotineiros como resposta às pressões externas e dos próprios membros da organização. A análise das atividades de rotina deve se basear na interação dos indivíduos em situações diárias, ou seja, na estrutura social da organização. Já para o novo institucionalismo, a burocracia que também não privilegia a eficiência é vista como regras institucionalizadas e ritualizadas para atender processos cerimoniais do ambiente externo.

A racionalidade está diretamente relacionada à aplicação da forma burocrática em todas

as abordagens. No velho institucionalismo, a racionalidade é necessária para que a organização aplique os procedimentos técnicos necessários, que, ao se cristalizarem com o tempo, podem transformar a organização em uma instituição. No novo institucionalismo, a racionalidade não é parte de um processo de transição, como o apontado por Selznick (1971), mas, mesmo assim, é imprescindível para que a organização, no caso da primeira versão, ou seja, no caso do velho institucionalismo, possa ser tratada como legítima pelas outras instituições. No caso do novo institucionalismo a racionalidade recebe um tratamento mais sofisticado, pois é diferenciada da racionalidade econômica e passa a ser analisada a partir do viés cognitivo e interpretativo, o que a transforma em limitada, contudo não menos objetiva e adaptável ao tratamento dos estímulos, sejam externos ou internos.

Vale lembrar que o conceito de institucionalização não é sinônimo de burocratização. A burocratização representa uma dentre várias formas possíveis de mudança organizacional que se torna visível na formalização, rotinização, impessoalidade, padronização e previsibilidade do sistema operacional da organização. A burocracia é desta forma uma resposta organizacional às incertezas criadas pelo ambiente, assim como, às incertezas criadas pelos próprios membros de uma organização. O que faz com que esteja sempre presente em uma instituição, independente do grau que se manifesta, isto é, mesmo que uma instituição não seja totalmente burocratizada, ela não deixará de ser uma instituição, todavia um mínimo de formalização lhe será exigido.

A nossa intenção de destacar a burocracia e a racionalidade como dimensões do institucionalismo justifica-se para a avaliação da institucionalização de uma organização a partir da complementaridade de conceitos e noções teóricas que as abordagens do velho e do novo institucionalismo sugerem. Selznick, como representante do velho institucionalismo, aposta na liderança institucional capaz de construir a identidade necessária para a manutenção da integridade da instituição e, assim, de garantir sua estabilidade e autopreservação. Em resumo, de uma forma ou de outra, as teorias em questão afirmam ser a institucionalização um processo e, como tal, representa um desenvolvimento para a organização no sentido de alcançar maior estabilidade, legitimidade e, se possível, mais eficiência. Desse modo, quando uma organização se institucionaliza isto é visto de forma positiva para a sua própria sobrevivência e para a ordem do ambiente em que se encontra. Porém, muitos dos teóricos dos movimentos sociais não estão de acordo com tal visão.

Uma maior formalização da organização pode significar perda de autonomia e de sua capacidade reivindicatória, ou ainda de seu caráter informal, que é o contraponto principal com relação a outros atores sociais, como partidos políticos. Mas, diante de novas exigências, como transparência, responsabilidade pública, eficiência organizacional, os atores que fazem parte de movimentos sociais, se vêem no desafio de construir novos formatos organizacionais e até institucionais. Embora o nosso objetivo seja o de diagnosticar o processo de institucionalização de um movimento social, cabe aqui sinalizar que tipo de institucionalização estamos trabalhando. Desta forma, vamos mostrar neste trabalho como se deu este processo a partir de avaliações empíricas que mostram como a institucionalização de um movimento social pode surtir resultados adversos à ideia de deterioração de sua imagem como ator da mudança social.

As ações dos indivíduos que atualmente congregam o *Movimento* de Campina Grande só passam a serem vistas, reconhecidas e associadas ao movimento quando os seus integrantes decidem formar o “Núcleo Campina”. A instituição foi formada em meados de 2007 e os cargos que compõem a sua estrutura são criados mediante uma assembléia que define quais as

posições que os indivíduos irão ocupar dentro do “Núcleo Campina”. Após a sua formação, as ações dos indivíduos continuam a serem realizadas, shows de *Djs* continuam acontecendo, muros continuam sendo grafitados, porém, agora não são só os símbolos e o sentimento de pertencimento ao movimento que irá dar visibilidade a cultura na cidade de Campina Grande, mas, uma instituição concreta e objetiva formada por uma série de práticas políticas.

As instituições podem surgir deliberadamente ou como organizações que se transformam gradualmente, através do processo denominado de institucionalização organizacional. Tal processo se dá quando pessoas com identidade de interesses e consciência de interdependência entre elas partem para a formação de grupos. Estes, quando compartilham valores e criam objetivos utilitários à sociedade, transformam-se em associações. Dependendo da relevância que a sociedade perceber nos objetivos dessas associações elas tornam-se os embriões de uma instituição. A primeira função da organização institucionalizada é a de influenciar o ambiente no sentido de nele provocar mudanças em seu proveito próprio. Ou seja, irão influenciar direta ou indiretamente o comportamento das pessoas e grupos sociais a partir da adoção de valores, ou padrões, desenvolvidos pela organização.

Na tentativa de buscar um elemento comum que sintetize essas correntes Selznick (1972), vai compreender as organizações como instrumentos técnico-rationais, utilizados para canalizar a energia humana na busca de objetivos pré-fixados com a sobrevivência dependente de suas capacidades de atingir esses propósitos e de adaptarem-se às mudanças ambientais para evitarem o desaparecimento técnico. No sentido lato, instituição significa padrões de comportamento e processos, estáveis, válidos e constantes, num determinado grupo social. Em sentido restrito, é um organismo vivo, advindo das necessidades e pressões sociais valorizadas pelo público interno e externo que se tornam dela dependentes, com identidade própria, preocupada com os seus resultados, seu tempo de vida e guiada por uma missão.

## A HEGEMONIA DO DISCURSO COMO ANÁLISE INSTITUCIONAL

Como vimos na seção anterior, o tema da institucionalização é trabalhado por diversos teóricos que se debruçam nas subáreas da velha e nova escola institucional. A falta de consenso que esta multiplicidade de abordagens traz, só é quebrada pela certeza da organização e legitimidade que o novo empreendimento – institucional – promove aos agentes de tal ação. Essa lógica organizacional que legitima os fins atua em nosso trabalho como ferramenta teórica na aplicação da teoria hegemônica do discurso para análise da institucionalização do NH2C.

As instituições são, assim, resultado e meio de consolidação de um processo de compartilhamento e legitimação social de valores e sentidos. Compreendemos que, ao optarmos por essa linha teórica, estamos entrando em um universo de extrema complexidade social, onde a compreensão das formas identitárias se faz a partir da relação com o outro. E neste jogo relacional, observamos que identidades disputam entre si a hegemonia para universalizar os seus princípios, mas, acabam frustrando-se por não conseguirem alcançar plenamente os seus objetivos. Desta forma, aplicando a teoria do discurso na análise da institucionalização de um movimento, constatamos que não há como se constituir previamente sentidos sociais e identidades totalmente acabados. Uma vez que as instituições são formadas por relações sociais entre sujeitos heterogêneos – visíveis diferenças socioeconômicas – onde os laços estão sempre em

renovação.

*Estabelecer uma relação hegemônica significa a tentativa da constituição de uma relação de ordem. Um discurso hegemônico é essencialmente um discurso sistematizador, aglutinador. É, enfim, um discurso de unidade: unidade de diferenças (DANIEL apud LACLAU & MOUFFE; 2007).*

A lógica da hegemonia na teoria de Laclau se estabelece em contraposição à ideia de que as identidades não são homogêneas. As identidades, segundo Laclau, se constituem sempre de forma incompleta e a busca pela completude, se dá de forma frustrada, pois o objetivo nunca é alcançado. A heterogeneidade e o antagonismo são inextirpáveis. As identidades só passam a ter uma sensação de estar completa, a partir do momento em que a hegemonia passa a preencher a ausência de plenitude. Segundo Laclau, a hegemonia se configura como sendo uma relação em que um conteúdo particular assume, num certo contexto, a função de encarnar uma plenitude ausente (LACLAU, 2002; p. 122). Ou seja, uma identidade passa a representar várias outras a partir de uma relação equivalencial de suas demandas. O processo de formação de uma ordem hegemônica parte sempre de um discurso particular que consegue representar identidades dispersas.

*A organização das demandas ocorre a partir desse discurso centralizador, de um ponto nodal que consegue fixar sua significação e, a partir dela, articular elementos que previamente não estavam articulados entre si (MENDONÇA; 2007: 3).*

Para que o discurso se constitua como hegemônico, o mesmo deve deslocar-se do estado inicial de demanda particularizada, para um local onde o seu significado passe a ter um significado universal. Porém, este movimento não impede que o discurso negue suas características primeiras. Pelo contrário, a representação só existe, se houver resquícios do representado no representante, da mesma forma que, nenhuma demanda em particular pode existir enquanto instituição sem que a mesma esvazie-se de seu significado.

Para Laclau, o conceito de grupo está fundamentado em uma unidade que tem como elementos básicos uma pluralidade de sujeitos que estabelecem entre si certa solidariedade. Solidariedade esta que por sua vez é fruto de uma relação equivalencial, ou seja, quando as demandas de mais de um sujeito tem em comum o mesmo alvo, e este por sua vez não supre essas necessidades. Com o aumento significativo da cadeia de equivalência é necessário que uma demanda tenha a função de representar a totalidade, que tenha a força de associar elementos que para muitos seriam impossível de associá-los. Desta forma, a hegemonia está intrinsecamente envolvida com a heterogeneidade dos sujeitos, e vice-versa.

As interlocuções que acontecem dentro do grupo se dar por sujeitos que são por natureza diferente entre si, e que trazem consigo, demandas que também carregam esta característica heterogenia. Para Laclau, (2006: 25), o que une as demandas não é uma característica positiva, pois elas são radicalmente heterogenias do ponto de vista de sua particularidade, mas se unem na medida em que todas elas se opõem a uma força antagônica, nesse caso pode haver a positividade de um elemento puramente conceitual que estabeleça a unidade de todas elas. É por isso que existe um significante vazio; e é por isso que existe um nome.

## ORGANIZAÇÃO E MOVIMENTO SOCIAL

Neste trabalho, o estudo do processo de institucionalização do Núcleo Campina sugere a análise teórica e empírica das organizações não-governamentais. Contudo, faz-se necessário um exame do campo social no qual faz parte a organização em questão, ou seja, um movimento social, que para alguns autores se configura de forma diferente se comparado com as grandes corporações produtoras de bens e serviços que servem geralmente como modelos originais para o estudo de uma instituição.

A sociologia organizacional, representada inicialmente por Selznick (1952), Gusfield (1955) e Messinger (1955), não criou nenhuma corrente de pensamento mais específica sobre os movimentos sociais (GOHN, 1997). Contudo, a sociologia das organizações nos últimos vinte anos, segundo Melucci (1996), tem contribuído com um número cada vez maior de estudos e pesquisas que promove um aparato conceitual baseado nos modelos de organização burocrática e oligárquica de Weber e de Michels. A tradição sociológica considera a organização como causa inevitável da institucionalização e burocratização da ação coletiva. Sendo assim, a transição de um protesto espontâneo de um movimento social para a organização do mesmo se dá sempre através de uma estrutura burocrática que comporta três processos distintos: a substituição dos objetivos, a tendência da organização e a formação de uma liderança oligárquica (MELUCCI, 1996). Porém, o modelo no qual a burocratização é o único resultado de todo o processo organizacional simplifica a complexidade do fenômeno organizacional e não reflete a realidade empírica dos movimentos, sobre tudo a do NH2C.

É relevante ressaltar que embora esses autores não neguem a importância da organização e de suas formas institucionalizadas, o foco direcionado para tais questões – organização e institucionalização – recobre demandas relacionadas a valores, normas, ideologias, cultura e identidade dos grupos sociais estudados. Dessa forma, com o intuito de superar noções extremas da racionalidade instrumental ou do conservadorismo organizacional, lançamos um olhar que busca entender a identidade coletiva do NH2C e como essa move a ação coletiva e, conseqüentemente, a participação individual. Sendo assim, vamos seguir alguns dos passos teóricos que contribuíram para os estudos da lógica da ação coletiva, pontuando as idéias principais das teorias da Mobilização de Recursos e da Mobilização Política, bem como a teoria dos Novos Movimentos Sociais. Estas duas últimas teorias ajudaram a pensar noções que fossem além dos determinismos estruturais propostos pela escolha racional, como as noções de identidade e ação coletiva.

## LÓGICA DA AÇÃO COLETIVA

Trataremos de alguns conceitos referentes a movimentos sociais a fim de delimitar melhor a noção de “movimento social” a qual estamos trabalhando. Desta forma, podemos falar que as principais teorias sobre movimentos sociais desenvolveram diferentes concepções a respeito da participação ou não do indivíduo a um movimento social. Outros problemas também foram abordados por estas teorias, porém a participação ou não do indivíduo a um grupo nos

possibilita pensar a linha de desenvolvimento teórico que vai desde a teoria utilitária até a psicologia social. Sendo assim, compreendemos que a resposta sobre o que leva a participação individual em uma ação coletiva exprime tentativas, diretas ou indiretas de explicação tanto no nível micro como macro-sociológico da própria formação da ação coletiva.

No primeiro momento da década de 1950, a sociologia organizacional não desenvolveu nenhum pensamento específico sobre movimentos sociais, mas, por outro lado, lançou as bases para a teoria de mobilização de recursos que abordou as ações coletivas em explicações comportamentalistas organizacionais. Descartando assim, as explicações de caráter pessoal. Nesse caso, para (GOHN, 1997), os movimentos sociais não foram explicados em âmbito individual, mas sim organizacional. Para a teoria da mobilização de recursos, os movimentos sociais se estruturam a partir do surgimento de oportunidades políticas para ações coletivas e quando estruturam o estoque de recursos que possuem, sendo os principais, os recursos econômicos, humanos e de comunicação. Segundo de McCarthy e Zald (1973, 1977) citado por Lo (1992), os movimentos sociais são comparados a grupos de interesses que para levantar fundos, solicitam verbas em campanhas direcionadas nacionalmente e utilizam as técnicas de propaganda, a informática e estratégias profissionais. Para os autores, os membros de um movimento social se caracterizam como sendo administradores que vendem um produto na competição com outros grupos de interesse. Dessa forma, há uma grande competição entre os movimentos sociais que tem em comum os mesmos objetivos gerais. Segundo (GOHN, 1997), os movimentos sociais não seriam estimulados apenas pelos interesses de seus membros, mas também pelos de agentes governamentais, entidades particulares e muitas outras organizações interessadas na promoção do objeto de demanda do movimento ou que ganhariam algo com ela. Conseqüentemente, o sucesso dos movimentos sociais dependeria daqueles que possuíssem atributos de uma organização formal e hierárquica.

Dessa forma, a teoria – da ação coletiva – é baseada na lógica racional da interação entre os indivíduos, que tem como finalidade atingir metas e objetivos em estratégias que avaliam os custos e benefícios das ações. Podemos falar que a razão da participação dos membros está ligada à escolha racional em que o ponto chave é a obtenção de benefícios com tal participação, e não se a pessoa pertence ou não à coletividade certa, ou seja, se tem ou não a identidade requerida para participar da ação coletiva em questão. Para a proposta imaginária de Pizzorno (1988), segundo a qual em um determinado pacto, um indivíduo receberia tudo que quisesse, em dinheiro ou em bens, com a condição de deixar de ter contato com qualquer ser humano até o fim da vida, o que parece para Pizzorno, quase impossível porque poucos ou talvez ninguém aceitaria tal pacto. Para o autor, um membro identifica-se com um grupo e não com o fim específico, em função de sua realidade coletiva e assim recebe do grupo sua própria identidade. E a partir da noção de identidade que a teoria européia dos novos movimentos sociais, e a norte-americana da mobilização política baseiam suas idéias.

A teoria da mobilização política também significou um retorno da análise cultural na produção teórica sobre a ação coletiva. Desta forma, a teoria da mobilização política faz uso de símbolos, valores, significado, códigos entre outros elementos simbólicos para interpretar a cultura. Compreendendo assim, a cultura como um processo. A análise das ações coletivas para essa corrente vai privilegiar as representações dos indivíduos sobre o objeto em questão, a partir dos códigos e significados existentes. Segundo Gohn (1997: 72), a análise se move do interior dos indivíduos, de suas representações mentais, para o exterior, para suas práticas sociais.

Sendo assim, os descontentamentos, os valores e as ideologias foram resgatados para entender a identidade coletiva dos grupos e a interação com sua cultura (GOHN, 1997).

A identidade coletiva se refere à combinação entre o indivíduo e os sistemas culturais, mais especificamente à questão sobre quem somos “nós” (GAMSON, 1992). É justamente a construção de uma identidade coletiva a tarefa central dos “novos” movimentos sociais, como sugere Melucci (1989)<sup>5</sup>. Contudo, segundo Taylor e Whittier (1992), os processos de construção da identidade coletiva são cruciais para a interpretação das demandas em todas as formas de ação coletiva, não somente nos chamados novos movimentos sociais<sup>13</sup>. Mas, o que é identidade coletiva e qual a sua função na ação coletiva?

Melucci (1996) chama de identidade coletiva o processo de construção de um sistema de ação, uma vez que a identidade coletiva é uma definição interativa, compartilhada e produzida por um grupo de indivíduos, relativa às “orientações” de suas ações e ao “campo” de oportunidades e constrangimentos nos quais tais ações tomam lugar. Por interativo e compartilhado, o autor quer dizer que esses elementos são construídos e negociados através de um processo repetido de ativação das relações que ligam os atores. Desse modo, a noção de identidade se refere à continuidade de um sujeito acima e além das variações no tempo e quanto às suas adaptações ao ambiente; à delimitação desse sujeito com respeito aos outros e à habilidade para reconhecer e ser reconhecido.

Assim, a identidade coletiva é um processo de aprendizado que conduz à formação e à manutenção do ator empírico unificado, a que Melucci (1996) se refere como sendo o movimento social. Através desse processo, Melucci (1996) afirma que o ator coletivo desenvolve uma habilidade para resolver problemas apresentados pelo ambiente e se torna cada vez mais independente e autônomo em sua capacidade para ação nas redes de relacionamentos nas quais está situado. Dessa forma, a construção de uma identidade coletiva implica investimentos contínuos e ocorre como um processo: a identidade se cristaliza em formas organizativas práticas, sistemas de regras, relações de liderança que se aproximam das formas mais institucionalizadas do agir social. O que, para Melucci (1989), significa que a construção de um sentido do “nós” pode ser bem sucedida se estes investimentos estiverem aplicados; caso falhe, a ação coletiva se desintegra. A autora também é bem enfática ao que diz respeito a pluralidade de níveis da ação coletiva, ou seja, nos movimentos. Isso porque, segundo o autor, os movimentos sociais podem ser vistos como sistemas de ação, e não como “sujeitos” que agem com a unidade de propósitos que líderes, ideologias e oponentes atribuem a eles, uma vez que os movimentos sociais são sempre plurais, ambivalentes e, muitas vezes, contraditórios. Portanto, Melucci (2001) esclarece que:

*Quando se fala de um movimento social, refere-se, geralmente, a um fenômeno coletivo que se apresenta com uma certa unidade externa, mas que, no seu interior, contém significados, formas de ação, modos de organização muito diferenciados e*

---

13. De acordo com Gohn (1997), na Europa, o “novo” movimento social se contrapõe ao “antigo” movimento da classe trabalhadora; já na América Latina, diz respeito aos movimentos que não se envolviam com os esquemas da política populista do jogo de favores e relações clientelistas. Mas, segundo a autora, o que há de novo realmente é uma nova forma de fazer política e a politização de novos temas. São considerados novos movimentos sociais os movimentos populares, os movimentos de mulheres, dos negros, pelos direitos humanos, o movimento ambientalista, pela paz, etc.

*que, freqüentemente, investe uma parte importante das suas energias para manter unidas as diferenças. Assim, tende-se muitas vezes a representar os movimentos como personagens, como uma estrutura definida e homogênea, enquanto, na grande parte dos casos, trata-se de fenômenos heterogêneos e fragmentados, que devem destinar muitos dos seus recursos para gerir a complexidade e a diferenciação que os constitui (MELUCCI, 2009: 29).*

O movimento social é, para Melucci (2001), um objeto construído pela análise, que não coincide, portanto, com as formas empíricas da ação. Afirma o autor que nenhum fenômeno de ação coletiva pode ser assumido na sua globalidade, porque não expressa nunca uma linguagem unívoca. Da mesma forma, a identidade coletiva também é um conceito para Melucci (1996), pois não passa de um instrumento analítico e, como tal, não pode ser tratado como um objeto a ser estudado ou uma “coisa” com uma existência “real”<sup>14</sup>.

A identidade coletiva pode ser pensada como um instrumento tanto para moldar a vida do movimento social como para estabelecer a participação individual, pois, segundo Friedman e McAdam (1992), a identidade coletiva se refere àquela identidade ou status que liga o indivíduo nas atividades do movimento através do resultado da sua participação. Ao mesmo tempo, identidades coletivas funcionam como incentivos seletivos que motivam a participação.

Na medida em que as identidades são baseadas inicialmente em organizações ou redes já existentes, Friedman e McAdam (1992) supõem que essa dependência inicial dos movimentos sociais previne a ação independente (free riding) por parte de participantes, pois, ao recompensar seus membros conferindo uma identidade, é possível ao movimento social simultaneamente excluir não-participantes da identidade adotada. Nessa linha de pensamento, é fundamental, para a organização do movimento social, formar uma identidade própria para ajudar a submeter a participação. Se a identidade coletiva for muito ampla ou mais inclusiva (como movimentos negros, estudantis ou pela paz), torna-se mais difícil para o movimento controlar a participação, uma vez que este tipo de identidade não carrega a obrigação de participar nas atividades do movimento. Por outro lado, se a identidade coletiva for mais restrita ou exclusiva (como a identidade de um determinado grupo evangélico por exemplo), aumenta-se o custo da participação, o que pode servir para dissuadir a filiação (FRIEDMAN e McADAM, 1992).

Podemos resumir de certa forma, tudo o que foi dito aqui sobre a participação individual na ação coletiva da seguinte forma. Os indivíduos nascem em ambientes sociais nos quais crenças coletivas específicas descrevem e interpretam o mundo previamente, as pessoas são socializadas em grupos e organizações, compartilhando identidades coletivas. Da mesma forma, crenças e identidades coletivas são formadas e transformadas através do discurso público. Posteriormente, a organização dos movimentos, seus oponentes e as organizações de contra-movimentos tentam persuadir os indivíduos a verem o mundo como eles o vêem. Num terceiro momento, em razão de os indivíduos se envolverem em um episódio de ação coletiva, a sua visão de mundo pode mudar drasticamente, pois eles adquirem novas identidades coletivas

---

14. Gamson (1992) critica essa posição ao afirmar que a identidade coletiva não precisa ser tratada como um mistério inalcançável, na medida em que “o locus da identidade coletiva é cultural, ela se manifesta através da linguagem e símbolos pelos quais é publicamente expressada. Nós conhecemos uma identidade coletiva através de ícones culturais e artefatos exibidos por estes que a adotam”.

como participantes da ação coletiva. As novas identidades, contudo, não representam necessariamente uma disfunção com o passado, já que indivíduos não se afiliarão com um grupo cuja identidade não é compatível com a sua própria imagem.

Diante do destaque da identidade coletiva na compreensão, não apenas da participação do indivíduo, mas do desenvolvimento da ação coletiva, parece pertinente o argumento de Gamson (1992) que prevê que qualquer paradigma estratégico necessariamente pressupõe uma teoria da identidade. O autor afirma que, mesmo nos modelos de ator racional mais sofisticados, a existência de uma identidade coletiva estabelecida é assumida. Levando em conta que a construção de uma identidade coletiva significa um desafio para a dominação cultural, seu conteúdo deve necessariamente ser contrário as suas formas para que os elementos invisíveis e arbitrários dos códigos culturais dominantes sejam identificados.

Assim, a identidade representa um passo estratégico em si para se alcançar mudanças culturais que são medidas de acordo com os alvos externos dos movimentos. Ao mesmo tempo, Gamson (1992) afirma que os teóricos dos Novos Movimentos Sociais não negam que atores como movimentos sociais fazem julgamentos estratégicos baseados em suas expectativas sobre custos e benefícios. Com isso, pretende-se dizer que, apesar de as distinções teóricas serem bem definidas quanto às interpretações micro e macro sociológicas ou quanto às visões de cunho funcionalista utilitárias e de cunho compreensivas apoiadas em muitos casos na psicologia social, os movimentos sociais podem ser explicados utilizando simultaneamente ambas as interpretações ou visões. Assumindo o risco de se chegar a um senso comum, este trabalho apenas pretende evitar casos extremos de interpretação, na medida em que as teorias sobre movimentos sociais têm se aproximado cada vez mais de um ponto médio devido à realização de observações empíricas que sugerem tal aproximação.

Cabe expor, enfim, a afirmação de Melucci (1996), segundo a qual uma vez que os movimentos sociais, formados por uma multiplicidade de grupos e interesses, estão firmemente comprometidos com a construção de suas identidades coletivas, não podem ser simplesmente definidos por um sistema de papéis e uma rede de trocas. Além disso, eles têm que lidar com a resistência e, muitas vezes, com a repressão de adversários que possuem o monopólio dos instrumentos de controle social. Conseqüentemente, a organização de um movimento deve tomar forma em condições muito especiais, tanto interna como externamente, mantendo um alto nível de unidade e integração consigo e encarando, ao mesmo tempo, os desafios de um ambiente hostil, em que precisa se legitimar para uma sociedade mais ampla. Dessa forma, Melucci (1996) pretende enfatizar que, devido aos limites de sua suposta estrutura unitária, um movimento não pode ser analisado como uma organização homogênea e, sendo assim, não pode ser avaliado pelos mesmos instrumentos analíticos, como o inevitável processo de burocratização e hierarquização nas organizações, baseado, respectivamente, nos modelos de Weber e Michels. Nesse caso, Melucci (1996) afirma que a organização de um movimento social muda constantemente em processos não lineares, segundo o mesmo, *a Burocratização não é um resultado inevitável e irreversível e acima de tudo, não necessariamente acompanha o ajustamento de objetivos radicais da organização. Organizações podem se envolver na direção da radicalização de objetivos e este processo pode coincidir com uma maior ou menor burocratização* (p.235).

## **CAPÍTULO III**

---

### CAPÍTULO III. UM MOVIMENTO GLOBAL / BRASIL / CAMPINA GRANDE

---

Tomaremos como fio analítico condutor da nossa discursão neste III capítulo, o conceito Laclaiano de “cadeia equivalencial” para compreendermos como se deu o processo de surgimento do Movimento. Refletiremos sobre os elementos objetivos e subjetivos que transformaram o em um movimento global que pode ser encontrado na maior das metrópoles urbanas como também em cidades interioranas onde a tradição opera com maestria.

#### ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO HIP-HOP

O processo de deslocamento forçado de um enorme contingente populacional africano para ser utilizado como mão-de-obra no continente americano, fez surgir nos sujeitos a necessidade de buscar elementos simbólicos que estruturassem uma rede de relações sociais e culturais de adaptação e reconstrução; possibilitando desta forma, a recriação do seu lugar de origem.

*“Esta ação de resistência e preservação de seus valores culturais com o tempo desenvolve uma nova forma de cultura africana nas Américas, o que alguns antropólogos passam a definir como “Black Atlantic”, uma nova cultura negra, desenvolvida nas Américas como amálgama dos vários povos africanos que aqui vieram como escravos, de caráter universal” (CARLOS, 2007:12).*

O conceito de “Diáspora Negra” que utilizamos em nossa dissertação é retirado de um belíssimo trabalho do sociólogo inglês Paul Gilroy, que desenvolve uma perspectiva, antiesencialista e afirmativa da dinâmica das culturas e identidades negras no Atlântico. Na contemporaneidade essa discussão surge a partir dos ganhos advindos do movimento Black Power, e evolui para uma contestação das formas essencialistas de pensar as culturas e identidade negras no mundo ocidental. Gilroy por sua vez, vai compreender a identidade negra como construção política e histórica, marcada pelas trocas culturais através do Atlântico. Para Gilroy a questão das origens interessa menos que as experiências de desenraizamento, deslocamento e criação cultural. Estas experiências se produziram desde o tráfico negreiro até as mais diversas experiências de encantamento e estranhamento em viagens e exílios entre América, Europa e África. Paul Gilroy, compreende as culturas e identidades negras como elementos indissociáveis da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico. É na memória da escravidão e na experiência do racismo e do terror racial que se funda politicamente a identidade cultural dos negros no Ocidente. Desta forma, a partir do hibridismo cultural presente na produção literária de intelectuais negros e nas músicas criadas por esses sujeitos (Jubilee Singers, Jimmy Hendrix e o ), Paul Gilroy passa a compreender tal processo como contracultura da modernidade. E assim, tenta romper com a polarização entre as teorias essencialistas e antiessencialista da identidade negra, buscando enfatizar a historicidade desta construção cultural e seu sentido eminentemente político.

Dentro da nova conjuntura sociocultural na qual os sujeitos se vêem obrigados a conviver, surgem mecanismos de resistência que convertem e adaptam os valores e sentidos da vida pré-diáspora à nova realidade que foi imposta – a realidade de se viver como forasteiros em terras estranhas. Esses mecanismos buscam assimilar à cultura novos elementos sem que a mes-

ma perca sua característica. Há um processo contínuo de reelaboração da identidade negra através de atividades culturais. Desta forma, podemos notar uma influência direta nos processos artístico-culturais desenvolvidos tanto pelas colônias quanto pelos colonizados. Tal influência pode ser vista na culinária, na arquitetura, na música e na dança de diversos países que receberam esse contingente populacional oriundo da diáspora. Assim, analisamos o surgimento de um movimento que se dá como resultado equivalencial de demandas oriundas desses diferentes povos em uma época específica na cidade de Nova York.

O conceito de “cadeia equivalencial” que trabalhamos em nossa pesquisa é formulado pelo cientista político Ernesto Laclau. No artigo, “Inclusão, exclusão e a construção de identidades”, Laclau (2006) define o conceito de cadeia equivalencial a partir de uma ilustração bem didática. O autor nos leva a supor que, em certa localidade, um grupo de vizinhos solicita à prefeitura que crie uma linha de ônibus para ajudar a levá-los do lugar em que vivem até o lugar onde a maioria trabalha. Esta é uma demanda muito específica e pontual. Com efeito, a prefeitura pode aceitar essa demanda, o que seria o fim do problema, ou pode também recusá-la. Se a prefeitura recusa, haverá uma frustração dessa demanda. E, se naquela área em que eles vivem há outras demandas, como na área de habitação, educação, segurança, distribuição de água, que tampouco são satisfeitas, isso começa a criar um sentimento básico de solidariedade entre todas essas demandas (LACLAU; 2006: 22). Do ponto de vista das demandas, há uma particularidade entre elas; porém, no que diz respeito à oposição à prefeitura, elas mantêm entre si uma relação de equivalência.

É dentro dessa lógica equivalencial que compreendemos o processo de surgimento do *Movimento*. No final dos anos 60, o bairro do Bronx que está localizado em uma área periférica da cidade de Nova York, serviu de espaço para o diálogo entre diversas culturas que ali habitavam. Os negros eram a maioria, e juntos com os latinos, jamaicanos e nova-iorquinos pobres, lutavam diariamente por melhores condições de vida. A falta de políticas públicas voltadas principalmente para saúde, educação e trabalho contribuíram para o surgimento e proliferação da violência e do consumo de drogas. Logo, surgiram gangues que defendiam suas idéias e o espaço físico de certas localidades do bairro através da criminalidade e da violência. Entre estas gangues encontramos uma que foi fundamental no processo de surgimento do *Movimento*. A Black Spades, conhecida na cidade de Nova York por ser muito violenta e conter um número grande de integrantes atuando em quase toda a cidade.

Neste mesmo período o mundo estava vivenciando uma onda de movimentos revolucionários em prol dos direitos civis das populações minoritárias. Nos Estados Unidos da América, Huey P. Newton, Bobby Seale e alguns negros da Califórnia criaram os Panteras Negras – um partido de esquerda que lutava a favor dos direitos dos negros e tinha como base ideológica os ensinamentos de *Martin Luther King* e *Malcom X* – que baseavam-se no socialismo de *Karl Marx* e no líder comunista chinês *Mao Tse-Tung*. Os Panteras Negras, defendiam o poder negro, ou *black power* como era chamado e alimentavam o fundamento 4P: “Poder Para o Povo Preto”. O “4P” intencionava poder para os negros decidirem seus rumos e de suas comunidades sem a influência dos brancos.

A repressão a estes movimentos revolucionários resultou em vários conflitos inter-raciais e conseqüentemente na morte dos líderes que, na década de 1960, fizeram história afirmando a cultura negra nos Estados Unidos. Porém, a exaltação das qualidades do povo negro, bem como a busca por igualdades raciais permanecem vivas e fortes na cultura negra. É como se a

população que passou pela diáspora buscassem assimilar elementos culturais – de outros povos que também passam pela mesma situação de deslocamento – como estratégia racional ou não de adaptação. O resultado pode ser visto na música negra – jazz<sup>15</sup>, blues<sup>16</sup>, funk<sup>17</sup> – sendo incorporado em refrões como: Black Beautiful – negro é lindo – e *Soul Power* – poder da alma – de James Brown.

“Soul Power”

Know we need it, soul power  
We got to have it, soul power  
Know we want it, soul power  
Got to have it, soul power  
Give it to me, soul power  
We need it, soul power, we need it, soul power  
We got to have it, soul power  
I want to get under your skin  
If i get there, i've got to win

(Soul Power: J. Brown) <http://letras.terra.com.br/james-brown/877683/>).

“Poder da alma”

Saiba que nós o precisamos, poder da alma  
Nós conseguimos tê-lo, poder da alma  
Saiba que nós o queremos, poder da alma  
Conseguiu tê-lo, poder da alma  
Dê-me o, poder da alma  
Nós precisamos do poder da alma, nós precisamos do poder que nós conseguimos ter, poder da alma  
Eu quero começar sob sua pele  
Se eu começar eu vou conseguir ganhar  
(Tradução do autor).

Esta exaltação do povo negro retratada na literatura e nas músicas é traduzida por Banton (1979:154), como sendo uma forma de apropriação do estigma e ressignificação do mesmo para benefício próprio. Para Banton há duas formas de definição das minorias, ou seja, duas fronteiras demarcam de forma incisiva os limites grupais. Uma de inclusão que reflete o reconhecimento que os membros da minoria têm uns com os outros como pertencentes a uma unidade, e uma de exclusão que reflete o modo como os grupos mais favorecidos definem os grupos menos favorecidos como um grupo de menos valor humanitário. Esta segunda dá início

---

15. O Jazz é uma manifestação artístico-musical que surgiu nos Estados Unidos e teve na cultura popular e na criatividade um espaço para o seu desenvolvimento.

16. O Blues é uma forma musical que surgiu nos Estados Unidos a partir dos cantos de fé religiosa.

17. O Funk é um gênero musical que surgiu a partir da mistura do Soul, o Jazz e o R&B – termo comercial introduzido nos Estados Unidos para se referir a mistura do Blues com música eletrônica. Como as outras expressões musicais, esta também surgiu nos Estados Unidos.

a um processo pelo qual, diversos grupos minoritários transformam o estigma em elemento de união positiva entre a minoria negra. Cria-se então o slogan “*Black Power*”.

Aos olhos da cultura dominante, as comunidades ou agrupamentos de jovens e negros, não são representados através da identidade negra como sendo constituída de qualidades distintas e plurais; essas minorias são para a cultura dominante uma coisa só; são o que ela não é. São pretos e pobres. Porém, nem todo preto e pobre é igual. Assim, fala Mv Bill na letra de sua música “Só Deus pode me julgar”.

...No país do carnaval o povo nem tem o que comer  
Ser artista  
Pop Star  
Pra mim é pouco  
Não sou nada disso  
Sou apenas mais um louco  
Clamando por justiça  
Igualdade racial  
Preto, pobre é parecido  
Mais não é igual  
É natural o que fazem no senado  
Quem engana o povo  
Simplesmente renúncia o cargo  
Não é caçado  
Abre mão do seu mandato...  
(Só Deus pode me julgar. Mv Bill. Declaração de guerra. Faixa 3, Polygram. S / d.1  
CD – ROM).

Tais restrições e a exclusão dessas culturas fornecem o que Laclau chama de “eixo comum de equivalência” dessa identidade forjada pela classe dominante. Todavia, todo esforço feito para homogeneizar as identidades de grupos minoritários, com o objetivo de unificar a diferença sobre a ilusão de um conteúdo único, é em vão. Pois os grupos continuam, a partir de diversas práticas articulatórias, a existir como identidade ao longo de uma larga gama de diferenças inerradicáveis. O *Movimento* é, assim, um exemplo não apenas do caráter político das novas identidades, isto é, de seu caráter posicional e conjuntural (sua formação em e para tempos e lugares específicos), mas também do modo como a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra (HALL,2006:86).

Movida por toda esta atmosfera revolucionária traduzida em cores e som, a década de 60 foi palco também do lançamento do filme “Zulu”; um clássico do cinema inglês que se baseou em uma história verídica da guerra entre ingleses e negros pela posse de terras. No filme, a nação Zulu luta violentamente contra o domínio inglês, resultando em uma guerra sangrenta; que inspira uma legião de seguidores que vêem na bravura do povo Zulu uma alternativa real de afirmação identitária. Ao assistir o filme “Zulu”, o jovem Kevin Donovan decide adotar o codinome de *Afrika Bambaataa*, em homenagem a um guerreiro negro do século XIX. Donovan, agora com o codinome de *Bambaataa*, começa a promover festas no bairro do Bronx, que aos

poucos vão se tornando popular e ganhando as ruas; as *block partie*, conhecidas como festa de quarteirão, foi caindo na aceitação dos integrantes das gangues. Cansado da violência que assolava a cidade de Nova York, e inspirado pelos movimentos revolucionários Donavan, que era um dos líderes da gang *Black Spade*, decide mudar de vida e deixar para trás toda sua carreira criminosa.

A rivalidade que existia entre os jovens que faziam parte das gangues no bairro do Bronx, começa a sair da esfera física – da agressão física entre os sujeitos – e entrar em uma nova modalidade de disputa. A violência física já não tem mais força de definir a superioridade de um grupo, sendo deslocada para a violência simbólica que garantirá uma unidade tensa entre grupos antagônicos. A arte – a música, a dança e a arte plástica – passa a ser um novo elemento definidor de status. O antagonismo social entra no campo da produção artístico-cultural. Os jovens que eram a maioria nas gangues, começam a trocar as disputas sangrentas pelo território e o consumo de drogas, por disputas de dança. As gangues continuaram protestando e lutando entre si, porém, sem violência física. O seguimento das gangues que eram formadas por jovens passaram a se chamar de *Crew*<sup>18</sup>.

*Afrika Bambaataa* faz uma viagem ao continente africano para aprender mais sobre o

Foto 5 – Logomarca da Zulu Nation.



Foto extraída do site : <http://www.conexaobrasilhiphop.com>

18. É uma organização de breakers, que também pode ser chamada de equipe.

povo e a cultura africana. De volta aos Estados Unidos, *Bambaataa* desenvolve um movimento sócio-cultural com base em elementos artísticos das culturas por ele estudadas. É assim, que, em 12 de novembro de 1973 *Bambaataa* e outros jovens que decidiram abandonar o mundo do crime, fundam a *Zulu Nation* com o objetivo de promover ideais pacifistas de auto-afirmação e valorização da juventude negra. A *Zulu Nation* foi formada inicialmente por um grupo de *DJs* e *Mcs* promotores de festas, mas logo nos primeiros meses de existência começaram a surgir novos elementos para compor o quadro artístico do movimento.

*Bambaataa* acreditava que o movimento afastaria os jovens dos negativismos que estavam infectando as ruas; para ele, a paz, a união, o amor e a diversão do movimento eram capazes de alcançar tal feito. No ano seguinte ao surgimento da *Zulu Nation*, já com os quatro elementos (Grafite, Break, Mc, e Dj) que compõem o movimento, bem harmonizados; *Bambaataa* decide dar um nome ao produto cultural do movimento, e chama-o de “”. Que significa em inglês – *to hop*, saltar; *to hip*, movimentando os quadris –. Embora o nome refira-se apenas ao elemento da dança e traga consigo uma noção lúdica do movimento, a sua concepção foi diretamente influenciada pela situação político-social dos Estados Unidos. Desta forma, o *Movimento* surge como resposta equivalencial às demandas dos sujeitos que viviam no bairro do Bronx à procura de melhor qualidade de vida, articulando em torno da dança demandas heterogêneas relacionadas à sujeição, desigualdade e exploração na produção e uso do espaço urbano.

A Guerra do Vietnã trouxe problemas incalculáveis para a economia e sociedade americana. Eram muitos os cidadãos que estavam ressentidos com a política governamental de manter a todo custo a guerra. Nixon e o escândalo *Watergate*<sup>19</sup> aumentou ainda mais esse sentimento. Economicamente, a estagnação combinada com inflação criou um senso de mal-estar. O embargo do petróleo árabe de 1973 deu mais um golpe para a economia dos EUA, longas filas se formavam para se obter um galão de gasolina. As condições nas cidades de Harlem e Bed-Stuy eram terríveis, a pobreza tomou conta da cidade e fez com que os moradores largassem suas casas e saíssem à procura de refazer suas vidas em lugares distantes.

A higiene e a segurança no transporte público já estavam deixando muito a desejar. Metrô e ônibus estavam sendo depredados e pixados por traficantes e membros de gangues. Os parques estavam em decadência, o lixo e o mato tomavam conta das ruas. Era como se toda a infraestrutura estivesse em decadência. Havia uma grande corrupção política, e os custos da guerra estavam destruindo a cidade de Nova York. A famosa *Times Square*, na encruzilhada do mundo, transformou-se em um espaço decadente e sórdido. Cafetões, prostitutas e traficantes de drogas frequentavam o lugar à noite e a polícia não tinha poder para detê-los. Grande parte da cidade, como *South Bronx*, *Lower East Side*, *Bedford-Stuyvesant*, e *Harlem* pareciam cidades européias que tinham sido bombardeadas durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, poderíamos encontrar, também, na periferia da cidade de Nova York, muitos prédios em ruínas, abandonados pelos seus donos, porque os inquilinos não podiam pagar aluguel. Essas condições deram origem às gangues de rua e a criminalidade que se espalhou em toda a cidade. Muitos desempregados e moradores de rua invadiram os prédios que estavam fechados fazendo

---

19. O Complexo Watergate é um complexo de escritórios e apartamentos localizado em Washington, Estados Unidos. Tornou-se famoso após o assalto que levou ao histórico escândalo político conhecido como Caso Watergate, culminando com a renúncia do Presidente Richard Nixon.

do lugar um ambiente de consumo e vendas de drogas.

A falta de emprego e habitação colocou uma enorme pressão sobre os programas de assistência pública, incluindo a habitação, educação e saúde. Muitos brancos de classe média foram abandonando as partes periféricas para residirem em locais centrais da cidade; pois esses viam nos afrodescendentes e nos porto-riquenhos que habitavam tal área, uma ameaça. Nova York estava à beira da falência em meados dos anos 1970, e a decisão do presidente da Ford para negar assistência financeira para a cidade parecia ser o martelo final de sua sentença. Eventualmente, a cidade foi socorrida, por um esforço conjunto de políticos, sindicatos e líderes cívicos que começaram a trilhar metas para sua recuperação. Quando Ed Koch foi eleito prefeito em 1977, uma das primeiras coisas que ele fez foi adotar práticas de contabilidade organizada.

O fato é que o resultado desta busca por melhoria – tanto por parte do governo local, quanto pela população residente no local – bem como a necessidade de adaptação das diásporas fez com que surgissem diferentes expressões artísticas urbanas. Quatro destas expressões culturais foram institucionalizadas<sup>20</sup> por meio da *Zulu Nation* através de *Bambaataa*. O *Grafite*, o *Break*, o *MC* e o *DJ*, juntos formam o que conhecemos por *Movimento*.

## DIVERSO POR NATUREZA

O é composto por quatro formas de linguagens artísticas: a arte plástica que é representada pelo *Grafite*, a dança que está representada pelo *Break*, a música (*RAP-rhythm and poetry*) é representada pelos *MC's* e *DJ's*. Embora estas linguagens juntas – e institucionalizadas – formem o que conhecemos por *Movimento*, é interessante ressaltar que essas expressões são anteriores ao movimento, e independe do mesmo para existir. Desta forma, entendemos que para compreender uma identidade – a identidade do – é preciso entender o processo de formação da mesma, o que requer analisar as partes que constituíram o todo.

A prática de discotecagem – colocar músicas em festas – é bem anterior ao *Movimento*, mas é só no fim dos anos 60 que esta prática incorpora novos elementos urbanos e ressurge como sinônimo de . O grande responsável por essa nova roupagem da técnica de discotecagem foi o *DJ Kool Herc*, que nasceu em Kingston, na Jamaica e migrou para os Estados Unidos levando alguns – *sound-sistem* – sistemas de som e a cultura caribenha na bagagem. Herc promovia as festas no bairro juntamente com *Bambaataa*, e ficou famoso por improvisar os repentes e chamar atenção dos frequentadores das festas ao ar livre, utilizando gracejos e fazendo rimas sobre as bases do Reggae – estilo proveniente da Jamaica – o que lhe rendeu também a responsabilidade de ser o criador da modalidade do *Movimento* que conhecemos como *MC*; o mestre de cerimônias.

Os povos africanos faziam uso da palavra para transmitir verbalmente a sua cultura para seus sucessores. As histórias cantadas também eram utilizadas para passar o conhecimento de geração para geração. Esta habilidade perdurou até os dias atuais, como nos Estados Unidos que

---

20. Por instituição compreendemos a organização das expressões artísticas em prol de objetivos como, o reconhecimento perante o outro, manutenção de sua existência, bem como a captação de recursos para o desenvolvimento das ações políticas defendidas por seus princípios étnicos.

Foto 6 – Dj Jhó em ação



Foto extraída do arquivo pessoal do DJ.

há o *Blues* e no Brasil existe o *banzo*, um canto de saudades da terra natal, trazido pelos escravos. Outras manifestações verbais transformam costumes em cultura, como os jogos de rima, muito utilizados nos ritmos *Ska* e *Reggae*, provenientes também da Jamaica. No Brasil temos também o repente, nascido no nordeste que consiste em criar rimas improvisadas. Há concursos de repente, onde vence aquele que apresentar as rimas mais criativas.

Herc teve a idéia de unir dois toca-discos com um mixe e utilizar dois vinis iguais para aumentar o *Break* da música – aumentar aquele intervalo da música onde ficam apenas as batidas sem o vocal – pois ele via que o *break* agradava muito aqueles que iam para a festa dançar. É com esta inovação do DJ Herc que surgem os *DJs* do *Movimento*, e pouco a pouco o ritmo vai atraindo adeptos e principalmente dançarinos que se rendem a batida do *breakbeat*. Segundo ANITA & JESSICA (2006), outros *DJs* influenciados por Herc, criaram o *scratch* e também o *back to back*, que são marca registrada dos *DJs* do *Movimento*. O primeiro é a ação de tocar os discos em sentido contrário, o que automaticamente dá origem ao segundo movimento, onde é feito o vaivém dos discos com as mãos, utilizando a ponta dos dedos.

Com toda esta inovação na música que o DJ Herc promoveu, o número de dançarinos aumentou a tal ponto que ganharam um lugar significativo dentro do *Movimento*. Os jovens que participavam das festas de rua tentavam sem sucesso imitar os passos de seus pais e avós que dançavam embalados pelo *soul*, *funk* e *jazz*. Nesta tentativa fracassada surge um estilo novo; mais radical. Os dançarinos do bronx levavam o nome de *Beat-boy*, *Bronx-boy*; mas ficaram conhecidos mesmo foi como *B.boys* – *breaking boys* – O nome pegou e hoje representa de modo genérico, praticante todos os estilos do *Breaking*. Mas é interessante ressaltar que o *B-Boy* e a *B-Girl* são aqueles que dançam o *Breaking*.

O *Breaking* – assim como é denominado essa modalidade de dança de rua – vai muito além de uma simples manifestação artística. É um estilo de vida para quem faz parte do *Movimento*. Dita regras, cria novos caminhos e possibilidades para os jovens enxergarem a vida. O *Breaking* incentivou os jovens a criarem grupos de dança para que os mesmos pudessem apren-

der novos passos para disputarem entre si. Os jovens estavam cada vez mais engajados com os ensaios dos grupos de dança; todo o tempo que eles desperdiçavam com a marginalidade, passou a ser canalizado para as artes. As rixas que havia entre as gangues passaram a ter um sentido menos violento. Saía vitorioso aquele que tivesse um desempenho melhor na hora da dança. O que antes do surgimento do *Movimento* eram brigas de gangues rivais, *Bambaataa* consegue a partir do movimento, transformar esses conflitos externos em antagonismos internos sem que haja, a princípio<sup>21</sup> o contato físico entre os diferentes que se unem em favor de uma mesma cultura.

Para Laclau, o antagonismo é uma expressão de resistência à acomodação, à burocratização e à crescente homogeneização da vida social. O antagonismo frequentemente se manifesta por meio da proliferação de particularismos e da cristalização de suas próprias demandas

Foto 7 – Dançarino de Breacking nas ruas de Nova York.



Foto extraída do site <http://www.dancaderua.com/extras/historias/historia-da-danca-breaking/>.

de autonomia. É também por essa razão que há no *Movimento* uma tendência indefinível em direção à valorização das ‘diferenças’ e à criação de novas identidades, as quais tendem a privilegiar o critério ‘cultural’ (roupas, música, língua, tradições regionais etc.), (LACLAU & MOUFFE, 1985, p. 164).

*“O ponto fundamental é que o antagonismo é o limite de toda a objetividade. Isso deve ser entendido em seu sentido mais literal: como afirmação de que o antagonismo não tem um sentido objetivo, de modo que é aquilo que impede a constituição da objetividade como tal” (LACLAU, 1993, p. 34).*

---

21. Na hora da disputa cultural a diferença se resumia na dança e na música. Porém, era comum se ver grupos que podiam partir para a luta física.

Outro elemento cultural do *Movimento* que contribuiu de forma significativa com o seu desenvolvimento e difusão foi o grafite. Não se sabe ao certo onde e quando surgiu o grafite de muro que conhecemos hoje, o grafite associado ao *Movimento*. Compreendemos assim, que o grafite, difundido de forma intensa nos centros urbanos, é todo e qualquer desenho – rabiscos, escritos – que documentem de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo. O uso da lata de tina *spray* ajudou a disseminar mais rápido o grafite pelo espaço urbano, democratizando a arte de forma arbitrária sem o comprometimento com qualquer limitação espacial ou ideológica.

Toda manifestação artística é realizada pelo sujeito histórico dentro de um contexto histórico-social e econômico o qual o mesmo está inserido. As manifestações artísticas são produto do meio; logo, o grafite como explorador dos múltiplos suportes que a cidade oferece; traz

Foto 8 – Painel confeccionado pelo grafiteiro Gorpo.

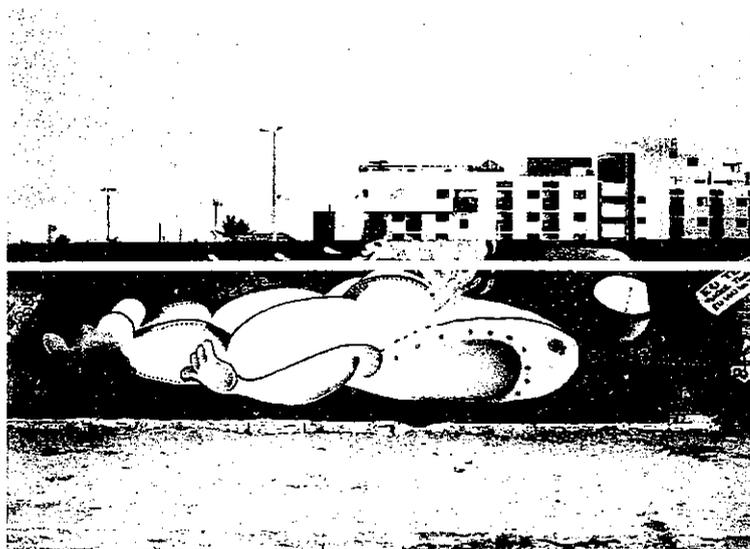


Foto extraída do arquivo pessoal do autor.

em sua gênese a obrigação de retratar de forma comprometida a situação presenciada e vivida no espaço urbano. Espaço que serve de palco para a congregação de elementos culturais que em um jogo ininterrupto de negociações e tensões despertam a necessidade de se automear, de dar nome ao significantemente vazio.

Embora esta diversidade cultural que forma o *Movimento* se apresente para muitos como elementos homogêneos e indiferentes de qualquer tipo de ação conflitante entre eles. Quando somos obrigados a pensar que a constituição de cada um destes elementos culturais faz parte de um processo sócio-histórico de formação, percebemos que a gênese de cada um destes elementos é por si só única. A natureza do Grafite é diferente da natureza do B-boy, que por sua vez é diferente da do Mc, mas que tem como elemento unificador um alvo comum para onde as demandas individuais convergem. Porém, é notório, em determinados momentos históricos ou casuais, o esforço de uma linguagem cultural para se sobressair dentre as demais, com o intuito de carregar consigo a responsabilidade de representar a totalidade da cadeia de equivalências. Ora o Grafite está à frente, outros momentos o *Movimento* é melhor representado pelos DJs.

Enfim, há sempre este jogo ininterrupto entre os grupos que compõem o movimento.

Além da diferença primária que constitui o *Movimento* – que por si só, já é conflitante – podemos encontrar uma série de subgrupos dentro de cada um destes elementos culturais que trazem consigo sujeitos com formações diversas. A diversidade socioeconômica salta à vista daqueles que param e olham um pouco mais de perto a dinâmica de formação destes grupos que absorvem tanto DJs casados, pais de família que não concluíram o ensino médio, que moram na favela e sobrevivem com menos de um salário mínimo, quanto em outro extremo podemos encontrar sujeitos que também se intitulam como sendo DJs – pertencentes a tais grupos –, mas que por sua vez, tem um nível superior de formação, vivem em uma classe média alta usufruindo o padrão de consumo que a mesma pode lhes oferecer.

## O MOVIMENTO NO BRASIL

*“Se o nasceu nas ruas e teve como um de seus elementos fundantes um ambiente escasso de políticas públicas, hoje ele é uma referência global e transversal. As mudanças conquistadas por essa forma de ser e, de se expressar ganharam o mundo” (ANITA & JESSICA; 2006: 18).*

O *Movimento* que surgiu na década de 1970 na periferia dos Estados Unidos, migrou rapidamente para a periferia de diversos países do mundo. Este rápido processo de expansão – se considerarmos que é um movimento relativamente novo – deu-se não somente por conta dos novos modelos globais de comunicação oriundos da revolução técnico - científica, mas principalmente porque se trata de um movimento que se consolidou em espaços urbanos construídos em bases físicas e sociais semelhantes; ou seja, em localidades habitadas por uma maioria de sujeitos que vivem em condições de violência, pobreza e discriminação.

As bases físicas e sociais que delimitam a periferia do Brasil começam a se formar no início da década de 1980 a partir da ruptura de um longo processo de crescimento que o país vinha tendo. O peso insustentável da dívida externa, o imobilismo gerado por uma excessiva proteção à indústria nacional, o fracasso dos programas de estabilização no combate à inflação e o esgotamento de um modelo de desenvolvimento, baseado fundamentalmente na intervenção generalizada do Estado na economia, contribuíram para uma diminuição de sua capacidade de investimento e promoção do bem estar social (JORGE;2003:02). Desta forma, vê-se surgir problemas socioeconômicos que contribuíram de forma determinante para o desabrochar do *Movimento* no Brasil. As informações sobre o *Movimento* chegam primeiramente na cidade de São Paulo através de alguns integrantes da cultura negra – do *soul*, do *funk* e do *break* – que em viagens para fora do Brasil, entram em contato com este novo estilo cultural que está revolucionando a vida dos jovens na América do Norte.

*“Alguns traziam até informação de como era o movimento lá, o Break. E falavam que era uma cultura de rua, que os caras dançavam naquelas esquinas lá. E nisso aí eu disse: pô se isso saiu da rua, e eu já era acostumado em Triunfo com a capoeira que era na rua”, diz Nelson Triunfo, na dissertação de Tella (2000; 56).*

O *Movimento* no Brasil se configura a partir desta mistura e criatividade do povo brasileiro. O próprio fundador do movimento – *Afrika Bambaataa* – fala que hoje gosta muito mais do do Brasil, por ser – segundo ele – uma expressão verdadeira, do que do dos Estados Unidos que se afastou de suas origens reivindicatórias. No Brasil o movimento tem como um dos seus principais precursores o pernambucano Nelson Triunfo, que faz jus a diversidade do movimento legitimando a heterogeneidade formativa do através de suas experiências vitais. Nelsão, como é conhecido, nunca imaginou que sairia do sertão pernambucano para ficar conhecido no Brasil como o precursor dos ideais do *Movimento*.

Nelson cresceu vendo dançarinos de maracatu e frevo se apresentarem nas festas populares de sua cidade natal. Fez o ensino médio em um dos bairros mais pobres da cidade de Triunfo, interior de Pernambuco e no início da década de 1970, Nelson foi estudar e trabalhar no interior da Bahia, onde começou sua militância na dança. Neste período já estava bem marcado nos passos de Nelson a influência da cultura nordestina. Podia ver o frevo, o maracatu e até mesmo a capoeira representada em seu gingado.

*“Nelson triunfo ajudou a erguer os pilares desse movimento cultural, tornando-se o ícone da cultura no Brasil. Com incontáveis trabalhos realizados em diversos setores da sociedade Nelson Triunfo também é um dos pioneiros dos trabalhos sociais com jovens periféricos, em parcerias com Governos Federais, Estaduais, Municipais, e Ongs. Nelson Triunfo, atualmente desenvolve oficinas culturais de nas escolas e centros culturais em vários lugares do país” FERREIRA (2011).*

Antes de morar definitivamente na cidade de São Paulo, Nelson Triunfo residiu em Brasília e no Rio de Janeiro. Mas foi no ano de 1977 na capital paulistana, que ele formou o seu primeiro grupo de dança, o *Black Soul Brothers*, e no mesmo ano, mudou o nome para “Nelson Triunfo e o Grupo *Funk & Cia*”. Este grupo foi formado com os melhores dançarinos da época dos *bailes Black* de São Paulo. No início dos anos 80 Nelson Triunfo começa a fazer apresentações com o grupo *Funk & Cia* na esquina das ruas Dom José Gaspar com a 24 de Maio no centro da cidade de São Paulo. O cruzamento dessas ruas fica marcado como sendo o primeiro ponto de encontro dos dançarinos no Brasil. Com o passar do tempo, os empresários que tinham lojas naquela região dão início a uma série de reclamações e denúncias a polícia, de que os jovens iam para as esquinas badernar e planejar pequenos furtos. Com a repressão da polícia, os encontros migram das ruas para a estação do metrô São Bento.

Diferente dos Estados Unidos – onde as práticas do movimento surgiram quase que simultaneamente em um bairro periférico –, no Brasil, o movimento surge tímido no centro da cidade de São Paulo para depois ganhar força e se expandir para áreas periféricas da cidade. Esse movimento, centro versus periferia, é explicado em certa medida pelo fato de que os adeptos do movimento eram na maioria negros e moradores da periferia que trabalhavam no centro da cidade em pequenas lojas comerciais ou escritórios, e no final do dia retornavam para suas casas na periferia da cidade onde disseminavam a nova cultura vista e praticada por eles no centro.

Os encontros de *Break* marcam as primeiras manifestações culturais do *Movimento* em nosso país. Embora a grande maioria dos praticantes da dança de rua neste período desconhecia a filosofia e proposta do pregado por *Bambaataa*, era visto claramente nos encontros de dança a valorização do negro, que se apresentava bem arrumado e com os cabelos sem alisamento,

sinalizando o orgulho de ser negro. Orgulho visto também nos discotecários – como eram chamados os *DJs* – que se ornamentavam todos para animar as discotecas com músicas dançantes que misturavam o Pop tradicional com Salsa, *Black music*, *Funk*, *Soul* e com *Rock*.

A prática da discotecagem foi ganhando espaço no Brasil e agregando novos adeptos que com o passar do tempo, foram aprimorando as técnicas e adaptando-as à realidade brasileira. Na década de 1970, já podia ser visto essa passagem dos discotecários para os *DJs* de bailes *Funk*. Quase dez anos depois, os *DJs* aparecem na cidade de São Paulo para marcar profundamente o movimento negro. As festas, não são mais embaladas apenas pelo *Funk*, mas pelo *Soul*, *Blues* e pelo *Rap*. Surge no Brasil, o terceiro elemento cultural que compõem o *Movimento* – o

Foto 8 – Na primeira foto, Nelson Triunfo e Gerson King combo, na segunda, Nelson Triunfo, Gerson King Combo e James Brown.



Foto extraída do site <http://www.oixo.com/search/?q=Youtube%20james%20brown>.

*Rap*. Os jovens que dançavam na estação de metrô, começam a fazer rimas de protestos e denúncias sobre os *Scratch* dos primeiros *DJs* paulistanos.

Os primeiros representantes do *Rap* foram *Thaíde* e *DJ Hum*, que antes de se lançarem como *Mc* e *DJ*, faziam parte do movimento como B-boys do grupo Back Spin Crew. Em 1988, Thaíde e DJ Hum participaram da primeira coletânea de Rap no Brasil, no ano seguinte lançaram o disco “ cultura de rua”, o que lhes rendeu a venda de 25 mil cópias. Essa característica do cantor de Rap ser também um B-boy, ou estará ligado diretamente com um grupo de dança, era comum no início da década de 1980, só depois de alguns anos é que os cantores de Rap começam a ter autonomia de se apresentarem como grupos de Rap e não de dança. Com esta separação entre grupos de dança e grupos de Rap, começam a surgir outros grupos que vão marcar a história do rap nacional. Entre eles o Doctors MC’s, Personalidade Negra, Racionais

Mc's entre outros que representaram o *Movimento* no Brasil através de suas rimas de protestos e contestações.

O grupo de *Rap* brasileiro *DMN*, influenciado diretamente pela banda norte-americana *Public Enemy*, foi o primeiro a mencionar o preconceito racial em suas letras e citar *Malcom X* e *Marting Luther king* em suas músicas. O *Public Enemy*, enfatiza a defesa racial dos negros, a discriminação e violência racial, mostrando em seus cliques imagens de personagens que inspiraram a filosofia do *Movimento*, como *Malcom X* e *Marting Luther King*. Através dessa influência, os jovens no Brasil passaram a utilizar-se dos gestos, roupas e temáticas trazidas dos Estados Unidos, com o intuito de construir uma identidade negra através do *Movimento* aqui no Brasil.

Outro elemento cultural que contribuiu de forma significativa na construção desta identidade foi o grafite que surgiu no Brasil como uma ferramenta de protesto através da arte contestadora de Vallauri. Pioneiro da arte do grafite aqui no país, o etíopiano Alex Vallauri chega ao Brasil no início da década de 1960 e logo começa a marcar os muros da cidade com uma crítica à exaltação do efêmero e da estética de objetos não funcionais através de seus personagens marcantes como foi o caso da rainha do frango assado. Alex Vallauri vem a falecer no dia 26 de março de 1987 em virtude do vírus da AIDS. No dia seguinte à sua morte, seus amigos resolveram homenageá-lo, grafitando o túnel da Avenida Paulista. Este dia tornou-se o *Dia Nacional do Grafite* e todos os anos o mesmo ritual é seguido e a cidade é grafitada em maior proporção. Vallauri também foi o precursor da técnica de *Spraycanart*<sup>23</sup> no Brasil.

## O MOVIMENTO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE / PB

Durante a nossa pesquisa bibliográfica, constatamos que não há bibliografia que diserte sobre o surgimento do *Movimento* na cidade de Campina Grande. Encontramos alguns trabalhos discutindo a “construção discursiva do grafite de muro” (DUARTE, 2006) bem como alguns textos e artigos sobre arte de rua, mas nada que diagnosticasse de fato a gênese de um movimento na cidade de Campina Grande. Constatamos também que práticas culturais dos elementos que compõem o *Movimento* como Djs, Bboys, Mcs e Grafiteiros, são vistas na cidade desde meados da década de 1990. Embora essas ações fossem significativas para o grupo que as pratica, para os outros de fora essas ações não passavam de práticas isoladas, algumas com maior visibilidade, outras com menos. Podemos citar o grafite como sendo o elemento que mais se apresentou – por representar as artes plásticas do *Movimento* e por aparecer diretamente nos muros – aos olhos dos “outros” que habitam a cidade. Estas práticas vão ganhando sentido e se configurando como elementos do *Movimento* a partir de uma série de dinâmicas sócio-espaciais durante o próprio percurso histórico de surgimento do *Movimento* na Região Nordeste.

Grande parte da história do *Movimento* no Brasil foi escrita por um nordestino que na década de 70 migrou para o Sul do país a procura de melhores condições de vida. Esta prática migratória ainda pode ser vista nos dias atuais, porém em uma escala bem menor do que há 40

---

23. Técnica de pintura com o spray, onde sobrepõem várias demãos de tinta sobre uma superfície lisa – geralmente é aplicado em louças – e depois vem tirando o excesso com um palito e dando forma ao desenho.

anos atrás. Embora o Nordeste ainda seja uma das regiões mais castigadas pela pobreza no país, grandes marcas fixaram suas indústrias nesta região, gerando assim milhões de novos postos de empregos, bem como outras ações políticas fizeram com que o nordestino pensasse duas vezes antes de deixar sua terra natal. O fato é que, o contato que os nordestinos tiveram com o *Movimento* durante este fluxo migratório para o Sul e Sudeste, bem como as mesmas estruturas – sociais, econômicas e tecnológicas – que lançaram as bases para o surgimento do movimento no Brasil possibilitou uma rápida germinação do movimento na parte Nordeste do país.

O *Movimento* no Nordeste chega primeiro a capital do Ceará em 1989, porém, os primeiros grupos de *Rap* que vão projetar a região para o resto do país, surgem no Estado de Pernambuco. É no período entre 1995 a 2006 que as bandas *Faces do Subúrbio* e *Sistema X* ganham visibilidade por suas músicas contendo letras criativas e de protestos – contra o preconceito existente com os nordestinos – e começam a fazer parte de grandes festivais e eventos pelo Brasil. Segundo Alcântara (2008; 14), estes grupos aproveitaram o surgimento do *Movimento Mangubeat* – que teve como principal articulador o músico Chico Science – que misturava música regional com outros ritmos como o *Rock* e o *Rap* para criarem uma mistura autêntica de

Foto 9 – Representantes do Ministério da cultura e do Governo do Estado da Paraíba.



Foto extraída do site <http://inrecife.wordpress.com>.

sonoridades. Atualmente o Nordeste vem sendo o berço de várias bandas de *Rap* que seguem esta linha criativa de fazer músicas a partir da mistura de ritmos.

Outro fator interessante de ressaltar é o processo contínuo de se buscar a organização dos sujeitos que fazem parte do *Movimento*. Tal processo resulta em ações concretas e objetivas, como a realização do primeiro grande evento de no Nordeste. O **Fórum Nordestino de** foi realizado durante os dias 07 a 09 de 2006 no teatro do Parque na cidade do Recife. Na ocasião foi debatido com militantes dos nove Estados do Nordeste, projetos e ações visando o fortalecimento e crescimento do na região. Durante o encontro foram realizados, seminários, shows, debates e oficinas de pinturas, discotecagem, entre outras ações. A segunda edição do encontro foi sediada no ano seguinte na escola Davi Trindade, localizada no bairro de Mangabeira na cidade de João Pessoa / PB. Outro encontro que marcou a história do no Nordeste foi o evento que ocorreu nos dias 04 a 07 de outubro de 2007 na cidade de Campina Grande / PB. A cidade entrou para a história por sediar um evento de Rap de porte nacional. O **“Rap e Re-**

ente” foi realizado pelo Governo do Estado em parceria com o MINC. O evento contou com a presença de grandes nomes da cena cultural como o ministro da cultura Gilberto Gil, Nelson Triunfo, Nino Brown, Mcida, Gog, entre outros grupos de renome nacional.

Segundo a hierarquia da rede urbana brasileira, Campina Grande se classifica como Centro Submetropolitano, ou seja, Campina Grande, juntamente com a capital João Pessoa exerce uma grande influência nos municípios vizinhos, esta, tanto de caráter econômico, cultural, educacional e social. A economia do município é baseada na indústria, comércio e no turismo de eventos e se destaca das demais regiões do Estado pela sua diversidade de atividades culturais, esportivas e especialmente pela boa estrutura educacional, com 06 (seis) Universidades, com aproximadamente 40 (quarenta) cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, além de inúmeras instituições públicas e privadas de ensino médio e fundamental e cursos profissionalizantes, a exemplo do SESC, SENAI, SENAC, ETER – Escola Técnica Redentorista, etc.

O município de Campina Grande/PB, de acordo com a última estimativa do Instituto

Foto 10 – Logomarca do I encontro nacional de rappers e repentistas.



Foto extraída do site <http://inrecife.wordpress.com>

Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, realizada em 01 de julho de 2005, tem uma população de 376.132 habitantes, sendo o segundo município em população do Estado, exercendo grande influência política e econômica sobre as cidades circunvizinhas. É conhecida também, por manter vivo o rico patrimônio das manifestações culturais e populares de sua região. As danças folclóricas bem como a quadrilha junina e o artesanato paraibano, são algumas das manifestações que resistem ao tempo e se mantêm vivas na cidade. Podemos encontrar algumas respostas para o porquê desta vitalidade da cultura popular na própria história da região, que se confunde com a trajetória de vida de vários artistas populares. A cidade sede seus espaços para a disseminação e interação dos cantores populares, dos tocadores de viola, emboladores de coco, poetas populares entre outros artistas. Sem falar na importância que a região tem de ser uma grande divulgadora e berço de artistas como Marines, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Elba Ramalho, Zé Ramalho entre outros ilustres filhos da terra. Artistas estes, que se encontram no mês de junho para celebrar a cultura popular durante trinta dias de festas no “**Maior São João do Mundo**”.

A pergunta que surge é justamente a que tentamos responder durante esse nosso trabalho dissertativo. Como se dá o processo de formação de um movimento urbano – que se origina em Nova York, uma megalópole a partir da junção de culturas tipicamente urbana – em uma cidade que historicamente vive e mantém viva a cultura popular com marcantes raízes rurais? Que elementos contribuíram para a formação de tal movimento? Para responder esta questão, vamos analisar primeiro o espaço onde as interações dos sujeitos – sobre tudo os jovens – convergem para o surgimento do *Movimento* na cidade.

Campina Grande está localizada no Planalto da Borborema e possui uma área territorial de 621 km<sup>2</sup>, englobando além de sua sede, os Distritos de Galante, São José da Mata e Catolé de Boa Vista. A sua urbanização pode ser compreendida através do processo histórico de suas atividades comerciais. Desta forma, podemos situar a gênese urbanística da cidade a partir das primeiras aglomerações de tropeiros que repousavam na beira do atual açude velho. Logo em seguida, formou-se uma feira de gado e uma grande feira geral, que com o tempo ganha a categoria de vila, e passa a se chamar “vila nova da rainha”. Posteriormente, a cidade deu um grande salto de desenvolvimento e passa a ser a segunda produtora de algodão do mundo. Atualmente, a cidade tem grande destaque no setor de informática e desenvolvimento de softwares.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o ano de 2010, registrou cerca de 385.213 habitantes, o que lhe confere o título da segunda cidade mais populosa do Estado da Paraíba. A densidade demográfica do município está em 648,31 habitantes por quilômetro quadrado. De acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE no ano de 2010, o PIB da cidade de Campina Grande mostrou um crescimento em relação aos anos anteriores, o que lhe garante um lugar entre as cinco cidades do interior do Nordeste que possuem um PIB elevado. As atividades econômicas da cidade de Campina Grande que legitima essa sua posição são a extração mineral, culturas agrícolas, indústrias de transformação, de beneficiamento e de desenvolvimento de software; comércio varejista, atacadista e serviços. Sem falar que a posição da cidade contribui de forma significativa para que a mesma atue como um centro de distribuição e recepção de mão-de-obra e matéria-prima de Estados vizinhos. Uma vez que Campina Grande

Foto 11 – Centro da cidade de Campina Grande na década de 1930.



Foto extraída do site <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

é muito próxima de três importantes capitais nordestinas: Natal, João Pessoa e Recife.

Outro fator importante para a compreensão do nosso objeto de pesquisa é o fato de que a cidade de Campina Grande também é um importante pólo estudantil que abriga duas universidades públicas e um instituto federal. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba é uma instituição de ensino superior e técnico que possui uma unidade descentralizada em Campina Grande. Também encontramos na cidade a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – que é uma instituição de ensino superior, pública e federal, fundada no ano de 2002 como um desmembramento da Universidade Federal da Paraíba. A UFCG é considerada um dos pólos de desenvolvimento científico e tecnológico do Nordeste, onde se realiza diversos cursos de pós-graduação nos níveis de especialização, mestrado e doutorado. Também podemos encontrar na cidade de Campina Grande um campus da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – e um número bastante significativo de Universidades particulares que suprem

Foto 12 – Vista parcial da cidade de Campina Grande.



Foto extraída do site <http://ts1.mm.bing.net>

as demandas do Estado da Paraíba bem como de alunos oriundos de diversas partes do Brasil. Desta forma, não podemos negar a influência que esta diversidade de jovens tem na configuração sócio-espacial na cidade.

A produção do espaço urbano na cidade de Campina Grande acontece de maneira desigual, uma vez que as classes dominantes detentoras das forças produtivas articuladas ao Estado produz uma cidade sócio-espacialmente desigual e segregada, onde as elites residem em áreas privilegiadas e centrais desfrutando dos serviços públicos e as populações pobres são afastadas para áreas marginais e precárias. Devido ao fato da população pobre não ter condições de comprar uma casa pronta, nem terreno para construir, ela é forçada a habitar áreas distantes do centro das cidades, ou seja, a camada pobre da sociedade é expulsa pelos detentores do capital e também do solo urbano. Por conseguinte, essa população submete-se à autoconstrução e ao sobretabalho para erguerem as suas moradias em terrenos irregulares. Assim, para essa população “a favelização é um expediente necessário para sobreviver na cidade” (KOWARICK, 1993, p. 94).

O número de favelas e de ocupações irregulares é bastante significativo e vem crescendo a cada dia. Tal processo pode ser atribuído a ausência de uma política urbana mais eficaz que combata de fato as grandes desigualdades sócio-espaciais que se revelam na habitação. Os programas governamentais voltados para as pessoas residentes em favelas são de caráter paliativo, resolvendo parcialmente a precariedade das habitações e da vida dos sujeitos que ali

residem. Mesmo privada dos bens e serviços públicos, a população de baixa renda luta pelo seu direito a cidade vivendo em locais sem nenhuma condição de habitabilidade, com esgotos a céu aberto, com acúmulo de lixo, com salários baixíssimos, sem assistência médica, dentre outros problemas. Ao passo que, os proprietários de terras urbanas, os construtores e especuladores imobiliários permanecem lucrando com a especulação imobiliária. Assim, apesar de algumas intervenções públicas para remoção ou re-urbanização de habitações precárias, constata-se na cidade de Campina Grande, profundas desigualdades sócio-espaciais. É neste espaço de desigualdades sociais onde múltiplas expressões culturais desenvolvem suas expressividades. Nesse convívio, cada um, a seu modo, dialogando com o outro, resulta um ambiente favorável para a consolidação do *Movimento* (DUARTE, 2006).

## CAPÍTULO IV

---

## CAPÍTULO IV. O NÚCLEO HIP-HOP CAMPINA

---

Abordaremos neste IV capítulo o processo de institucionalização do movimento na cidade de Campina Grande a partir das formas de sociabilidade urbana que dão sentido as interações entre os membros das diferentes expressões artísticas do movimento.

### PRIMEIROS PASSOS

Foram realizadas entrevistas em profundidade, individuais e não diretivas com dezesseis jovens de diferentes idades e posições sociais. Dentre os entrevistados, buscamos ouvir integrantes dos vários elementos culturais que compõem o movimento, como também nos preocupamos em ouvir sujeitos que não comungam de tal cultura. Assim, no que diz respeito à caracterização da população, do ponto de vista da amostra, a preocupação não residiu nem no tamanho, nem na representatividade no sentido estatístico, já que isso não assume um papel de relevo na análise do discurso; o nosso interesse na escolha das pessoas entrevistadas residiu num critério de natureza estratégico, isto é, procurou-se maximizar a variabilidade discursiva. Pensamos que esta variabilidade discursiva era possível, escolhendo sujeitos com características sócio-históricas particulares que emitissem discursos diferenciados. É precisamente a heterogeneidade da amostra que permite que se atribua um maior peso retórico às semelhanças discursivas que se identificam à medida que se transcreve e analisa as entrevistas.

O passo inicial para a escolha dos entrevistados consistiu em encontros esporádicos nos eventos do Núcleo Campina. Este primeiro passo resultou numa lista de nomes e contatos onde pudemos ligar e mandar e-mails marcando as entrevistas. Depois de todos os e-mails enviados e telefonemas dados, foi possível começar a estabelecer um calendário para algumas entrevistas. Algumas das entrevistas foram realizadas durante os eventos do Núcleo Campina e outras na casa dos entrevistados. Nestes contextos tornou-se possível um ambiente informal e relaxado, possibilitando a conversação. O roteiro da entrevista incluiu um conjunto de temas abertos e muito gerais, não pressupondo sequer uma ordem pré-estabelecida. Esta situação permitiu que, muitas vezes, a conversação se iniciasse por certos assuntos, e muitas vezes se desviasse de algumas das questões colocadas. Tivemos também que intervir na conversação, de forma espontânea e não controlada.

Os assuntos que abordamos nas entrevistas dizem respeito a três grandes temas: Surgimento do movimento na cidade de Campina Grande, o sentimento de pertencimento dos sujeitos que fazem parte do movimento e a institucionalização do movimento. No início das entrevistas, foi informado que elas abordariam essencialmente esses três grandes temas, podendo os entrevistados iniciar a conversa por qualquer um deles.

Utilizamos a “Análise de discurso” como metodologia para analisar as transcrições das entrevistas e dos materiais impressos, como jornais, atas de registro das reuniões, planejamento de projetos entre outros. O primeiro passo consistiu em uma leitura lenta e na releitura do material. Em muitos casos, implicou fazer paragens e voltar a reler o mesmo texto passado algum tempo, para tentar testar alguma interpretação, ou detectar algum significado que possa ter escapado.

O conceito de “discurso” é considerado no nosso trabalho como forma de prática social e não como atividade puramente individual. O discurso passa a atuar desta forma como um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.

*“Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo”* (FAIRCLOUGH, 2008).

O discurso é gerado e gestado pela estrutura social que molda e restringe suas normas, relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes, operando, desta forma, como uma prática de representação e significação do mundo.

Fairclough (2008) distingue, em seu livro “Discurso e mudança social”, três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. O discurso contribui para a construção de “identidades sociais” e “posições de sujeito” para os “sujeitos” sociais e os tipos de “eu”, como também contribui para construir relações sociais entre as pessoas, bem como a construção de sistemas de conhecimento e crença. Desta forma, o discurso passa a atuar como uma instituição fundamental da sociedade, além de ser a primeira instituição inserida na biografia do indivíduo. Ele (o discurso) torna-se uma instituição fundamental porque qualquer outra instituição – sejam quais forem suas características e finalidades – estrutura-se nos padrões do discurso. Sejam quais forem às outras características do Estado, da economia e do sistema educacional, os mesmos dependem de uma estrutura discursiva de conceitos, ou seja, de um conjunto de significados construídos através da linguagem e que só por meio dela podem permanecer atuantes. As instituições são experimentadas como algo dotado de realidade exterior; ou seja, as instituições situam-se fora do indivíduo, diferenciando-se da realidade formada pelos pensamentos, sentimentos e fantasias do indivíduo. O discurso é experimentado desta maneira. Sempre que o indivíduo fala, está como que “pondo para fora” alguma coisa que estava “dentro” dele - e o que põe para fora não são apenas os sons de que é feita a linguagem, mas os pensamentos que a linguagem deve transmitir. O discurso passa a se objetivar, a partir do momento que ganha sentido e que os sujeitos admitem que de fato o mesmo exista de maneira determinada.

A complexidade da análise do discurso paira na quantidade de sentidos que o mesmo pode ter, porém, são várias as ferramentas que a teoria do discurso oferece para os pesquisadores se debruçarem em suas análises. A prática discursiva é constitutiva de modo tanto convencional quanto criativo. Ela contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relacionamentos sociais, sistemas de conhecimento e crença) assim como é, contribuindo também para transformar a sociedade. Isso posto, devemos compreender que as práticas discursivas não se originam de modo aleatório. São antes enraizadas e orientadas para estruturas sociais. Compreendê-las na perspectiva do universo político leva-nos a admitir seu papel no estabelecimento, sustentação e mudança das relações de poder. Investigar as práticas discursivas, sua origem e funcionamento, é desvendar o tecido social no qual elas se baseiam. Desta forma, optamos por trabalhar com o uso da *intertextualidade* por compreendermos essa lógica dialética e interacional do discurso que se entrecruzam no todo social produzindo uma multiplicidade de sentidos que engendram uma determinada percepção do social. A representação de um todo através da hegemonia discursiva corporificado na identidade institucional.

A intertextualidade, segundo a Análise do Discurso, se define como inserção da história (sociedade) no texto e desse texto na história. A inserção da história, momento em que o texto atual absorve o que se constrói em textos passados e que, portanto, constituem e influenciam o texto vigente. Já a inserção do texto na história é compreendida como de que maneira esse texto atual pode influenciar e antecipar textos subseqüentes. Fairclough (1992) apresenta algumas formas desse fenômeno discursivo: intertextualidade manifesta – outros textos são identificados explicitamente no texto analisado e a presença desses é percebida na superfície do texto vigente (eg. citações diretas). Outra forma de intertextualidade apontada por Fairclough é a constitutiva, em que a presença de outros textos no texto analisado não é explícita, e a presença dos outros é identificada através das convenções e características que o discurso presente adota desses outros discursos.

Esta ferramenta também implica em uma ênfase sobre a heterogeneidade dos textos e em um modo de análise que ressalta os elementos e as diversas linhas que são frequentemente contraditórias e contribuem para compor um texto. A complexidade das relações intertextuais vai interferir diretamente nos níveis de heterogeneidade dos textos, como também os elementos heterogêneos implicarão na forma do texto. Se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos vários outros textos que entram em sua composição, então os elementos dessa superfície textual não podem ser claramente colocados em relação à rede intertextual do texto, e seu sentido pode ser ambivalente; diferentes sentidos podem coexistir, e pode não ser possível determinar o sentido. Segundo Fairclough (2008), não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outra não reutilize outros.

*“Esse lance também do movimento que já deu o que tinha que dá, o tem muito para dá ainda, só basta mesmo todos os integrantes, todos os elementos daqui da cidade de Campina Grande se juntar mesmo, rolar uma união para fortalecer cada vez mais a cena...”*

Na fala citada acima, MC Playad dá uma resposta enfática aos discursos que são contrários a lógica de evolução do movimento, professando um futuro promissor para o na cidade de Campina Grande. Embora os discursos que o MC Playad se refere não estejam explícitos, eles – os discursos – evidenciam na prática a intertextualidade, ou seja, o diálogo direto entre textos. Por outro lado, o discurso carrega um apelo aos sujeitos que fazem parte dos elementos culturais que compõem o , que se unam em prol do movimento.

## AAÇÃO POLÍTICA COMO GERADORA DE UMA IDENTIDADE

O na cidade de Campina Grande ganha novos olhares a partir da sua organização enquanto instituição. Tal organização faz parecer para muitos que houve dois momentos estancos na história do . Um momento anterior ao ano de 2007 e outro que vai do surgimento do NH2C em 2007 aos dias atuais. Embora haja indícios de que as práticas culturais que representam os elementos do movimento já existiam bem antes da década de 1990 na cidade, tomaremos como recorte temporal a década de 1990 para análise daquilo que vamos chamar aqui de **“institucionalização do movimento”**.

Na década de 1990, inicia-se, no Brasil, um processo de estabilização econômica, que se constituía, basicamente no combate à inflação e na estabilidade da moeda, visando o crescimento da economia, redução do déficit público e superação da crise para promover a diminuição das desigualdades social e econômica. A economia passou por fortes transformações causando modificações estruturais nos estados e municípios brasileiros. O Nordeste brasileiro apresenta um grande avanço no que diz respeito à instalação de novas indústrias. A partir dos anos 2000, há um novo direcionamento na economia brasileira, pois as políticas econômicas tornaram-se mais restritivas, destinando-se principalmente ao cumprimento de metas inflacionárias. A partir de 2006, a Região Nordeste vem apresentando taxas de crescimento econômico superior ao do país, resultado este que vem se consolidando nos anos posteriores (AMARAL FILHO, 2009).

No caso da cidade de Campina Grande, devido ao período de crise que o município passou nos anos de 1980, a década de 1990, a princípio, não representou um período significativo na sua economia. Contudo, a implantação do plano real e a estabilização econômica atraíram capitais produtivos para a cidade, desencadeando um processo de reestruturação produtiva, processo este pelo qual passava as cidades de médio porte, as quais foram se tornando centros atrativos devido à existência de empregos gerados pelo setor industrial e conseqüentemente alterando a população.

No ano de 2000, Campina Grande possuía, de acordo com o censo 2000 (IBGE, 2000), uma população de 355.331 habitantes, sendo 307.468 na zona urbana e 18.839 na zona rural. Em 2004, a população estimada era de 372.366 habitantes, sendo 337.484 na zona urbana. (IBGE, 2004). Esta evolução pode ser percebida na Tabela - que segue na próxima página - que mostra a demografia da cidade, como também a taxa de urbanização.

Gráfico 1 – Representação gráfica da situação demográfica da cidade de Campina Grande.

	1970	1980	1991	2000
População Total	195.303.00	247.820.00	326.307.00	355.331.00
Masculina	91.040.00	116.000.00	152.930.00	168.236.00
Feminina	104.263.00	131.820.00	173.377.00	187.095.00
Urbana	167.335.00	228.171.00	307.468.00	337.484.00
Rural	27.968.00	19.649.00	18.839.00	17.847.00
Taxa de Urbanização	85,68%	92,07%	94,23%	94,98%

Gráfico extraído do site <http://www.ibge.gov.br/> (Fonte: Censo Demográfico (IBGE) 1970, 1980, 1991 e 2000.)

Os dados mencionados expressam o crescimento da cidade de Campina Grande, demonstrando a evolução da sua população nos últimos 30 anos e conseqüentemente da sua urbanização, o que valorizou e atraiu ainda mais pessoas interessadas em fazer do município seu local de morada, atraídas pelas suas condições de trabalho, como também de estudos, tendo em vista que a cidade possui escolas de nível fundamental, médio e, sobretudo, universidades públicas e privadas, possibilitando assim uma melhor qualificação profissional.

A característica de ser um grande pólo educacional faz com que a cidade agregue jovens de diversas partes do Brasil. Muitos desses jovens acabam construindo suas carreiras e fixando residência em solo campinense após suas formações. Toda essa dinâmica de construção do povo

campinense que se deu por vias do acesso a qualificação<sup>24</sup>, intensifica-se a partir da década de 1990. A expansão da internet bem como a interiorização dos campos universitários e a criação de novos cursos na área de humanas – como é o caso do curso de arte e mídia – contribuíram de certa forma com esse povoamento híbrido do espaço campinense.

A escolha dos cursos por parte dos jovens define as formas e espaços pelos quais vão se modelando as inúmeras possibilidades de interação entre os jovens estudantes. Assim, os alunos, especialmente os mais jovens, de cursos voltados para áreas de exata e saúde têm uma facilidade maior para se envolverem com a cultura popular<sup>25</sup>, enquanto que o perfil de grande parte dos estudantes da área de humanidades e cursos voltados para o desenvolvimento das habilidades criativas – como é o caso do curso de desenho industrial – opta por consumir produtos mais alternativos<sup>26</sup>. A afirmativa é justificada quando se observa o estilo musical que é apresentado durante as calouradas<sup>27</sup> dos cursos de tais áreas.

O consumo da cultura e apropriação dos espaços na cidade de Campina Grande vão se dar na década de 1990 dentro dessa lógica. As festas para a recepção de alunos novatos nos cursos acadêmicos passam a ser realizadas com frequência onde bandas de rock, reggae, forró e até mesmo axé, surgindo na cena cultural da cidade como uma alternativa louvável para os jovens que viam nas calouradas uma opção de lazer. Diz Larissa Nunes; que participou ativamente das calouradas do Curso de Comunicação Social. Hoje formada em Jornalismo pela UEPB se emociona ao lembrar-se da época em que a banda “Boa Pergunta<sup>28</sup>” subia nos palcos campinenses.

Nesse período já se podia observar claramente nas festas que aconteciam nas residências dos grupos de jovens que ouviam músicas alternativas como o *Rock* e o *Reggae*, por exemplo; elementos culturais que compõem o movimento. O *Funk*, o *Soul* bem como o próprio *Rap*, eram representados na época por bandas como *Beastie Boys*, *Planet Hemp*, *Cypress Hill* entre outras. O elemento gráfico – *Grafite* – do movimento podia ser contemplado em performances – pinturas feitas de tinta spray durante a realização da festa – produzidas por artistas plásticos em festas *Raves*<sup>29</sup> como mostra a imagem na outra página.

Todavia, todas as expressões artísticas que integram os elementos culturais que compõem o movimento e vinham se manifestando durante a década de 1990 não tiveram sua imagem associada a tal movimento. Ora essas expressões eram associadas a uma cultura *underground*<sup>30</sup>, ora eram tidas como formas subversivas de produção artística que coexistiam independente do movimento. A ideologia pregada pelo seu idealizador Bambaataa, de que o movimento é fundado em cima de pilares políticos que contestam o preconceito contra o povo negro e desprovido, como também serve de instrumento de resgate – através da arte e cultura – dos jovens pobres que vivem na marginalidade, inexistia na década de 1990 na cidade de

---

24. Sabemos que vários elementos contribuíram para (e com) o desenvolvimento da população campinense; mas os que nos interessam são as demandas de estudantes que vão para a cidade de Campina Grande à procura de qualificação técnica e superior, por encontrarem na cidade, boas instituições de ensino.

25. Uma cultura de massa. Uma cultura popular onde o povo participa de uma forma mais ativa.

26. Uma cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do cotidiano.

27. Nome que se dá a festas que marca o início de um novo ano letivo nas universidades.

28. Banda de Pop Rock que fez sucesso na década de 1990 na cidade de Campina Grande.

29. É um tipo de festa que acontece com música eletrônica.

30. Subterrâneo em inglês. É um termo usado para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, do modismo.

Foto 12 – Panfleto da festa Hy-P, realizada na cidade de Campina Grande.



Foto extraída do arquivo pessoal do autor.

Campina Grande. Segundo Thiago Alcântara, mais conhecido como Dj Jhó:

*...na volta desse encontro<sup>31</sup> a gente viu o quanto tava forte o no Nordeste a gente decidiu que a gente não era só fazer som, não era só dançar nem grafitar a gente tinha que fazer uma coisa a mais que era passar a idéia real que era aquilo que eu tinha aprendido sobre o para que ele não se perdesse, aí a gente decidiu fundar o "Núcleo Campina"... Quando eu digo passar o conhecimento falo da gente mostrar o que realmente era passado pelo e toda a essência teórica criada por Afrika para que os moleques não se perdessem né?! Diante dali, de ta praticando, de ta dentro de uma cultura e não ter conhecimento dela própria (Entrevista cedida ao autor).*

A fala de Thiago Alcântara expressa bem essa necessidade de criar o Núcleo Campina que surge na cidade de Campina Grande em março de 2007, segundo os membros, "com o objetivo de reunir militantes do movimento que até então estavam realizando as práticas culturais do movimento de forma isolada e sem certa consciência política sobre a essência do que seria de fato o". Só em meados dos anos 2000, é que os tentáculos da globalização começam a atingir os jovens da cidade de Campina Grande e começa a haver um deslocamento de sentido em suas práticas.

Anthony McGrew *apud* Hall (1992) considera a "globalização" como um processo que atua globalmente atravessando fronteiras nacionais integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, deixando o mundo mais interconectado. Este novo formato de espaço e tempo o qual a modernidade está submetida é uma das caracte-

---

31. 1º Encontro de do Nordeste que foi realizado na cidade do Recife.

rísticas principais da globalização que age diretamente sobre as identidades. E será justamente o processo da globalização que assumirá um papel importante no surgimento do movimento na cidade de Campina Grande. O texto abaixo extraído da entrevista realizada com o DJ Jhó, evidencia esse caráter interacional que a globalização exerce sobre os que são tocados por ela:

*Ai eu pesquisava e via que os equipamentos eram muito caros que eu não tinha condição, e em 2003 eu fui morar nos EUA e tive contato com a fundação chamada **Black New Josem** que é um tentáculo, pode se dizer assim da **Zulu Nation**, que foi a primeira posse de que foi fundada pelo **Afrika**, que foi o cara que criou o , e lá eles me passaram toda a essência do que é o movimento de verdade qual a sua finalidade os seus fundamentos e foi a partir dali que eu tive contato com um DJ lá chamado **DJ jay** e ai eu fiz umas aulas com ele e como eu tava lá trabalhando e equipamento eletrônico tem um preço mais acessível ai finalmente eu realizei o meu sonho que foi de comprar os meus toca discos e o meu mix.*

A revolução tecnológica é a principal responsável pela quebra de fronteiras e o encurtamento do tempo e espaço. Com o aumento do uso dos computadores e a popularização da internet, cidades que viviam aparentemente “isoladas”, recebendo um fluxo menor de informações, passam agora a interagir com os grandes centros. Os sujeitos que simpatizavam com os elementos culturais do movimento na cidade de Campina Grande passam, com a troca de informações resultante desse contato, a conhecer mais a fundo a cultura .

*...a gente se reuniu e viu que tinha essa atração em comum por uma cultura que até então mal existia aqui. Mas isso.. Isso tudo se deve o que, se deve a cyber cultura, porque a cyber cultura é o seguinte... As pessoas a sociedade ela passou, ela passou, assim, o seguinte, ela passou a ser prósumidor de informação, ta ligado, ela, ela, ela num consome mais, consome informação não, ela não obtêm mais informação, ela agora também contribui com informação, então tanto ela consome como quanto ela põe informação. Então a partir do momento em que a gente é prósumidor porque tem, chegou internet na cidade porque até então njjuvfxx5yhpiip0io-oão era uma coisa tão popular, pouca gente tinha, mas a partir do momento em que tem um pequeno grupo de pessoas que ta nessa cyber cultura e ta se comunicando elas trocam informações entre si, isto facilita (MC BIG).*

Começam a surgir os primeiros sinais de organização dos sujeitos que participam do movimento, porém, nesse primeiro momento ainda não há certa consciência sobre os princípios políticos e filosóficos do movimento .

*...A gente fundou, uma Crew que é um grupo de pessoas que trabalham em prol da cultura , geralmente, Crew... existem várias Crews que elas formam digamos assim, é como se fosse um núcleo só que nada patenteado nem realiza trabalho profissional, é mais por diversão... (MC BIG).*

*...O movimento antes do Núcleo era segregado, disperso sabe. Cada um por si... (NATHÁLIA).*

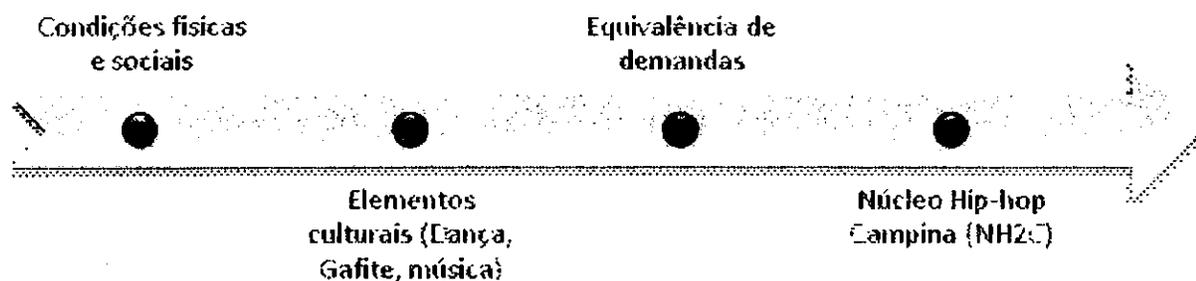
Nos discursos que remetem a um tempo anterior ao surgimento do NH2C, quase sempre

encontramos na fala dos sujeitos a ideia de que **não havia união** entre os jovens que faziam parte do movimento. Alguns jovens se conheciam, outros realizavam a prática do grafiti, da dança e da discotecagem, de forma isolada.

*...E assim, antes do Núcleo a gente grafitava, eu grafitei sozinho muito tempo, mas assim, a gente não tinha contato com os outros, eu sabia que tinha um pessoal que dançava, eu conhecia um ou outro Mc...(ZECA/GRAFITI).*

Apesar das condições sociais e políticas não serem as mesmas o movimento que o fez lá na sua origem – nos guetos nova-iorquinos – se assemelha com o que ocorre na cidade de Campina Grande, porém, em proporções bem menores do que o ocorrido a 37 anos atrás na cidade de Nova York, quando as expressões artísticas antecedem o surgimento do movimento. O na cidade de Campina surge de forma natural, passando por suas *etapas evolutivas* para se chegar ao estágio de amadurecimento. É dentro dessa lógica que faço uma comparação com o seu aparecimento em Nova York.

Gráfico 2 – Representação gráfica ilustrando o processo de formação do NH2C.



O gráfico nos mostra uma representação do processo que deu início ao surgimento do movimento na cidade de Campina Grande. Embora a ilustração indique um contínuo, ou seja, estágios a ser percorridos para se alcançar o ápice – que se concretiza com o momento de surgimento do Núcleo Campina – na prática, as condições para tal eclosão, se deram de forma – e continua se dando – evolutiva num processo de constante transformação. Sendo assim, tomamos como representante desse primeiro momento de mudanças as condições físicas e sociais da cidade.

A partir da década de 1960, com a política brasileira de industrialização do Nordeste através da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), Campina Grande recebe novos impulsos econômicos conduzindo à criação de distritos industriais em áreas periféricas da cidade. Esta é a primeira expansão periférica da cidade, conduzida de fato pelo Estado. Entretanto, mesmo com a criação desses distritos industriais, tal política não conseguiu imprimir grandes modificações na estrutura e nem mesmo na dinâmica econômica da cidade. Como ocorrido em todo Nordeste, as indústrias que aí se instalaram pouco permaneceram.

Já no final dos anos noventa, a expansão da cidade foi impulsionada por outros elementos, tais como a transferência do terminal rodoviário interestadual (nos anos 1980) e a construção do Shopping Center Iguatemi, atual Boulevard Shopping (nos anos 1990) na porção Leste da cidade, nas proximidades da ligação com a BR 230. Mais recentemente, a criação

do parque tecnológico, cujo edifício sede ainda está por ser construído na outra extremidade da cidade – zona oeste – nas proximidades da Universidade Federal de Campina Grande e do Campus Bodocongó da Universidade Estadual da Paraíba vem atraindo capitais externos e algumas empresas do setor secundário e terciário da economia. Tais incrementos urbanos promovem a transferência ou o deslocamento de algumas atividades econômicas para essas áreas representando o que podemos entender como processo de descentralização e, por conseguinte, a formação de subcentros.

Ao analisarmos o processo de urbanização de Campina Grande, percebemos os períodos de maior expansão urbana, destacando-se os anos 1960 quando o Estado brasileiro (governo militar) passou a atuar na produção de habitações com a construção massiva de conjuntos habitacionais. Tais conjuntos habitacionais foram construídos nas metrópoles, mas também nas cidades médias. A edificação dessas novas áreas residenciais não se deu de forma contínua à malha urbana, mas sim a partir de grandes vazios urbanos, produzindo as cidades espraiadas traduzidas por Milton Santos (1993). Segundo o autor, as cidades brasileiras:

*[...] e sobretudo as grandes, ocupam, de modo geral, vastas superfícies, entremeadas de vazios. Nessas cidades espraiadas, características de uma urbanização corporativa, há interdependência do que podemos chamar de categorias espaciais relevantes desta época: tamanho urbano, modelo rodoviário, carência de infra-estruturas, especulação fundiária e imobiliária, problemas de transporte, extroversão e periferização da população, gerando, graças às dimensões da pobreza e seu componente geográfico, um modelo específico de centro-periferia. (Santos, 1993, p. 95).*

Na maioria das cidades, periferia é entendida como lugar distante onde vive a massa trabalhadora, normalmente em áreas com infra-estrutura precária podendo conter ou não favelas. Assim, tem-se a produção da periferia urbana, fragmentada, a princípio podemos dizer em duas áreas, uma periferia construída com condomínios residenciais para a população de alta renda, que normalmente não é conhecida ou denominada de periferia, mas sim pelo nome do bairro que passa a constituir e uma outra periferia produzida para a população trabalhadora, com habitações precárias e insuficiência dos equipamentos urbanos. Entretanto, há que se destacar que a periferia destinada à classe trabalhadora, também não se constitui enquanto um espaço homogêneo há várias periferias que a constitui: a dos conjuntos habitacionais populares, a dos loteamentos irregulares e ainda a das favelas.

Na cidade de Campina Grande, assim como em grande parte das cidades brasileiras, o Estado foi agente ativo na constituição de áreas habitacionais periféricas. Durante o período de 1964 – 1986, o Estado cria o Plano Nacional de Habitação e o Banco Nacional de Habitação (BNH), ambos criados em 1964, período que se instaura o governo militar. A ação estatal foi regulamentada pela Lei nº 4380 de 1964. Com base nesta lei, o Estado estimulou a construção de “habitações de interesse social e o financiamento da casa própria, especialmente pelas classes da população de menor renda” (Art. 1). Segundo Luciana Medeiros (2006):

*Na “Paraíba essa política foi intensificada pós-1968, com grande participação das esferas do poder público em parcerias com órgãos-gestores, como o Instituto de*

*Orientação às Cooperativas Habitacionais (INOCOOP), a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), o Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado (IPASE) e o Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (IPEP).*

A política de produção de habitações para a população de baixa renda, não se deu sem conflitos entre os órgãos promotores e a sociedade. Em Campina Grande, a construção do Conjunto Habitacional Malvinas em 1980 gerou conflitos, resultando na ocupação das habitações antes mesmo da entrega das mesmas. Popularmente conhecido como Malvinas e hoje constituindo o bairro Malvinas, o Conjunto Habitacional foi denominado Álvaro Gaudêncio em homenagem a um político local. Este conjunto foi construído pela Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba (CEHAP), equivalente as COHABS de outros estados. Em conversa com antigos moradores fica claro que a ocupação das habitações se deu tanto por pessoas que estavam cadastradas para receberem as casas, como por outras que chegavam à cidade e não tinham onde morar. Tal ocupação gerou um grande conflito, quando o governo estadual cercou a área proibindo o acesso às habitações e mesmo o fornecimento de alimentos e água, daí a atribuição da nomenclatura popular, ocorrido no período do confronto armado entre a Argentina e a Inglaterra pelas ilhas Malvinas, A área onde foi construído o Conjunto Malvinas era como todos os outros conjuntos erguidos no período 1960 – 1980, bastante distante do centro e da área efetivamente ocupada, deixando um longo vazio na malha urbana. O Conjunto Malvinas foi o primeiro grande conjunto habitacional popular construído pelo Estado na cidade de Campina Grande, mais exatamente na sua porção oeste.

Em Campina Grande, identificamos três formas de produção de habitação precária: os loteamentos irregulares, as ocupações e as favelas. Precarização esta que se diferencia, mas que tem em comum a irregularidade fundiária e imobiliária.

Os proprietários aliados aos incorporadores imobiliários, “quando, associados ou não, promovem loteamentos, mas também deixam terra vazia, fazendo no mínimo uma ocupação da cidade com uma aparência de caos. Grandes espaços vazios que se espraiam pelas ‘periferias’. Terras vazias e homens sem terra, coexistindo no mesmo espaço e tempo. (Rodrigues, 1989, p. 24, grifo da autora). Nessa lógica, resta aos trabalhadores ou a população pobre produzir habitações precárias.

Uma das clássicas formas de produção precária de habitação são as favelas e as ocupações. O termo favela está incorporado ao cotidiano brasileiro. Expressa no senso comum habitações de baixa qualidade, em áreas de risco como morros, mangues, encostas ou em áreas distantes dos centros das cidades. A ausência de infraestrutura urbana é uma constante. No Brasil, alguns outros termos surgiram para designar o conjunto de habitações construídas em espaços onde o morador tem a posse e não a propriedade do terreno ocupado, tais como: comunidade, morro, cidade ilegal, ocupação irregular, periferia, aglomerado subnormal, dentre outros.

Pode-se também distinguir formações de habitações irregulares pelo processo de formação, “espontâneo” ou “ocupações”. As favelas são produzidas a partir da ação individual, em que as famílias vão aos poucos construindo as suas residências, em áreas públicas ou privadas através da ocupação irregular de terras. Já as ocupações propriamente ditas, se dão a partir de uma decisão coletiva, com planejamento da ação e de forma conjunta e também se dão em áreas públicas ou privadas. Todavia, tanto as favelas quanto as ocupações, são caracterizadas pela não propriedade da terra, portanto pela irregularidade fundiária e pela maneira como a habitação é

construída, a autoconstrução. (Rodrigues, 1989; Maricato, 2001).

Campina Grande no final da década de 1970 e início da década de 1980, apresentou aumento expressivo no número das favelas, de 3 (três) para 17 (dezesete) (Melo, 1985). Neste período, “verificou-se um acelerado processo de favelamento, com consequência de cinco anos de seca na região Nordeste (inclusive intensificaram o êxodo rural) e do processo de proletarianização de vastas camadas da população, fruto da grave crise econômica, social e política” (Melo, 1985, p. 31). Acrescenta-se que a ausência de uma política agrária que alterasse a concentração fundiária foi de fato responsável pelo forte êxodo rural ocorrido no período supracitado. Com base nos dados do IBGE (2000), a situação da precariedade habitacional de Campina Grande tornou-se mais precária quando comparada com os anos 1980, foram contabilizados 27 aglomerados subnormais, totalizando 6.037 domicílios subnormais, distribuídos por 12 bairros da cidade, com uma população de aproximadamente 25.295 habitantes. Além disso, os dados obtidos no IBGE (2000) referentes aos domicílios nos aglomerados subnormais e a renda média familiar revelam a ocorrência de rendimentos médios recebidos pelo responsável pelo domicílio, com valores inferiores ao salário mínimo da época anteriormente citado.

O problema da habitação precária em Campina Grande pode ser melhor examinado, a partir da comparação de um dos espaços segregados da cidade, a favela do Pedregal, no decurso de 17 (dezesete) anos. A referida favela em 1983 apresentava um total de 1.040 habitações, já no ano 2000, segundo o IBGE, o mesmo aglomerado contém 2.158 habitações, o que representa um aumento de 207,5% no número de domicílios particulares permanentes na favela Pedregal. Verifica-se, portanto, um agravamento da precariedade da condição habitacional, em Campina Grande, apesar das políticas direcionadas à instalação de alguns dos equipamentos urbanos como calçamento, saneamento, abastecimento d’água e energia elétrica. Atualmente, o Pedregal é delimitado oficialmente como um bairro, porém a sua origem é uma ocupação irregular que se deu ao longo do tempo e de forma individual, caracterizando-se nos termos já mencionados como uma favela. As suas condições em termos de infraestrutura e de edificações não se apresentam de forma homogênea, havendo espaços onde foram instalados grande parte dos equipamentos urbanos e, outros, completamente desprovidos de qualquer um destes. Assim, existem Pedregal I, II, III e IV. Já a antiga favela Cachoeira, que na década de 1980 era a terceira maior em número de habitantes e de domicílios, sendo uma das que mais chamava atenção pela sua localização, considerada área de risco, foi no ano de 2006, removida para os conjuntos habitacionais Glória I e Glória II, na área norte da cidade.

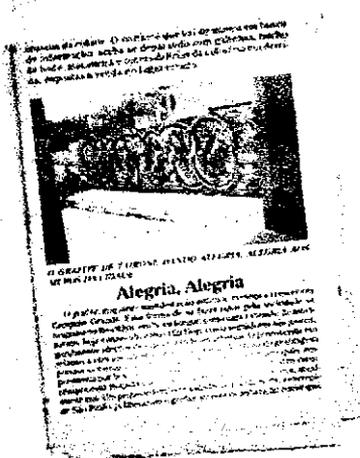


Foto 13 – Divulgação em um dos principais jornais da cidade de um grafite realizado pelo grafiteiro Thayroni na cidade de Campina Grande no ano de 200.

Dentro deste cenário de periferização os jovens encontram condições reais para desenvolverem os elementos culturais que mais tarde, culminariam no movimento . As novas gerações surgidas, nesse contexto socioespacial, também tiveram acesso a referências transterritoriais de outros tipos, via meios de comunicação de massa, fazendo com que se pluralizassem em diversos estilos de vida e em diferentes redes territoriais de sociabilidade. O movimento foi apenas mais um, mas, talvez, o que mais afirma e reelabora, discursivamente, a condição periférica dos/as jovens, problematizando a estrutura socioespacial em que estão inseridos.

Assim, nessas diversas periferias, vimos emergir, desde o início dos anos de 1990, manifestações artísticas que fizeram com que o movimento surgisse a partir de vários contextos de gestação paralelos, no espaço, e sucessivos no tempo, no mais das vezes sem a menor ligação entre si. O processo se deu, e ainda tem se dado, pelo contato com um elemento da cultura e a formação de uma rede de sociabilidade de vizinhança, pela qual os jovens, no mais das vezes em grupo, articulam-se à rede mais ampla, que abrange toda a cidade.

É possível dizer que, inicialmente, uma simples informação que chegava pela mídia, ainda muito descontextualizada, permitiu a afirmação da condição juvenil e da negritude de um grupo de jovens - parentes, amigos e vizinhos -, por apresentar práticas de sociabilidade que eles poderiam ter acesso, com os recursos que dispunham, como a dança, a música e a prática do skate; ambos ligados à imagem da afirmação do jovem negro dos guetos de Nova York, bem como a do “ser moderno”.

*“A gente se reunia e viu que tinha essa atração em comum por uma cultura que até então mal existia aqui. Mas, isso tudo se deve a cyber cultura, porque a cyber cultura é o seguinte... As pessoas passaram a serem prossumidoras de informação, ta ligado, ela não apenas consome informação, ela agora também contribui com informação, então tanto ela consome como põe informação”.*

*“Então a partir do momento em que a gente é prósumidor, porque chegou internet na cidade, porque até então não era uma coisa tão popular, pouca gente tinha, mas a partir do momento em que tem um pequeno grupo de pessoas que ta nessa cyber cultura e ta se comunicando, elas trocam informações entre si, isto facilita”.*

Pelos relatos, essa informação chegava deslocada do seu conteúdo político. O Rap foi o que podemos chamar de elemento cultural mobilizador por onde esses jovens inicialmente começaram a ganhar a rua e a se juntarem em torno de uma referência cultural. Esse grupo de vizinhos, amigos e familiares, todos da mesma idade, se apropriavam das quadras de esporte da escola e dos bairros para praticarem o skate e ouvir o Rap. Embora as músicas já tragam azem em suas letras temas de caráter social, as mesmas não eram associadas – por grande parte dos sujeitos da cidade de Campina Grande – à consciência da luta pelos direitos dos negros e desfavorecidos socialmente.

A rua, as quadras de esporte públicas ou abertas a esses jovens, os espaços acadêmicos nas Universidades Federais e Estaduais constituíram-se, então, em espaços iniciais de convergências nos quais outras trajetórias, individuais e de grupos, somaram-se. As pistas de skate do Parque da Criança e do Parque do Povo e as escolas dos bairros periféricos também podem ser assim identificadas. Esses diferentes espaços passaram a ser conectados também por outros jovens, que foram se agregando àquela rede inicial, cuja referência era sempre a música Rap, o

Break e, num primeiro momento, também a prática do skate.

*A gente fundou uma Crew que é um grupo de pessoas que trabalham em prol da cultura . Geralmente existem várias Crews. A Crew é como se fosse um núcleo, só que nada patenteado nem realiza trabalho profissional, é mais por diversão. Aí a partir daí eu comecei a ter envolvimento.*

Ao mesmo tempo, em outros contextos de escola e de bairro, pequenos grupos de jovens que tinham afinidade com os elementos culturais do movimento , começaram a se reunir para trocar informações. Amizades e parcerias foram sendo constituídas e uma ampla rede de sociabilidade foi sendo tecida, mas, a necessidade de ampliação das interações, bem como a necessidade de captação de recursos – financeiros ou materiais – fez com que surgisse em meio à heterogeneidade dos sujeitos, uma equivalência em suas demandas.

*...eu fui convidado a participar do primeiro “Encontro Nordestino de ” que aconteceu na cidade do Recife, eu fui lá com o “Mc Metralha”, fomos às únicas pessoas daqui de Campina Grande que foi para esse encontro, juntamente com muitas pessoas de João Pessoa que já tinha um movimento bem expressivo e na volta desse encontro assim a onde a gente viu o quanto tava forte o no Nordeste a gente decidiu que a gente não era só fazer som, não era só dançar nem grafitar a gente tinha que fazer uma coisa a mais que era passar a idéia real que era aquilo que eu tinha aprendido sobre o para que ele não se perdesse, aí a gente decidiu fundar o “Núcleo Campina”...*

No ano de 2008 acontece no teatro Santa Isabel no Recife em Pernambuco, o primeiro encontro nordestino de , e a cidade de Campina Grande é representada por Thiago Alcântara, mais conhecido por “DJ Jhó”. Estudante do curso de Artmidia da UFCG, organizador de festas e articulador cultural, Thiago volta do encontro com a idéia de criar um grupo que agregasse os jovens que simpatizassem com a cultura – de forma ativa ou não – pudessem compartilhar com seus semelhantes às experiências vividas.

A divulgação da data e local para a realização da primeira reunião é feita através da informalidade do convite, um jovem sai convidando o outro que daí convida um terceiro e assim por diante. O encontro acontece às 19:00 horas da noite na “redonda<sup>32</sup> ” e é marcado por um número de aproximadamente 25 jovens que vão a procura de entender do que de fato se tratava a reunião. Segundo o DJ Jhó, no início o NH2C:

*...”que nada mais seria um encontro meio que até informal mesmo que depois a gente passou um pouco para a formalidade já que a gente colhia assinaturas para saber quem estava presente, e nessas reuniões a gente acabou conhecendo várias pessoas da cidade que também estavam ali fazendo a sua parte pelo , o pessoal do grafite das Malvinas o pessoal do grafite do José Pinheiro, os B-boys do Zé Pinhei-*

---

32. Nome dado pelos jovens a uma pracinha localizada as margens do açude velho. Local utilizado pelos jovens para a prática do eskate.

*ro do Pedregal, acabou que se tornou um ponto de encontro para a gente debater idéias e passar o conhecimento né”...*

Nesse primeiro encontro, DJ Jhó falou da sua experiência no evento nordestino de e da necessidade dos jovens da cidade de Campina Grande, unir-se em prol do movimento para que as demandas individuais ganhem representatividade através de um coletivo, de uma identidade que interceda pelo grupo.

*“...Eu acho na verdade que o Núcleo surgiu a partir da necessidade não só de uma pessoa, o que eu via era que muita pessoas que estavam se interessando e que a muito tempo já tinha um envolvimento com o Grafite , e alguns B-boys e sentiram a necessidade de criar uma parada para identificar e mudar a realidade como luta de classe como é o movimento mesmo para solidificar aqui concretizar de verdade para que todo mundo se sentisse pertencente ao movimento porque os quatro elementos estavam unidos, eu acho que surgiu dessa necessidade, tinha gente que fazia rimas, tinha o B-boy e tinha o conhecimento, precisava passar esse conhecimento para frente precisava passar esse conhecimento para frente, precisava aumentar o número de pessoas que aderissem o movimento e tal...” (NATÁLIA).*

Consta nas atas de registros do NH2C, que o movimento começou com um número total de 12 integrantes e hoje conta com 78 membros cadastrados que realizam reuniões semanais a fim de discutir e traçar estratégias socioculturais que trouxessem algum tipo de melhoria para os indivíduos que vivem em áreas precarizadas da cidade de Campina Grande e dos municípios circunvizinhos. As reuniões aconteciam sempre as terças-feiras, no período de 19:00 as 20:00 da noite – para não ficar muito tarde, uma vez que muitos dos integrantes moravam longe e dependiam de ônibus – nas dependências do Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA – as margens do açude velho, no bairro do Catolé.

A partir do segundo encontro em diante, as reuniões começam a acontecer no espaço

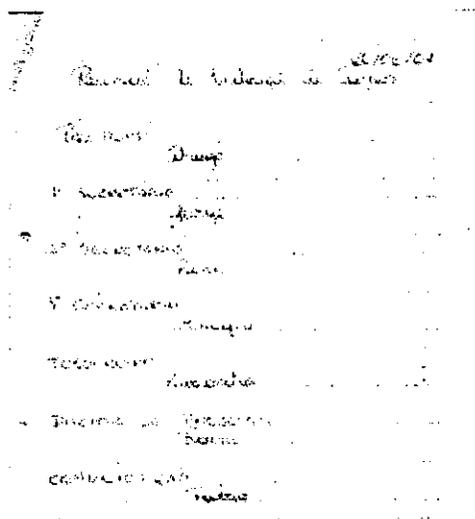


Foto 14 – Folha da ata de uma das reuniões do NH2C. Documento cedido pelos integrantes do NH2C.

interno do Centro Universitário de Cultural e Arte da UFCG, o CUCA, onde, a informalidade começa a abrir caminho para uma lógica mais organizacional. É aberto um período de candi-

datura para quem tiver interesse em ocupar um cargo no quadro da equipe do NH2C. sendo assim, abrem-se vagas a candidatura as funções de: Presidente, 1ª Secretário, 2ª Secretário, 3ª Secretário, Tesoureiro, Diretor de projetos, Comunicação. Poucos foram os que se habilitaram a candidatura, porém, os cargos já sinalizavam quem iria ocupá-los. A maioria dos jovens que faziam parte do NH2 no período de sua criação morava em áreas periféricas da cidade, tinham largado os estudos e os que estudavam, tinham vindo da rede estadual de ensino. Esses fatores contribuíram de forma decisiva para que a minoria de jovens vindos da rede particular de ensino e universitários ocupassem rapidamente os cargos propostos.

O exercício de diferentes formas de poder cultural realiza nas diferenças e divisões que compõem a identidade uma ação unificadora. O conhecimento acadêmico ganha notoriedade e importância em relação ao conhecimento prático – vivido pelos sujeitos da periferia – ao ponto de legitimar a escolha dos membros para compor o quadro do NH2C.

*... “é o seguinte, o DJ Jhó me convidou para ir, mas ele não disse que era o Núcleo, ele disse mas ou menos uma coisa como, vá para uma reunião de , tou sabendo que você gosta, aí eu fui, a reunião era o seguinte, tinha ele e mais três caras eu acho que dois era B-boys, um acho que auxiliava ele em alguma coisa, tava entregando folha, tava indo lá dentro, ele leu sobre a cultura , algumas informações que eu concordei, eu achei totalmente necessário, assim, não era bobagem o que ele estava falando, eu achei as instruções massa ta ligado, ele tava falando o seguinte, da sua postura diante do , qual é a verdadeira, como o nasceu, qual o verdadeiro intuito, mas assim, é numa teoria assim, como se ele tivesse dando uma aula e eu tinha certeza que os alunos não tavam entendendo ta ligado, ele tava falando em uma linguagem meia rebuscada, e lendo um texto, o texto assim, eu acho que se ele vai falar para um pessoal com mais extrusão, porque tem os B-boys ta ligado, não que B-boy seja analfabeto, mas aqui na cidade a maior parte dos B-boys é... É... Às vezes são pessoas carentes, são pessoas leigas que não tem assim, uma escolaridade completa ta entendendo, passa dificuldade, passa necessidade, mas assim é uma pessoa, um pessoal guerreiro que enfrenta todo tipo de dificuldade que eu dou maior valor”... (MC BIG).*

A fala do Mc Big expressa de forma clara à exaltação do conhecimento erudito e demonstra que subgrupos do movimento acabam sendo estigmatizados por conta dessa valoração. Apesar do símbolo – a logomarca – do NH2C trazer em seu desenho elementos que representem a diversidade artístico-cultural do movimento , a ocupação dos cargos não se deu de forma tão heterogênea. A composição dos cargos segundo os elementos culturais se deu da seguinte forma:

Presidente	DJ	Tesoureiro	Grafiteira
1ª Secretário	DJ	Diretor de Projetos	Grafiteiro
2ª Secretário	Grafiteiro / MC	Comunicação	MC
3ª Secretário	Grafiteira		

Como todo coletivo que busca elementos simbólicos que representem a sua coletividade, os membros do NH2C reconheciam que uma logomarca é a tradução visual da personalidade de uma instituição. Definido o quadro de jovens que iriam compor a direção do NH2C, o segundo passo foi criar um símbolo para representar o grupo.

Uma boa *logo* comunica as qualidades mais importantes de uma instituição e estabelece imediatamente o reconhecimento da mesma pelo público. Logos não vendem apenas produtos e serviços, vendem também ideias e valores que devem ser expressos em toda sua comunicação e identidade visual. Para dar maior legitimidade a identidade do grupo, bem como unificar os diferentes sujeitos que dele fazem parte, foi solicitado ao grafiteiro Zeca – também membro do Núcleo – para criar um símbolo que representasse o NH2C. A escolha da logomarca que assumiria essa responsabilidade foi democrática e participativa. A primeira arte criada resultou na *logo* abaixo que não teve boa aceitação pelos membros do grupo.

Foto 15 – 1ª opção de Logomarca do NH2C.



Segundo Natan, B-boy e integrante do NH2C, a logo apresentada deixou muito a desejar no critério representatividade:

*...Eu acho que a primeira arte que o maluco lá fez, tá muito simples saca, acho que deveria ter os quatro elementos ali na arte. Achei a outra bem melhor – fazendo referência à segunda opção –...*

O coletivo decidiu em optar como símbolo representativo do grupo a segunda opção de Logomarca que, segundo os membros, mostra-se uma forte aliada para a construção não apenas de uma percepção positiva e profissional, mas também na atração de parcerias e colaborações.



Foto 16 – 2ª opção de Logomarca do NH2C.

A logomarca escolhida para representar o grupo é formada por sua sigla em negrito – ganhando até certo destaque visual em relação ao significado do nome – e logo abaixo vem o significado da sigla em uma fonte um pouco menor. Posicionado ao lado direito do nome podemos encontrar um brasão com quatro quadrados menores dentro dele, em cada quadrado podemos encontrar uma imagem representando um elemento cultural do movimento , primeiro vem o Mc, logo ao lado temos o B-boy e nos dois quadrados de baixo encontramos uma lata de spray simbolizando o grafite e ao lado um disco representando os Djs.

Foto 17 – Logomarca da Zulu Nation.



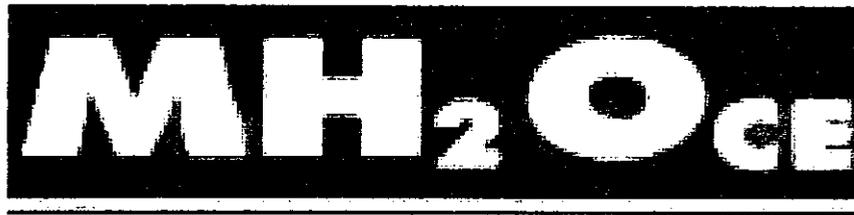
Foto extraída do site <http://www.conexaobrasilhiphop.com>

No que diz respeito à semântica, há uma certa semelhança da Logomarca do Núcleo Campina com a logomarca do Movimento Organizado do Brasil e do Movimento Organizado do Ceará, porém a logomarca do NH2C enfatiza em seus elementos gráficos a unidade do grupo. Há claramente uma certa preocupação em legitimar a sua identidade através da articulação dos diferentes elementos culturais do movimento .

Foto 18 – Logomarca do Movimento Organizado do Brasil.



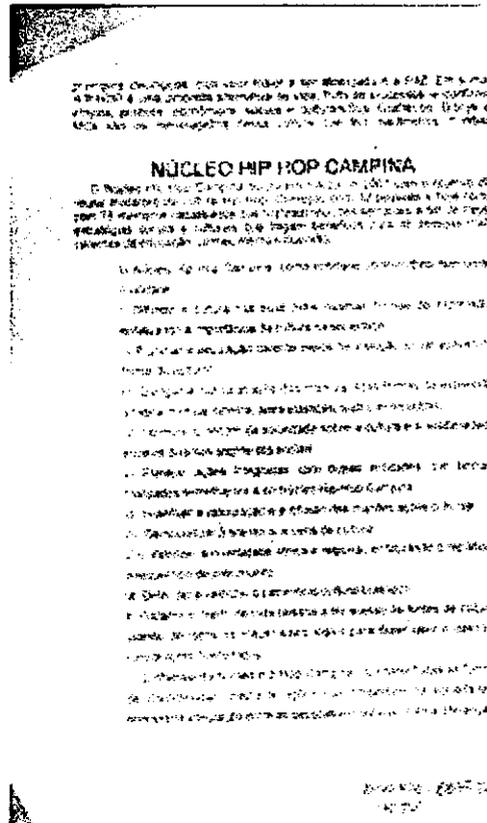
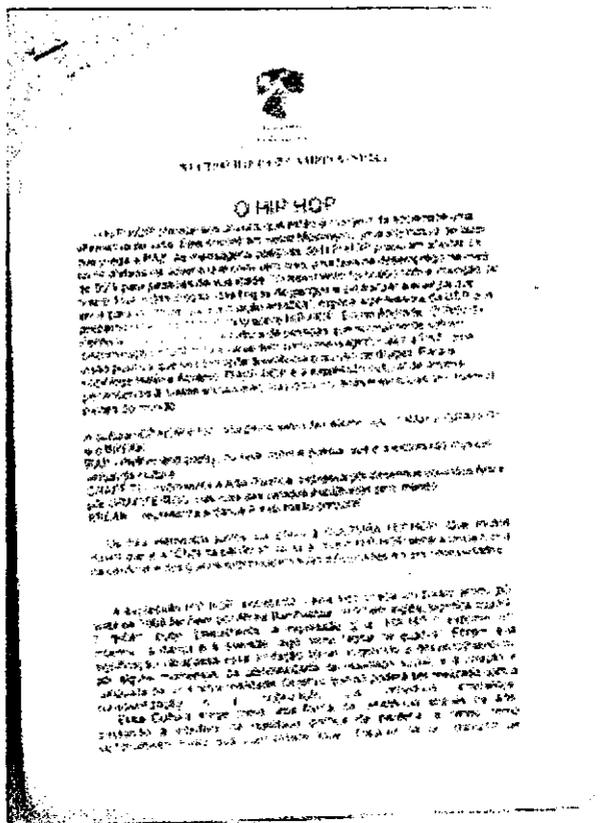
Foto 18 – Logomarca do Movimento Organizado do Brasil.



Ao compararmos a logomarca do NH2C com a da *Zulu Nation* – primeiro movimento organizado de – a leitura que fazemos do símbolo da Zulu Nation é que ele não traz em seus elementos gráficos a mesma preocupação que a logo do NH2C, sua intenção, assim compreendemos reside sobre o objetivo de representar a natureza política, militante e transformadora do movimento.

O terceiro passo foi criar os princípios filosóficos que iriam reger o Núcleo. A partir daí, a criação de projetos para a captação de recursos financeiros e materiais tornou-se um dos principais objetivos. Segundo o grafiteiro Zeca, com o surgimento do NH2C, os quatro elementos do movimento começaram a interagir através dos eventos sociais organizados pelo Núcleo. O grafiteiro lembra também que o Núcleo viabilizou o transporte, estadia e alimentação para aqueles que não tinham dinheiro, pudessem ir para o "II Encontro Nordestino de " realizado na cidade de João Pessoa.

Foto 20 – Princípios filosóficos do NH2C.



Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 21 – Matéria em um dos principais jornais da cidade sobre a realização de um dos projetos do NH2C.



O documento faz parte do arquivo pessoal do autor.

A institucionalização do movimento na cidade de Campina Grande marca o início de uma nova forma de organização dos jovens. Os princípios éticos e filosóficos começam a reger a ação dos participantes do movimento que vêm nesse modelo uma forma racional de legitimar a sua participação no grupo. O envolvimento em projetos sociais que buscam a melhoria e qualidade de vida – através da arte – de sujeitos que vivem em situações de riscos em áreas periféricas da cidade.

Os projetos do NH2C são pensados e desenvolvidos de acordo com a necessidade e realidade dos bairros atendidos. No caso do projeto “: **quebrando os muros do preconceito**”, foi realizado um dia artístico-cultural e esportivo para os apenados do presídio do Serrotão, onde, buscou-se resgatar a auto-estima e derrubar os muros do preconceito que estigmatizam e contribuem para uma imposição de adjetivos negativos aqueles indivíduos que muitas vezes sem voz aceitam passivos. Na maioria das vezes os participantes do movimento não ganham dinheiro pelo trabalho prestado durante o(s) dia(s) de realização do projeto, mas a sobra do material – spray, tinta látex, entre outros – solicitado é dividido entre os jovens do Núcleo.

A consciência da necessidade, de fazer algo em prol dos desfavorecidos, vai além do engajamento político dos membros do NH2C durante as atividades propostas nos dias de realização dos projetos. Grafiteiros que antes faziam grafites com temas diversificados, começam a desenvolver desenhos com apelos sociais.

As práticas artísticas dos sujeitos que fazem parte do movimento começam a passar por

Foto 22 – Projeto realizado pelo NH2C – Projeto expedição –

**PROJETO EXPEDIÇÃO**  
O Hip Hop na sua Quebrada

O Projeto Expedição, através de toda a gama de trabalho de cada uma levando o projeto para as periferias das cidades e a cidade de Campina Grande, a fim de levar cultura e entretenimento para as comunidades. O projeto é desenvolvido através de oficinas de dança, música, grafite e rap, além de apresentações em locais públicos e privados, visando a conscientização da população e a valorização da cultura local.

**PROJETO EXPEDIÇÃO**

Objetivo: levar cultura e entretenimento para as periferias das cidades e a cidade de Campina Grande.

Local: periferias das cidades e a cidade de Campina Grande.

Organização: NH2C

Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 23 – Rifa para arrecadação de dinheiro para a confraternização do NH2C.

Nome: .....

RIFA NÚCLEO HIP HOP CAMPINA

Nº: 0243

Sorteio de uma Camiseta XXL, um Boné Blunt e um DVD do Hip Hop Campina

Nº: 0243

O sorteio acontece no CUCA dia 21/12/08 na confraternização do NH2C

Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.



Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 24 – Desenho feito pelo grafiteiro Esponja, para denunciar o aumento de drogas na cidade de Campina Grande.

um *deslocamento de sentido*. As ações dos sujeitos, realizadas antes do NH2C tinham um sentido particular, após a formação do Núcleo, essas ações ganham um propósito social e passam a legitimizar um sentimento pessoal.

*“Pra mim o fato de eu tá indo para rua fazer grafite, levando arte a toda população campinense ou de todos os lugares que eu viajo que eu procuro sempre pintar, eu já vejo como uma contribuição social entanto. Porque o povo precisa de comida de segurança e de saúde, mas precisa de cultura e lazer também e o meu grafite busca dar isso a população. Eu tou um pouco parado nessa coisa de buscar dar uma contribuição social de desenvolver um trabalho mesmo, mais por falta de tempo, essa questão de estudo. Mas assim, tem essa questão que te falei de você levar à arte a rua, por exemplo, eu tava pintando no CUCA e parou um velhinho que tava voltando do trabalho de bicicleta, aí ele parou e me chamou e disse: ah! é você que faz esses personagens?! Tem ali, tem em tal lugar, eu sempre vejo isso. Para mim, meu trabalho chamou a atenção dele, então isso para mim já é uma coisa massa porque ele nunca teria tempo de ir a uma galeria, então a minha arte ta na rua já é uma contribuição social e cultural a sociedade. Eu tou sempre aberto a escolas particulares e escolas públicas a desenvolver trabalhos, pintar um painel dar uma oficina, conversar com a molecada sobre questões ligadas a grafite e a pixação (ZECA – GRAFITEIRO)”*

Os símbolos que representam a cultura , já não se aplicam mais como elementos de identificação de um grupo. Jovens que usam calças folgada, escutam Rap, grafitam ou até mesmo fazem Rap, podem ser associados – em um primeiro momento – ao movimento . Porém, nem todos que fazem uso de tais elementos simbólicos se consideram parte do grupo.

*Eu me sinto uma admiradora e não vou falar que eu não faço parte porque eu passei dez anos dentro do movimento, pensando estratégias para tentar melhorar as coisas, enfim, mas eu me sinto participante porque eu me identifico, na minha identidade no meu gosto musical na arte que me interessa no som que me contagia ta entendendo o movimento é minha identidade, eu não gosto de outro gênero musical, porque não me toca da mesma forma (NATÁLIA – estickers).*

Nas entrevistas realizadas com os participantes do NH2C fica evidente essa lógica da ação política como legitimadora da identidade, o fazer algo em prol do outro ou para o crescimento do movimento define bem a fronteira do estabelecido e do outsider. Porém, ainda encontramos alguns resquícios na fala dos entrevistados de que o pertencimento está ligado à simbologia do movimento. Trechos como: **“eu faço muito pelo movimento”** **“eu sempre fiz pelo ”** atestam a identidade do sujeito, enquanto, **“eu poderia ter feito mais”** **“eu não sou tão atuante”** põe em jogo a legitimidade da identidade, ou seja, do pertencimento ao grupo.

*“Eu decidi fazer parte mesmo do movimento , é porque eu já tenho isso na veia desde criança, bem antes de escrever rimas eu já escutava muito Rap, ouvia muita rima de outros artistas, sempre gostei muito da arte plástica depois eu vim conhe-*

*cer o grafite, mas também não deixa de ser arte plástica, admiro muito, gosto da dança também eu me sinto parte mesmo do movimento, assim, porque eu já dei muito, eu já mostrei muito, incentivei muita gente aqui na cidade a escrever rimas muita gente aqui hoje que é Mc considerado, hoje em dia ta escrevendo porque eu dei pilha para a galera escrever mesmo assim, eu me considero parte do movimento por causa disso assim, porque eu sempre tou dando pilha para essa molecada para escrever para cantar para discotecar seja em qual área for, qualquer área que eles se interessarem eu sempre estou disposto a incentivar mesmo. Por isso que eu me sinto um integrante fiel do (MC PLAYAD)”.*

*“Isso daí não é uma coisa que se pratique, mas que se viva, eu mesmo vivo isso todos os meus dias, ontem mesmo eu encontrei dois meninos aqui em casa porque eu tinha encontrado aqui no sinal, aqui perto mesmo da minha casa, né?! E eles já me conhecem como DJ, e eles pô DJ eu estou desenhando, eu tou desenhando, ai eu disse a não!! Vai na minha casa que eu vou te dar uma revista de grafite que eu tenho lá, e ontem eles vieram aqui e eu botei eles para dentro da minha casa, e eles já ficaram assustados, porque quando eles chegam em uma casa ninguém coloca eles para entrar; entraram aqui, dei um lanche a eles, mostrei o grafite troquei uma idéia com eles, é então isso daí é um ativismo que a gente tem que ta em toda hora, quando eu passo na rua e vejo uma coisa errada quando vejo a polícia agredindo uma pessoa que é pobre, desfavorecida socialmente, quando implanto esperança dentro dessas pessoas ai, que a vida social arrancou todo tipo de esperança dentro delas né?! E essas coisas desse tipo ai, esses pequenos detalhes aí é o que vai fazer a diferença é o que torna você um militante um ativista, um inconformado com as coisas que são né!?! E lutar para que todos tenham pelo menos os mesmos direitos e oportunidades que os outros tem né?! (DJ JHÓ)*

*“Porque uma coisa é você vivenciar e outra coisa é você trabalhar... criou um estigma de que o seguinte, você ta no, você tem que ser aquela pessoa batalhadora porque o grupo é um grupo de pessoas que sofrem e que são batalhadoras, pelo tempo que eu passei envolvido nisso... eu não sou um cara que batalhou, mas assim, eu tentei fazer a minha parte ta entendendo? Eu tentei me envolver, eu pesquisei para quem perguntasse pra mim eu não ser uma pessoa cega que participa de uma coisa e não sabe da onde veio, não sabe como funciona, mas assim, o que eu notei foi o seguinte, eu notei que o pessoal criou o estigma de que o Rap é esse grupo de pessoas batalhadoras que luta em prol dos direitos dos desfavorecidos, não velho, tem muita gente que ta ali, tem muita gente que to envolvido no, mas ta envolvida assim pela parte artística ta ligado?! ou conseguir digamos assim, uma alavanca para uma carreira de grafiteiro, de B-boy, porque por exemplo, eu grafito, eu danço, e eu acho isso totalmente certo, é você concatenar oportunidades, eu danço, certo? Eu danço, eu sou uma pessoa humilde, o grupo, a cultura envolve isso, porque eu não vou me envolver ali? Porque eu não vou participar se eu sei que é uma cultura que eu vou ter vez e eu vou ter voz entre aspas (MC BIG).*

O NH2C surge no final de 2007 como uma elaboração coletiva de demandas conflitantes onde as dimensões da solidariedade, do conflito e da ruptura com a lógica do sistema social se

inter-relacionam. Desta forma, os sujeitos mobilizaram-se socialmente com a expectativa de que problemas relacionados a características grupais podem ser resolvidos com maior eficácia por meio da ação coletiva. Desta forma, os jovens se perceberam e foram percebidos como integrantes de um grupo social – no caso, o NH2C – através de uma identificação relacionada às crenças dos indivíduos, seus sentimentos e comprometimento com o grupo. A participação é explicada pela formação de uma identidade coletiva, que estimula os jovens protestarem em nome do coletivo o qual se identificam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A partir de inquietações oriundas de pesquisas realizadas para projetos de iniciação científica, bem como aflições provenientes de questões advindas da própria vivência e militância no movimento, foi que o presente trabalho se consolidou enquanto análise reflexiva em busca de respostas para tais “problemas”. Desta forma, identificar como se deu a dinâmica da institucionalização do movimento na cidade de Campina Grande, fez parte do processo para entendermos como se consolidou a identidade coletiva do NH2C a partir da ação política dos sujeitos que constituem o movimento.

Para trilhar o caminho que nos conduziu ao resultado desta dissertação, foi preciso me distanciar do objeto de pesquisa para lançar-lhe um olhar de estranheza, porém, em alguns períodos este distanciamento não seu deu por completo. O conhecimento de causa levou-me a omitir e problematizar algumas questões que para mim já se encontravam postas.

No desenvolvimento do nosso trabalho, fizemos uso da teoria e metodologia da **Análise de Discurso** proposta por Ernesto Laclau, onde foram fundamentais para o processo analítico, os conceitos de **cadeia equivalencial**, **significante vazio** e **hegemonia do discurso**. O corpus analítico se compôs de entrevistas realizadas a integrantes do movimento e a documentos impressos, que remetem a trajetória de surgimento do NH2C.

Compreendemos que o discurso é um exercício social significativo de natureza material que considera o espaço social como um espaço discursivo, onde todo tipo de ligação entre palavras e ações formam totalidades significativas. As práticas articulatórias que constitui e organiza relações sociais se configuram em uma totalidade estruturada. Desta forma, ao realizar a análise, levamos em conta que o material colhido faz parte de uma construção discursiva, onde pudemos analisar as interações entre os sujeitos – que se caracterizam por uma diferença sociocultural e fazem parte do movimento – para dar sentido ao discurso que unifica a sua heterogeneidade.

Antes do NH2C as fronteiras que demarcavam o lugar de pertencimento de um grupo em contraposição a outro, ainda estavam por se consolidar. Com o enfraquecimento dos laços comunitários que o compartilhamento dos mesmos símbolos de origem exerce entre os sujeitos, as diferenças socioeconômicas se sobressaíram impossibilitando o surgimento de um movimento organizado anterior ao ano de 2007. A situação econômica da maioria dos jovens entrevistados em nosso trabalho vai determinar de forma significativa, a vivência dos mesmos, em ambientes onde a pobreza e a criminalidade operam. Esta situação, desperta nos jovens que convivem diretamente com este descaso, um alto índice de insatisfação. As demandas oriundas de tais problemas passam a exercer um papel articulatório e unificador dos agentes contra um inimigo comum. Neste caso, o Estado.

A necessidade de dar resposta as demandas advindas de uma realidade socioeconômica – que determinou a forma de vida e interação de alguns jovens da cidade de Campina Grande – bem como a busca por um procedimento estável e organizado que legitimasse o grupo num contexto da interação social com a sociedade a sua volta, fez com que esta pluralidade de sujeitos estabelecesse entre si, uma solidariedade. Esta, por sua vez, se configurou como fruto de uma relação equivalencial, que com o aumento significativo – da cadeia de equivalência – foi necessário que as demandas de um determinado grupo assumisse a função de representar a totalidade.

As identidades se constituem sempre de forma incompleta, uma vez que as instituições são formadas por relações sociais entre sujeitos heterogêneos – visíveis diferenças socioeconômicas – onde os laços estão sempre em renovação. Porém, a sensação de completude surge quando a hegemonia passa a preencher a ausência de plenitude. O processo de formação de uma ordem hegemônica parte sempre de um discurso particular que consegue representar identidades dispersas.

Apesar de fazer parte desse processo incessante de se firmar enquanto um corpo identitário, a identidade a qual está ancorada o movimento da cidade de Campina Grande, efetiva-se de vez, ou pelo menos por hora, quando as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos, se constituem em ações políticas. Os sujeitos passam a relacionar - sem politicamente através de ações concretas e sistematizadas. Ocorre o que Laclau vai chamar de **“deslocamento de sentido”**.

Pelos resultados encontrados durante o nosso percurso, concluímos que obtivemos êxito na pesquisa, porém, reconhecemos que a teoria e metodologia utilizada neste trabalho são apenas umas das muitas formas de se trabalhar com o objeto aqui escolhido. Certamente, se outros pesquisadores lançarem um olhar sobre o trabalho enxergarão infinitas possibilidades, uma vez que o discurso está sempre aberto para novos sentidos. Não podemos desta forma, limitar a análise a uma única versão interpretativa. Também, fazemos uma avaliação positiva do uso da teoria de Ernesto Laclau que deu norte ao nosso trabalho através de uma visão ampla da análise de discurso não se limitando apenas aos aspectos interacionais, mas, contemplando as relações históricas e espaciais. Embora, tenhamos recorrido a outros teóricos para enriquecer o nosso estudo, essa atitude se constituiu mais como uma forma de dialogar e menos como uma limitação da teoria do discurso.

No decorrer do nosso trabalho, conseguimos entender o porquê de um movimento de caráter urbano ter surgido em uma cidade de interior que tem suas tradições voltadas para a cultura popular. Vimos que as relações sociais e econômicas determinam de forma ímpar os modelos de interação que irão conduzir as relações juvenis, onde a pobreza e a violência assumem um papel importante nessa resignificação das novas formas de sociabilidades. Por outro lado, reconhecemos que não demos conta de responder todas as questões que surgiram. Uma delas diz respeito a qual tipo de relação as práticas dos atores juvenis que constituem o movimento da cidade de Campina Grande tem com o conflito e a violência entre a juventude urbana? Ou seja, qual o tipo de relação que a sociabilidade juvenil tem com a tendência de crescimento dos índices de homicídios em médias e pequenas cidades do Nordeste brasileiro, atingindo, em sua maioria, jovens negros de periferia? Certamente, essa é uma discussão que pode direcionar um outro projeto de pesquisa.

O trabalho que aqui apresentamos é apenas o início de uma grande discussão, mas como há muitos outros caminhos, olhares, tendências e interesses, a continuidade deste estudo poderá seguir em várias direções. Este estudo é nossa contribuição, porém, como analistas do discurso, compreendemos que o que foi feito até aqui, não está com o seu sentido fechado ou acabado, a pesquisa está aberta a receber acréscimos que venham contrariar ou acrescentar o trabalho aqui realizado. Em nenhum momento quisemos apresentar certezas. O tema é instigante. Instrumentos para sua investigação são muitos. Desta forma, deixamos o caminho aberto para que novos pesquisadores tragam questões que dialoguem com o presente trabalho, fortalecendo a produção acadêmica.

**REFERÊNCIAS**

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AMARAL, Filho. J. *O nordeste que dá certo*. Seminário Internacional Desenvolvimento Regional do Nordeste, realizado pelo Centro Internacional Celso Furtado, em Recife, nos dias 13-16 de outubro de 2009.

ANITA. Motta, Jessica Balbino. , *a cultura marginal*. Do povo para o povo. Dissertação de mestrado. UFRN / 2006.

ALCÂNTARA, Thiago. *Produção e direção de Dvd/Cd sobre o em Campina Grande*. Monografia apresentada ao Departamento de Art e mídia da UFCG. 2008.

ALKETA. Peci. *A nova teoria institucional em estudos organizacionais: Uma abordagem crítica*. USP. 2005.

BACELAR. Tânia, PATRÍCIO. Tarcisio. Recife: *Desenvolvimento e desigualdade*. In: Desenvolvimento humano no recife; Atlas municipal. Recife, PE. 2005.

BANTON, M. 1979. "Etnogênese" In: A idéia de Raça. Lisboa, Edições 70.

BAUMAN. Zygmunt. *Globalização: As Conseqüências Humanas* (Globalization: The Human Consequences. New York: Columbia University Press. 1998. Traduzido por Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor.

BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. Nova York, Free Press, 1991.

BILL. Mv. Música: *Só Deus pode me julgar*. In: Declaração de guerra. Faixa 3, Polygram. S / d.1 CD – ROM.

BOURDIEU, P. 1983. "A Identidade e a Representação. Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região". In: O Poder Simbólico. Lisboa, Difel.

CARLOS, Christian Rodrigues Ribeiro. *O movimento como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas*. Dissertação de mestrado. PUC – Campinas; 2007.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Coleção: Pensamento crítico. 2009. Ed. 4ª.

DUARTE, A. M. L. T. *O grafite de muro e a cidade: diálogos e rupturas entre uma cultura de resistência e a urbanidade*. Campina Grande: EDUEPB, 2005.

FAGÚNDEZ, Paulo Roney Ávila. *O significado da modernidade*. Disponível em: < <http://www.tj.sc.gov.br/cejur/doutrina/modernidade1.rtf>>. Acesso: 08 nov 2006.

FEITOSA. Ricardo. Augusto de Sabóia. *Jovens em transe: Grupos urbanos juvenis da contemporaneidade, conceitos e o "underground"*. Faculdade de comunicação da Universidade federal da Bahia. 2003.

FERREIRA. B. *A história de um guerreiro*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa

TEMA: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA AÇÃO POLÍTICA DOS SUJEITOS: O CASO DO

de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. 2011.

FREITAG, Bárbara. *Teoria das Cidades*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FRIEDMAN, Debra and McADAM, Doug. *Collective identity and activism – networks, choices and the life*. In: MORRIS, Aldon D. and MUELLER, Carol McClure. *Frontiers in Social Movement Theory*. New Haven and London: Yale University Press, 1992. pp.156-173.

FRÚGOLI Junior, Heitor. *Sociabilidade urbana* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (passo – a – passo; 80).

GAMSON, William A. *The social psychology of collective action*. In: MORRIS, Aldon D. and MUELLER, Carol McClure. *Frontiers in Social Movement Theory*. New Haven and London: Yale University Press, 1992. pp.53-76.

GEERTZ. C. *A interpretação das Culturas*. São Paulo: Ltc, 2005.

GOMES. F. Jose. *As cidades da juventude em Fortaleza*. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, 2007, p. 215-242.

GOMES. A. Ramonildes, ARRUDA. Thayroni. “*Da violência à arte urbana: grafite e qualidade de vida em áreas precarizadas de Campina Grande*”. PIBIAC. UFCG, 2005.

\_\_\_\_\_, ARRUDA. Thayroni. “*Violência e resistência: usos e formas contemporâneas da arte do grafite*”. PIBIAC. UFCG, 2005.

\_\_\_\_\_, ARRUDA. Thayroni. “*Usos e abusos da indústria cultural: o movimento e a criação de novas identidades*”. PIBIAC. UFCG, 2006.

GIDDENS, Anthony. *O Mundo na Era da Globalização*. ed. Presença, 2002

\_\_\_\_\_, *Identidade e modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_, *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GILROY. Paul. *O atlântico negro*. Editora 34. Ed. 1ª. 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estudos Culturais: dois paradigmas “em Mídia, Cultura e Sociedade”* Vl. 2, Rio de Janeiro. 2006.

JAMESON. Fredric. *A critical Reader*. Org. Homer, Sean. Kellner, Douglas. Edit. Palgrave USA. 1985.

JORGE. A. Fernandes, Pais. Cassiano. *A economia brasileira na década de 80: conseqüências*

\_\_\_\_\_. *A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos: o caso do*

*da crise da dívida externa, inflação e crise do Estado*. Universidade de Aveiro, Departamento de economia; Gestão e engenharia industrial – 3810 – 193, Aveiro-Portugal.2003.

JORGE, Érika. R.C. *A natureza do espaço urbano: Formação e transformação de territórios na cidade contemporânea*. Belo Horizonte. Escola de arquitetura da UFMG. 2008.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LACLAU, E. "*Inclusão, exclusão e a construção de identidades*". AÉCIO Amaral Jr. / JOANILDO A. Burity (orgs.) *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. / Organização de Aécio Amaral Jr. e Joanildo de A Burity. – São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_, Mourffe. *Hegemonia y estratégia socialista*. Edt. Fundo de cultura. Ed, 1ª. 1985.  
\_\_\_\_\_, Zizek. *Contingencia, hegemonia, universalidad*. Edt. Fundo Argentina. Ed. 1ª. 2000.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, Cidades: Alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARICATO, Ermínia. *Autoconstrução a arquitetura do possível*. In MARICATO, Ermínia (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1996.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia do Conhecimento*. Vol. II Editora Rêes. 1989

MANUELA C. e SÉRGIO A. *A análise de discurso e a apreensão de universos simbólicos: Uma referência para o entendimento da linguagem subjetiva do poeta e letrista Vinícius de Moraes*. Rio de Janeiro: UENF, 2002.

MEDEIROS, LUCIANA D ARAÚJO. *A produção do espaço intra-urbano e as ocupações irregulares no conjunto mangabeira, João Pessoa – PB*. Dissertação (Mestrado em Geografia), João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 2006.

MENDONÇA, V. M. *Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o*. Cadernos Cedes, v. 22, n. 57, 2002, p. 63-75.

MENDONÇA, Daniel. *A teoria da hegemonia política de Ernesto Laclau e a análise política brasileira*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Brasil. Ano/vol. 43, número 003. 2007.

MELO, Luis Gonzaga. *Habitação popular em Campina Grande*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

MELUCCI, ALBERTO. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. *Challenging codes. Collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI, Alberto. *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. *As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município*. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. 2010.

PEROSA, S. G. *A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas*. Cadernos Pagu, n. 26, 2006: pp.87-111.

PIZZORNO, Alessandro. *Algum tipo diferente de diferença: uma crítica das teorias da “escolha racional”*. In: FOXLEY, Alejandro, McPHERSON, Michel and O’DONNELL (Org.). *Desenvolvimento e política – e aspirações sociais. O pensamento de Albert O. Hirschman*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988. pp.366-386.

RACIONAIS MC’S. *Periferia é Periferia em Qualquer Lugar*. E. Rock. [Compositor]. In:.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 1989.

SANTOS, Milton. *Urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SELZNICK, Philippe. *Liderança e administração*. Rio de Janeiro: FGV, 1971. pp.1-52.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org. ). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOUZA, G. *Um novo cenário sociocultural nas metrópoles brasileiras: descentramento, consumo e estilo cultural no movimento*. Recife: EDUFPE, 2002.

SKACKAUSKAS, Andréia. *Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: O caso da organização de prostitutas Davida*. Dissertação apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

TAYLOR, Verta and WHITTIER, Nancy. *Collective identity in social movement communities – Lesbian feminist mobilization*. In: MORRIS, Aldon D. and MUELLER, Carol McClure. *Frontiers in Social Movement Theory*. New Haven and London: Yale University Press, 1992. pp.104-129.

TELLA, M. A. P. *Atitude, Arte, Cultura e Autoconhecimento: o rap como voz da periferia*. Ano de Obtenção: 2000. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.

TELLA, M. A. P. . *Identidades Juvenis*. Resumo e programas do II Seminário Metrópole, Juventude e Violência, realizado na PUC/SP, São Paulo, 1999.

TELLA, M. A. P. . *O movimento como formador da consciência social*. Programa e resumos I Jornada Urbana, realizado na Universidade Cruzeiro do Sul UNICSUL, São Paulo, 1998.

TELLA, M. A. P. *O Rap e a reconstrução da memória coletiva*. IX Semana de Ciências Sociais, História, Geografia e Relações Internacionais: 1968 30 anos. O mundo é outro? Programas e resumos, São Paulo, 1998.

VELHO, Gilberto. (2005). *Estranhando o familiar*. In: Individualismo e cultura. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 121-132.

WASELFISZ, J. Júlio. *O mapa da violência: Os jovens do Brasil*. Edit. Garamond. 2006.

WEBER, M. 1991. *Relações Comunitárias Étnicas*". In: Economia e Sociedade, 1. Brasília, UnB.

Wirth, L. (1997). *O urbanismo como modo de vida*, in C. Fortuna (org.), Cidade, cultura e globalização: Ensaios de sociologia. Oeiras: Celta, 45-65 [1938].

[http://intra.vila.com.br/sites\\_2002a/urbana/grapixo/histgraf.htm](http://intra.vila.com.br/sites_2002a/urbana/grapixo/histgraf.htm) 16 de junho de 2001 às 16:39 da tarde. A história do grafite.

<http://letras.terra.com.br/james-brown/877683/>: acesso: data 07 de junho de 2011; hora: 21:42.

<http://www.ibge.com.br/home/>: acesso: data 20 de julho de 2011; hora: 10:33.

<http://campinagrandeainhadaborborema.blogspot.com>: acesso: data 15 de agosto de 2011; hora: 23:08.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal): acesso: data 20 de julho de 2011; hora: 10:40.

<http://letras.terra.com.br/james-brown/877683/>: acesso: data 20 de julho de 2011; hora: 10:45.

<http://www.conexaobrasilhiphop.com>: acesso: data 21 de julho de 2011; hora: 20:00.

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>: acesso: data 27 de Junho de 2012; hora: 11:45.

<http://ts1.mm.bing.net/images/thumbnail.aspx?q=4704222449893584&id=96fdc5025b1b932ff51b9f11aeeed6d>: acesso: data 21 de julho de 2001; hora: 12:50.

## APÊNDICES

APÊNDICE A - FICHA DE APOIO À PESQUISA



Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidades  
Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, ruralidades e políticas públicas.

Tema: A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos: o caso do movimento de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Sales de Laurentino Júnior.

Aluno: Thayroni Araújo Arruda.

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Sexo: feminino ( ) masculino ( )
4. Naturalidade: \_\_\_\_\_
5. Bairro em que reside: \_\_\_\_\_
6. Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_
7. Ocupação: \_\_\_\_\_
8. O que você entende por movimento ?  
\_\_\_\_\_
9. Existe movimento na cidade de Campina Grande? Quais os elementos que te dão essa certeza?  
\_\_\_\_\_
10. Há quanto tempo você faz parte do movimento e o que levou você a participar do mesmo?  
\_\_\_\_\_
11. Qual das modalidades do movimento que você mais se identifica.  
B-boys ( ) Grafite ( ) DJ ( ) Mc ( )
12. Você faz parte de alguma crew? (grupo) Qual?  
\_\_\_\_\_
13. Você se sente como sendo um integrante do movimento ? Justifique.  
\_\_\_\_\_
14. Caso tenha respondido sim na questão anterior, responda quais elementos contribuem para o desenvolvimento do sentimento de pertença ao movimento ?  
\_\_\_\_\_
15. A sua participação no movimento se dar de forma ativa (participando com frequência de atividades artísticas e sociais) ou de forma passiva (gosta da estética do movimento, mas tenta não se envolver muito)?  
\_\_\_\_\_
16. Em uma escala de 0 a 10, que estagio você atribuiria a sua participação no movimento ?  
\_\_\_\_\_
17. Qual a situação atual do movimento na cidade de Campina Grande?  
\_\_\_\_\_
18. Você acha que o movimento da cidade de Campina Grande tem alguma particularidade que o diferencia dos demais (movimentos de )?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**ANEXOS**

---

**LISTA DE ANEXOS**

---

**ANEXO A . REGISTRO DAS IMAGENS E GRÁFICOS.**

## ANEXO A . REGISTRO DAS IMAGENS E GRÁFICOS.

Foto 1 - Integrantes do Núcleo Campina com o B-boy Nelson Triunfo durante a sua estadia na cidade de Campina Grande para o evento Rap e Repente.

Foto 2 – Chico Science. Um dos fundadores e principal representante do movimento Manguebeat. Foto extraída do site <http://www.manguebeat.com.br/>

Foto 3 – Mapa dos bairros da cidade de Campina Grande. Foto extraída do site : <http://pt.wikipedia.org> e adaptada por: Thayroni Arruda.

Foto 4 – Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA . Foto extraída do site <http://campina-granderainhadaborborema.blogspot.com>

Foto 5 – Logomarca da Zulu Nation. Foto extraída do site <http://www.conexaobrasilhiphop.com>

Foto 6 – Dj Jhó em ação – Logomarca da Zulu Nation. Foto extraída do arquivo pessoal do DJ.

Foto 7 – Dançarino de Breacking nas ruas de Nova York. Foto extraída do site <http://www.dancaderua.com/extras/historias/historia-da-danca-breaking/>.

Foto 8 – Pannel confeccionado pelo grafiteiro Gorpo. Foto extraída do arquivo pessoal do autor.

Foto 9 – Na primeira foto, Nelson Triunfo e Gerson King combo, na segunda, Nelson Triunfo, Gerson King Combo e James Brown. Foto extraída do site <http://www.oixo.com/search/?q=Youtube%20james%20brown>

Foto 10 – Representantes do Ministério da cultura e do Governo do Estado da Paraíba. Foto extraída do site <http://inrecife.wordpress.com>

Foto 11 – Logomarca do I encontro nacional de rappers e repentistas. Foto extraída do site <http://inrecife.wordpress.com>

Foto 12 – Centro da cidade de Campina Grande na década de 1930. Foto extraída do site <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

Foto 13 – Vista parcial da cidade de Campina Grande. Foto extraída do site <http://ts1.mm.bing.net>

Gráfico 1 – Representação gráfica da situação demográfica da cidade de Campina Grande. Gráfico extraído do site <http://www.ibge.gov.br/> (Fonte: Censo Demográfico (IBGE) 1970, 1980, 1991 e 2000.)

Foto 14 – Panfleto da festa Hy-P, realizada na cidade de Campina Grande. Foto extraída do arquivo pessoal do autor.

Gráfico 2 – Representação gráfica ilustrando o processo de formação do NH2C.

Foto 15 – Divulgação em um dos principais jornais da cidade de um grafite realizado pelo grafiteiro Thayroni na cidade de Campina Grande no ano de 200. Foto extraída do arquivo pessoal do autor.

Foto 16 – Folha da ata de uma das reuniões do NH2C. Documento cedido pelos integrantes do NH2C.

Tabela 1 - Disposição dos cargos do NH2C de acordo com o elemento cultural

Foto 15 – 1ª opção de Logomarca do NH2C.

Foto 16 – 2ª opção de Logomarca do NH2C.

Foto 17 – Logomarca da Zulu Nation. Foto extraída do site <http://www.conexaobrasilhiphop.com>

Foto 18 – Logomarca do Movimento Organizado do Brasil.

Foto 19 – Logomarca do Movimento Organizado do Ceará.

Foto 20 – Princípios filosóficos do NH2C. Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 21 – Matéria em um dos principais jornais da cidade sobre a realização de um dos projetos do NH2C. O documento faz parte do arquivo pessoal do autor.

Foto 22 – Projeto realizado pelo NH2C – Projeto expedição – Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 23 – Rifa para arrecadação de dinheiro para a confraternização do NH2C. Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.

Foto 24 – Desenho feito pelo grafiteiro Esponja, para denunciar o aumento de drogas na cidade de Campina Grande. Documento extraído do arquivo pessoal do NH2C.